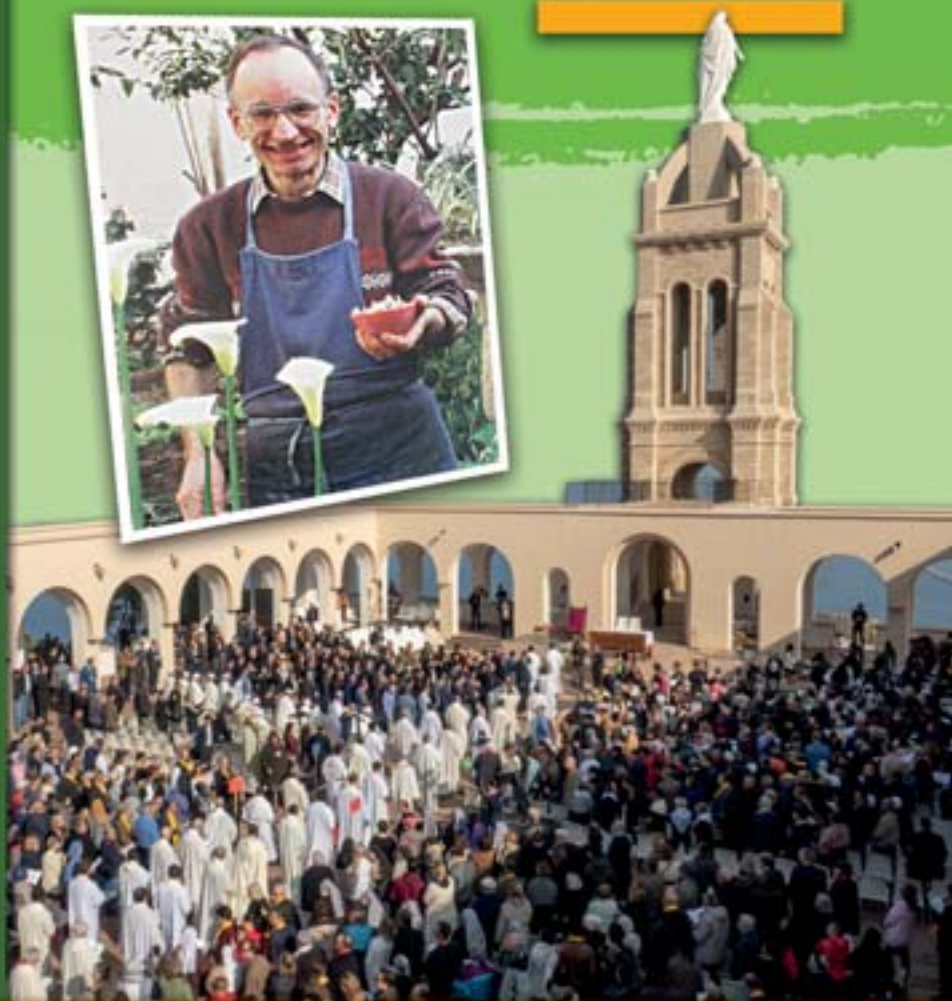


# Cadernos **MARISTAS**





# ÍNDICE **DAS MATÉRIAS**

## 3 **EDITORIAL** *Ir. André Lanfrey*

## ■ **ESTUDOS**

### 5 Forjado na Fornalha do Amor de Deus: A influência de São Francisco de Sales na espiritualidade de São Marcelino Champagnat *Ir. Paul Creevey*

[paul.creevey@marists.org.au](mailto:paul.creevey@marists.org.au)



### 25 Como se forja um fundador? (2a parte) A formação de Marcelino no Seminário Maior *Ir. Manuel Mesonero Sánchez*

[manuelmesonero@maristasiberica.es](mailto:manuelmesonero@maristasiberica.es)



### 41 Os projetos da Sociedade de Maria em Charlieu em 1824 e 1829. O pároco de Perreux e o Padre Courveille *Ir. André Lanfrey*

### 55 O Irmão Louis e sua própria concepção da Sociedade de Maria *Ir. André Lanfrey*

[andrelanfrey@orange.fr](mailto:andrelanfrey@orange.fr)



### 71 Meio século de Comunicações Maristas. Notas para a história das comunicações maristas institucionais na segunda metade do século XX *Ir. Antonio Martínez Estaún*

[amestaun40@gmail.com](mailto:amestaun40@gmail.com)



## DOCUMENTOS

- 87 Uma carta inédita do P. Champagnat (1837)  
no contexto da fundação da escola de La Voulte  
*Ir. André Lanfrey*
- 103 Algumas pistas para descobrir os “lugares maristas”  
de Roma, significativos para o Irmão François  
*Ir. Antonio Martínez Estaún*

## NOTAS BREVES

- 110 O cemitério renovado de L’Hermitage  
*Ir. Michel Morel*

## IN MEMORIAM

- 126 Irmão Louis Richard  
*Ir. André Lanfrey*

Fotos da Capa: foto da beatificação dos 19 mártires da Argélia, no Santuário de Santa Cruz, em Oran, em 8 de dezembro de 2018.  
Entre os beatos está o Ir. Henri Vergès, Irmão Marista

### FMS Cadernos Maristas

No 37 Ano XXIX  
Maio de 2019

### Responsável de redação:

Comissão de Patrimônio

### Diretor de comunicação:

Luiz Da Rosa

### Colaboradores nesse número:

Ir. André Lanfrey  
Ir. Antonio Martínez Estaún  
Ir. Manuel Mesonero Sánchez  
Ir. Michel Morel  
Ir. Paul Creevey

### Tradutores:

Ir. Aloisio Kuhn,  
Ir. Anthony Hunt,  
Ir. Antonio Aragón,  
Ir. Carlos Martín,

Dina Hajje,  
Ir. Gilles Hogue,  
Ir. Manuel Silva,  
Marta Graupera,  
Mary Berchmans,  
Ir. Miro Reickziegel,  
Ir. Moisés Puente,  
Ir. Ralph Arnell,  
Ir. Rogerio Mateucci,  
Ir. Roque Brugara,  
Ir. Salvador Durante,  
Sergio Suchodolak



**André Lanfrey,**  
fms

## EDITORIAL

Este número 37 dos Cadernos Maristas é o último preparado pela equipe de patrimônio designada pelo Ir. Emili Turú. Por isso, não propomos, nesta edição, um tema específico. Entretanto, nos quatro artigos que tratam das origens maristas, dois dos autores, sem se consultarem mutuamente, escolheram a imagem da forja para contar como Francisco de Sales e a formação do seminário de Santo Irineu modelaram o Padre Champagnat. A imagem da forja seria também relevante, mas privilegiando seu aspecto mais violento, para os dois artigos seguintes, nos quais exponho um aspecto pouco conhecido da rivalidade entre Courveille-Champagnat sobre a fundação de Charlieu; mas também, e isso me parece mais recente, o desacordo entre os Irmãos Louis e Champagnat sobre a natureza da Sociedade de Maria.

O último artigo sobre a história recente das comunicações no Instituto, por um de seus principais autores, dá um pouco de equilíbrio para

que esse número não seja focado unicamente nos anos 1817-1840.

Na categoria dos documentos, apresento, de maneira extensa, uma carta inédita do Padre Champagnat, datada de 1837. Embora não seja de grande importância, ela nos dá a oportunidade de evocar os laços entre o Padre Champagnat e a Diocese de Viviers, antes da fusão com os Irmãos desta Diocese.

O Irmão Francisco dedicou grande parte de um de seus Cadernos à sua estada de vários meses em Roma, em 1858, para obter a aprovação da Congregação. O Irmão Antonio Martínez Estaún destacou os lugares e a cronologia desse piedoso turismo, acompanhando suas numerosas iniciativas, que nos apresentam o Irmão Francisco sob uma luz bastante particular.

Entre as notícias breves, destacamos a inauguração do Cemitério de L'Hermitage, um grande monumento patrimonial. E queremos particularmente honrar a memória do Irmão

Louis Richard, recentemente falecido, que tanto trabalhou para tornar acessíveis os documentos maristas.

Desejamos boa sorte à nova equipe do Patrimônio Marista indicada pelo Conselho Geral.

# FORJADO NA FORNALHA DO AMOR DE DEUS:

## A influência de São Francisco de Sales na espiritualidade de São Marcelino Champagnat



Paul Creevey, fms

### RESUMO

A reforma católica na Europa trouxe consigo uma renovação da vida devocional dos fiéis católicos no final do século XVI. Começando com os místicos espanhóis e a Sociedade de Jesus, havia um forte desejo por uma experiência pessoal da pessoa de Jesus e uma busca de santidade pessoal. Um dos resultados dessa renovação foi a fundação de uma ‘escola de espiritualidade’ que os historiadores de hoje chamariam de corrente beruliana. Sob a direção do Cardeal Pierre de Bérulle, o misticismo espanhol foi trazido para o domínio da consciência religiosa francesa. A partir dessa influência beruliana, surge na França o trabalho de Jean Jacques Olier, o fundador dos Sulpicianos, e de Jean Eudes, o fundador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e Maria. Muito já foi escrito sobre a influência dessas pessoas na espiritualidade de Marcelino Champagnat, especialmente a influência dos Sulpicianos. No entanto, o objetivo específico deste artigo é fornecer al-

gumas reflexões iniciais sobre a influência de um ‘terceiro’ componente da devoção popular que surgiu ao mesmo tempo, que a “escola beruliana”: a de São Francisco de Sales. Este artigo tentará argumentar que a espiritualidade Marista, deixada para nós por Marcelino, tem dentro de si, não apenas influências berulianas, mas uma forte influência do legado de São Francisco de Sales.

### 1. INTRODUÇÃO: UM CONTEXTO PARA A ESPIRITUALIDADE MARISTA

Desde o Vaticano II, as comunidades religiosas têm tentado discernir e articular mais claramente o carisma de seus respectivos fundadores, enquanto tentam revitalizar e tornar relevante seu papel na missão da Igreja em um mundo pós-moderno. Como o *Decreto sobre a Conviniente Renovação da Vida Religiosa* declara: “Serve aos melhores interesses da Igreja que as comunidades

tenham seu próprio caráter e propósito especiais. Por isso, o reconhecimento leal e a salvaguarda devem ser concedidos ao espírito dos fundadores, como também a todos os objetivos e tradições particulares que constituem a herança de cada comunidade”.<sup>1</sup>

É fundamental, para entender o carisma de um fundador dentro de uma herança religiosa particular, poder articular a espiritualidade dessa herança. A palavra espiritualidade é bastante misteriosa. Etimologicamente a palavra deriva do latim, *spiritus*, que significa “sopro, vida, espírito” e, assim, no seu sentido mais amplo, diz respeito àquilo que dá vida em face de algumas questões fundamentais da vida. O apelo moderno à espiritualidade tem conquistado a imaginação das pessoas contemporâneas para abranger a busca pelo espiritual, mais do que uma atração a uma religião organizada específica ou a uma teologia sistemática. Ao focar a atenção na experiência prática, realista, vivida por pessoas humanas, a espiritualidade hoje é vista como “um arco mais inclusivo, tolerante e flexível sob o qual perseguir os mistérios do espírito humano e do sagrado. A espiritualidade tornou-se ecumênica e inter-religiosa e não o objeto de uma tradição particular”.<sup>2</sup>

A espiritualidade cristã então descreve um modo particular de responder à realidade última da vida, reconhecendo o Espírito de Deus transmitido ao mundo e, em última instância, está relacionado às Escrituras e, em particular, a Jesus divino-humano. Deve ser vivido dentro do contexto da fé e prática da Igreja universal. Como Schneiders afirma de forma tão sucinta:

“Quando o horizonte do valor final é o Deus trinitário revelado em Jesus Cristo e comunicado através de seu Espírito Santo, e o projeto de autotranscendência é a vivência do mistério pascal dentro do contexto da comunidade da igreja, a espiritualidade é especificamente cristã. Por exemplo, o monoteísmo Trinitário, a encarnação, uma moralidade baseada na dignidade da pessoa criada na imagem e semelhança de Deus, a sacramentalidade, são características constitutivas da espiritualidade cristã.”<sup>3</sup>

De uma perspectiva diferente, o Irmão Charles Howard, ex-Superior Geral dos Irmãos Maristas, retomou esse tema em sua Circular sobre a Espiritualidade Apostólica Marista:

“Nossa espiritualidade (cristã) abraça tudo o que somos, todos os elementos que compõem a nossa vida – nossos relacionamentos, nossos dons, nossas alegrias e nossas tristezas, nossos sonhos e nossos humores, nossas lutas e nossos fracassos – tudo. Os cristãos, vemos a face, a

<sup>1</sup> “Decree on the Appropriate Renewal of Religious Life” in *The Documents of Vatican II*, W.M. Abbott, ed., New York: American Press, p.468.

<sup>2</sup> Valerie Lesniak. “Contemporary Spirituality”. In: *The New SCM Dictionary of Christian Spirituality*, ed. Philip Sheldrake, London: SCM Press, 2005, p. 8.

<sup>3</sup> Sandra Schneiders. “Christian Spirituality: Definitions, Methods and Types”. In: *The New SCM Dictionary of Christian Spirituality*, ed. Philip Sheldrake, London: SCM Press, 2005, p. 1.



mão, a palavra, o sopro de Deus em todos os aspectos de nossa vida humana, e da criação e além da própria vida<sup>4</sup>.”

Nossa espiritualidade cristã contém então dois elementos. Primeiro, há o sentido do ‘além em nosso meio’ ou o ‘fundamento de nosso ser’ que nos leva a buscar Deus em todas as coisas e em todos os aspectos da vida. Segundo, é a resposta humana à presença do divino através do qual podemos entender o significado sacramental de eventos, pessoas e coisas que se tornam para nós um lugar de encontro com Deus.<sup>5</sup>

Para muitos membros da Igreja, essa espiritualidade Cristã é frequentemente revelada pelo testemunho e exemplo de um dos muitos santos em nossa rica herança. Como o Papa Pio XII disse: “Você sabe que a espiritualidade de um santo é o caminho próprio para ele visualizar Deus: de falar com Ele e de se relacionar com Ele. Cada santo vê os atributos de Deus por meio de um atributo especial, no qual ele se concentra e trabalha, o que o atrai poderosamente e conquista seu coração... então há uma teologia particular, um modo particular de contemplar Jesus”.<sup>6</sup>

Em cada época da história, o Espírito Santo inspira certo estilo de presença, um modo de estar com e para Deus no mundo. Marcelino Champagnat tinha consciência da presença desses carismas e da importância deles, não só do Instituto dos Irmãos Maristas, mas também de todos aqueles que escolheram uma posição particular em relação à vida, uma paixão por Deus e compaixão pelo povo de Deus. É por isso que Marcelino resistiu fortemente às tentativas das autoridades diocesanas em Lyon de se unirem a outra congregação.

“Excelência, meus irmãos e eu estamos em suas mãos e o senhor pode fazer o que quiser conosco. Quanto à fusão que me propõe, tal união, na minha opinião, seria a ruína de nossa sociedade e provavelmente também dos Irmãos Saint-Viateur. Digo isso porque as duas congregações têm um espírito totalmente diferente, remanejamos seus membros diferentemente, foram fundadas em circunstâncias diferentes e têm regras totalmente opostas. Seria o fim de nossos Irmãos e os obrigaria a voltar ao mundo, se lhes pedissem que renunciassem às suas regras, às suas vestes, ao seu método de ensino e seu modo de vida, a fim de retomar a de outra Congregação, não importa qual delas. Conhecendo a situação, como eu, Excelência, não posso em consciência, apoiar a proposta. Se o senhor insistir, não me oponho, mas me inclino à

<sup>4</sup> Howard, Brother Charles. Fms. *Marist Apostolic Spirituality*. In: Circular of the Superior General: Marist Brothers of the Schools, Volume XXIX, March 25, 1992.

<sup>5</sup> Para uma excelente discussão desses dois aspectos da Espiritualidade Cristã, ver Capítulo 1 de Barbara Bowe, *Biblical Foundations of Spirituality: Touching a Finger to the Flame*, Lanham & New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2003, pp. 9-21.

<sup>6</sup> Papa Pio XII, da Homília pela Beatificação do Beato Marcelino Champagnat, Roma, 29 de maio, 1955.

sua vontade, como é meu dever; porém, temo pelas consequências<sup>7</sup>”.

Cada pessoa tem um sentido do espiritual, uma compreensão de que, de certo modo, nos transcendemos: talvez seja admiração e fascínio diante do poder, uma beleza ou um mistério que está além de nós: especialmente diante do mistério supremo da existência. Como a mente humana rejeita a ausência de propósito na existência humana, a busca é descobrir “o fundamento de todo o ser”. É uma busca vital para a própria existência da humanidade e está essencialmente relacionada a Deus como a fonte última e a explicação da vida. Isso dá esperança que há a promessa de salvação eterna por meio da graça e misericórdia de um Deus compassivo. Para Marcelino Champagnat, para os padres da Igreja, para os apóstolos, para Jesus e Maria, a fonte última de todo ser era Deus e o propósito da vida humana era descobrir esse Deus e servi-lo, vivendo uma vida autêntica em sua própria vocação particular.

Desde o tempo de Marcelino, os Maristas estão convencidos de que seguir Jesus no caminho de Maria é uma maneira privilegiada de levar nossa caminhada cristã à plenitude. Para a espiritualidade marista, Jesus é o rosto humano de Deus. Marcelino ensinou aos primeiros irmãos:

“Tornar Jesus conhecido e amado é o objetivo de nossa vocação e a finalidade do Instituto. Se fracassássemos nesse propósito, nossa congregação seria inútil.”<sup>7</sup> Em tudo isso, a espiritualidade marista tem uma crescente consciência de Maria como nossa irmã na fé, uma mulher que tem uma fé prática e realista, uma mulher que foi perturbada e intrigada por Deus, que foi desafiada a confiar e dar sem conhecer todas as respostas, cuja vida de fé é um caminho de oração e de confiança. A espiritualidade marista, ao olhar para a pessoa de Maria como modelo para nossa vida cristã, traz à Igreja um desejo de que as pessoas possam experimentar o rosto materno da Igreja<sup>8</sup>.

A espiritualidade única de Marcelino não é algo que lhe veio em um momento específico de revelação. Foi matizada através de sua educação familiar em uma região que tinha uma longa história de devoção à Maria, sua leitura espiritual, seus diretores espirituais, seu tempo crescendo em uma aldeia rural e depois sendo um sacerdote entre eles, seu treinamento e convivência com os primeiros irmãos, seus sonhos para a Sociedade de Maria, e por meio da experiência de viver através da turbulenta agitação social, política e religiosa de seu tempo. Foi a experiência de toda uma vida passada em oração e na presença de Deus. Em outras palavras, sua espiri-

<sup>7</sup> Ir Jean-Baptiste Furet, *Vida*, p. 312.

<sup>8</sup> Para uma melhor compreensão do sentido desse rosto mariano de ser Igreja, ver o artigo de Angelo Ricordi, “O rosto Mariano da Igreja: sua história e recepção no Instituto dos Irmãos Maristas”, *Cadernos Maristas*, n° 36, Maio 2018, p. 21-31.

tualidade foi esculpida no núcleo do seu ser, sendo forjada na fornalha do amor de Deus.

## 2. A “ESCOLA FRANCESA” DE ESPIRITUALIDADE

### 2.1 Origem do Misticismo Espanhol

Na segunda parte do século XVI, a França foi dilacerada pelas violentas guerras religiosas entre os católicos e os protestantes huguenotes que deixaram o país completamente devastado. A paz finalmente chegou à França com o rei Henrique IV abraçando o catolicismo e emitindo o Edito de Nantes em 1598, que ampliava a tolerância religiosa. A França sobreviveu à ameaça do calvinismo, mas a condição religiosa geral do país exigia reformas e renovações muito necessárias. A maior parte do clero era simples camponeses sem uma boa formação teológica ou, muitas vezes, frouxa para viver uma vida moral exemplar.

O despertar espiritual da contra-reforma espanhola no século XVI, por meio da espiritualidade de Teresa de Ávila, João da Cruz e Inácio de Loyola, tornou-se uma fonte de inspiração para o alvorecer de um novo encontro com o divino na França cristã. O Cardeal Pierre de Bérulle (1575-1629), juntamente com um número de várias outras pessoas santas, foi atraído para

este reavivamento espiritual e, no vazio que havia sido deixado, começou a formular uma nova maneira de viver a mensagem do Evangelho no contexto francês. Essa escola francesa de espiritualidade teve sua expressão única e muitos historiadores veem que, ao longo dos três séculos seguintes, essa “corrente” Beruliana passou a dominar a maneira como a “espiritualidade” era articulada e praticada.

Mais ou menos na mesma época que o Cardeal de Bérulle, Francisco de Sales (1567-1622), nascido no Ducado de Saboia, agora parte da Haute-Savoie, França, era uma figura vital nesse “despertar espiritual”, embora ele não seja considerado oficialmente como parte da “escola” Beruliana. Educado em Paris pelos Jesuítas (1583-1588), frequentou a Universidade de Pádua onde recebeu seu doutorado em Direito e Teologia (1592). Ele encontrou Bérulle várias vezes em Paris e por algum tempo foi o confessor de Madame Acarie. De Sales também era amigo íntimo da família Olier, ungindo Jacques Olier, o fundador dos Sulpicianos, quando jovem.

*A introdução à vida devota de Francisco de Sales e o Tratado sobre o amor de Deus* são dois livros que tiveram uma forte influência no desenvolvimento de uma busca pela santidade pessoal. Ambos os “clássicos” da “espiritualidade” francesa estavam na biblioteca pessoal de Marcelino Champagnat.<sup>9</sup> Portanto,

<sup>9</sup> Para uma lista dos livros de sua biblioteca pessoal, no momento de sua morte, ver Romuald Gibson, *Padre Champagnat: O homem e sua espiritualidade*, Roma: Casa Geral Marista, 1971. Anexo 1.

para que se possa ter uma compreensão mais profunda da “espiritualidade” de Marcelino, deve-se considerar, então, quaisquer diferenças entre a “escola” beruliana e a espiritualidade evidenciada nos escritos de São Francisco de Sales.

Um comentário final nesse contexto histórico é o importante papel das mulheres no desenvolvimento dessa tradição espiritual francesa. Madame Acarie com o Cardeal Pierre de Bérulle; Madre Inês de Jesus com Jean Jacques Olier; Marie des Vallées e São João Eudes; Santa Luísa Marillac com São Vicente de Paula; Claude de la Colombière e Madre Margarida Maria Alacoque; São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal e, mais tarde, o Padre Colin e a Madre São José (Jeanne Marie Chavoin). O papel das mulheres na formação da espiritualidade desse período é um aspecto importante da abordagem realista, equilibrada, aberta e compassiva adotada pela escola francesa para desenvolver e sustentar a vida de fé tanto dos indivíduos quanto da comunidade em geral, em um mundo em rápida mudança.

Muitas dessas mulheres estiveram envolvidas na missão apostólica da Igreja, que deu ao povo um rosto de fé vivido em ação. Também é possível que isso tenha desempenhado um papel significativo no lugar importante que Maria assume dentro dessa renovação espiritual.

## 2.2 Características Espirituais da Escola de Espiritualidade Beruliana

A grandeza e a bondade de Deus estão no coração da tradição cristã: tanto sua transcendência quanto sua imanência. Através da Idade Média e da Escolástica, a tradição católica romana era fortemente teocêntrica em suas ênfases. O foco estava na palavra Encarnada – uma abordagem teocêntrica que claramente centrada na benevolência de Deus em se tornar humano na pessoa de Jesus. Havia uma clara ênfase, até o tempo da Reforma, no fato de que é para Deus que devemos olhar e não para nós mesmos. A Reforma e seu apelo por uma confiança maior nas Escrituras reacenderam a consciência da imanência de Deus e não apenas sua transcendência.

Foi nessa época que o cristocentrismo da escola francesa se consolidou especialmente por meio do evento da Encarnação. Para os praticantes da escola francesa, a revelação do Deus invisível é, em última instância, cognoscível no e por meio do Verbo Encarnado que é Jesus. De certa forma, a escola francesa cristalizou o padrão “*exitus-reditus*” do neoplatonismo. Nós viemos de Deus (*exitus*) e encontramos a satisfação de nosso ser ao retornar a nossa origem (*reditus*) por meio da obra divinizadora do Espírito. A nossa vida reflete Cristo, “somos feitos à imagem

e semelhança de Deus” (*Gn 1,26*). É também trinitário, pois olha para a unidade das pessoas divinas. A “unidade da essência” divina é revelada como uma “unidade de amor”. No caso da Encarnação, “Deus que é a unidade conduz a todos à unidade, e em distintos graus de unidade, Ele vem e desce em direção ao homem para que ele possa ascender a Deus. Deus, criando e formando todas as coisas, as envia de volta e as conecta a si mesmo... um movimento mais íntimo para a criatura do que para seu próprio ser.”<sup>10</sup> Parece que quanto mais as pessoas meditavam sobre o mistério da Encarnação, mais elas passavam a experimentar a presença de Deus como amor, real e ativo. Essa foi a origem do elemento “místico” da escola francesa. Como Thompson explica: “Correspondendo ao acento cristológico-soteriológicos da escola francesa é uma visão e prática da vida espiritual cristã como uma luta entre sintonizar-se com o nosso ser mais profundo e o fracasso oposto em permanecer à procura... Com isso, surge o sentido nosso ‘nada’ quando estamos separados de Deus.”<sup>11</sup>

Nosso ferimento na vida pelo pecado aprofunda nossa necessidade de Cristo; e nosso retorno a Deus é por meio da mediação do mistério pascal de Cristo. Mas, para toda a humanidade, Jesus Cristo é a reve-

lação insuperável de Deus. Como tal, havia uma consciência aguda de nossa natureza humana como uma criatura, frágil longe de Deus. Como consequência, uma preocupação e um anátema sobre a realidade do pecado humano apareceram. A negação do corpo era um meio de se comprometer no resgate da alma da pecaminosidade do corpo. Assim, o tema da “adesão a Cristo” nessa tradição assume grande importância. Um cristão adere a Cristo buscando conscientemente conformar toda a sua vida a vida interior de Jesus nos vários estados do Verbo Encarnado.

Para Bérulle, esses estados eram aqueles momentos em que a vida terrena de Jesus estava em uníssono com a vontade divina; o nascimento, a infância, a vida, a morte, a ressurreição e as aparições de Jesus. Cada fato ou mistério na vida histórica do verbo Encarnado envolve uma ação que está terminada e não será repetida. Falando desses mistérios Bérulle escreveu:

“Eles pertencem ao passado em execução, mas estão presentes em sua virtude: e essa virtude jamais passará nem o amor com o qual eles foram cumpridos. Pois a encarnação do Verbo é a base e o alicerce... da deificação de todos os estados e mistérios que compartilham a vida e a caminhada terrena do Filho de Deus sobre a terra... Jesus... deseja que tenhamos uma participação única nesses vários estados,

<sup>11</sup> Pierre de Bérulle citado em *Bérulle e a escola francesa: escritos selecionados*, Os Clássicos da Espiritualidade Ocidental, editado por William M. Thompson, New York: Paulist Press, 1989, p. 33.

<sup>12</sup> William M Thompson, *Bérulle*, p. 39-40.

de acordo com a diversidade de sua vontade para nós e nossa piedade para com ele.”<sup>12</sup>

Enquanto os espanhóis contemplavam tanto a divindade como a humanidade de Jesus, a escola francesa enfatiza como o Filho divino brilha através do estado humano. A escola francesa mostra que estamos envolvidos, não em uma fuga para o transcendente, mas em um movimento eclesial para a vida interpessoal da Trindade por meio da mediação de Jesus Cristo. O trinitarismo da escola traz a realidade amorosa, interpessoal de Deus, um amor que quebra as defesas humanas com sua beleza. Como já está implícito, se a corrente beruliana pode acentuar nosso nada e o pecado humano, também pode celebrar nossa grandeza. Pois, como vimos, a humanidade está tendendo ultimamente para Deus e, assim, em nosso ser, refletimos a Trindade.

Outro aspecto claro da espiritualidade e teologia da escola francesa é uma preocupação com a renovação espiritual e teológica dos indivíduos e com ela o clero. Há claramente um acento no crescimento pessoal e íntimo do indivíduo na interioridade. No entanto, como Thompson afirma sucintamente: “Para Bérulle, não se pode separar teologia da espiritualidade e é preciso ver como eles entenderam a realidade do pecado e do

evento de Cristo para apreciar sua práxis espiritual.”<sup>13</sup>

A ênfase acentuada sobre a dimensão da profundidade interior dos estados de Jesus, e nossa própria apropriação interior deles, estabeleceu bases modernas para uma articulação cristã sobre a natureza da pessoa humana contra o surgimento das forças do humanismo. A escola francesa pavimentou o caminho para a Igreja mais ampla articular o chamado universal à santidade que tanto sintetizava a missão de Jesus. Jesus era um homem de oração que lhe permitiu conectar-se com a fonte de seu ser. No entanto, foi também essa oração que levou a missão a todas as pessoas que estavam abertas à palavra de Deus ou precisavam de cura espiritual ou física. Isto criou o desafio de unir uma espiritualidade profunda à eclesiologia e ao ministério, especialmente no modo como a população como um todo experimentou a vida sacramental da Igreja.

### **2.3 A espiritualidade defendida por Francisco de Sales e a corrente beruliana**

Uma consideração inicial dessas duas correntes mostra que elas tinham muito em comum, particularmente a preferência por uma dimen-

<sup>12</sup> Pierre de Bérulle, “Discurso sobre o estado e grandezas de Jesus”, em William M. Thompson, *Bérulle*, p.116.

<sup>13</sup> William M. Thompson, *Bérulle*, p. 35.

são cristocêntrica em vez de teocêntrica: um Cristo imanente ao Criador transcendente. No entanto, há três diferenças ‘sutis’ que podem ser identificadas em suas perspectivas espirituais.

Primeiro, houve um esclarecimento da diferença entre espiritualidade apostólica e contemplativa. Tradicionalmente, os contemplativos seguem um caminho passivo de discipulado. Envolve o desejo de uma pessoa por Deus e o esforço para se tornar presente e consciente da presença total de Deus. Essa busca por Deus é vivida na solidão ou por meio de comunidades religiosas e, geralmente, envolve uma separação da sociedade. A espiritualidade apostólica é, pelo contrário, um modo ativo de discipulado. No coração está a certeza de que alguém foi enviado ao mundo para anunciar, tanto em palavras como em ações, o poder salvador de Deus. O convite é para encontrar Deus através da ordinariedade do mundo.

A escola francesa era inegavelmente mais contemplativa em sua visão. Foi São Francisco de Sales (1567-1622), contemporâneo de Bérulle, que em seu trabalho precursor, *Introdução à vida devota*, restaurou a crença primordial da Igreja Apostólica, o chamado universal à santidade:

“Quase todos os que escreveram sobre a vida devota tiveram principalmente em vista pessoas que deixaram completamente o mundo; mas meu objetivo

é ensinar aqueles que estão vivendo em cidades, na corte, em suas próprias casas e cujo chamado os obriga a uma vida social, que, muitas vezes sob o pretexto de uma suposta impossibilidade, não querem pensar sobre a vida devota... [Estes] podem encontrar uma fonte de devoção em meio às ondas amargas da sociedade e pairar entre as chamas das luxúrias terrenas sem chamuscar as asas dos desejos sagrados da vida devota<sup>14</sup>”.

No entanto, ambas as abordagens compartilham um entendimento comum de que a espiritualidade cristã autêntica será necessariamente contemplativa e apostólica. As duas abordagens reverenciam a misteriosa alteridade de Deus e reconhecem o Espírito e a presença de Deus no coração de toda a vida. Ambas abraçam o desígnio e o propósito de Deus para a vida do mundo, que se manifesta especialmente no ministério de Jesus.

A segunda questão era que dentro da abordagem da vida espiritual havia claramente uma mudança de uma espiritualidade apofática para uma catafática. A espiritualidade apofática afirma a incognoscibilidade absoluta de Deus e rejeita todas as tentativas conceituais de nomear, simbolizar, ou falar sobre Deus em imagens concretas. É o caminho para Deus através da negação e do abandono de imagens, através da escuridão e da entrega ao desconhecido. A espiritualidade catafática afirma que Deus, o criador, pode ser conhecido por analogia, por meio de imagens, símbolos, e conceitos ex-

<sup>14</sup> São Francisco de Sales. *Introdução à vida devota*. Vintage Spiritual Classics, New York: Vintage Books, 2002, p. xxxvii.

traídos da experiência humana no mundo criado. No coração está a crença que Deus é um Deus revelador que procura tornar conhecido o Eu divino para o mundo.

Bérulle e a escola francesa eram claramente mais apofáticos em suas perspectivas. Com o tempo, essa vertente levou ao desenvolvimento na França de espiritualidade fortemente ascética. Uma ênfase excessiva dessa abordagem levou a duas formas extremas de espiritualidade, ambas condenadas pela Igreja. Primeiro, o Quietismo, que era uma forma extrema de passividade espiritual, que entrega todas as faculdades humanas ao divino, levando à negação do papel da ação humana na salvação. Segundo, o jansenismo que trouxe consigo um forte rigorismo moral reconhecendo que no nada e no pecado na presença de Deus, só se pode aliviar por meio da busca da máxima pureza do esforço moral.

A espiritualidade de Francisco de Sales era mais catafática em sua perspectiva. Na tradição de Sales é uma espiritualidade de amor mais enraizada no mundo visível. É uma espiritualidade prática e realista que se encontra no viver da ordinariedade do cotidiano. Aqui, um coração inflamado com o amor de Deus é essencial, um amor alimentado pela oração e participação na vida sacramental da Igreja. Toda forma de comunicação – pregação, ensino, escrita, orientação

espiritual, conversão diária – é potencialmente um meio através do qual o coração pode falar ao coração, e o amor de Deus ser inflamado. Encontramos aqui o desejo paulino do coração quando ele identifica os dons do espírito. “Os frutos do espírito são amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, confiança, gentileza e domínio de si; contra estas coisas não há lei” (*Gal 5,22*), pois, como diz São Paulo: “Agora o Senhor é o Espírito e onde o Espírito do Senhor está, há liberdade.” (*2 Cor 3,17*)

Uma terceira consideração é que, enquanto Bérulle e de Sales são semelhantes em sua perspectiva teológica, em sua avaliação da natureza da condição humana, uma grande diferença pode ser delineada. Na corrente beruliana havia pouca atração por um espírito de humanismo e isso é manifestado em seu pessimismo sobre a natureza humana. Eles acreditavam que um espírito de abnegação levaria alguém a ter uma estimativa muito baixa de todas as coisas criadas, e especialmente de si mesmo, e uma ideia muito elevada de Deus. A corrente beruliana possuía uma sensibilidade enfática à fragilidade da humanidade à parte de Deus. “O estado ao qual fomos reduzidos pelo pecado de nosso primeiro pai... é deplorável... Pois nesse estado possuímos direitos apenas ao nada e ao inferno, e nós não podemos fazer nada senão pecar, e nós somos apenas um nada oposto a Deus”<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Pierre de Bérulle citado em *Bérulle e a escola francesa: escritos selecionados*, p. 47.



A posição de Francisco de Sales contrai esse pessimismo. Há um forte espírito de otimismo em toda sua visão. Ele estava bem ciente da fraqueza e da fragilidade humana, mas sua ênfase era muito mais em nossa restauração em Cristo. O amor de Deus era o fundamento da sua própria vida, e ele procurou fazer com que esse amor de Deus vivesse nos corações das pessoas que ele encontrou de todas as esferas da vida. Como diz de Sales:

“Embora nossa natureza humana... esteja gravemente ferida pelo pecado, ainda assim a nossa santa tendência é amar a Deus acima de todas as coisas, assim como a luz natural que nos mostra que Sua bondade soberana é mais amável do que qualquer outra coisa. Nem é possível que um homem que pensa atentamente sobre Deus, não deixe de experimentar certo ‘élan’ de amor que desperta no fundo de nosso coração.”<sup>16</sup>

Central para a espiritualidade otimista de Sales é que os seres humanos são criados por e para o Deus de amor e dotado de um desejo de retornar amorosamente a Deus. Esse direcionamento de Deus é descoberto no coração – o núcleo dinâmico e holístico da pessoa.

Tanto a corrente Beruliana como a de Sales procurava levar os cristãos comuns a uma vida interior plena e fervorosa que proporcionasse sustento a sua vida cotidiana. No entan-

to, Sales, em sua “*Introdução à vida devota*”, procurou estender a busca da perfeição muito além do contexto monástico ou da elite intelectual e educada. A verdadeira devoção é simplesmente o amor verdadeiro de Deus que “não apenas nos leva a fazer o bem, mas também a fazê-lo com cuidado, com frequência, e prontamente.”<sup>17</sup> Essa vida de devoção é possível para qualquer pessoa, exceto “o cavalheiro, o trabalhador, o servo, o príncipe, a viúva, a jovem, e a mulher casada que a praticam de forma diferente... também deve ser adaptada à força, responsabilidades e deveres de cada pessoa.”<sup>18</sup>

### 3.A LIGAÇÃO ENTRE A ESPIRITUALIDADE DE MARCELINO CHAMPAGNAT E FRANCISCO DE SALES

A marca registrada de um santo é aquela que pode apropriar-se daqueles elementos da rica tapeçaria na vida espiritual da Igreja através dos séculos e torná-los unicamente seu. Sua consciência do amor de Deus lhe permite viver autenticamente sua vocação única e, em resposta, mover-se em missão para promover o reino de Deus entre as pessoas de todas as nações. Marcelino Champagnat foi formado no Seminário de Santo Irineu e, sem dúvida, foi exposto e forma-

<sup>16</sup> São Francisco de Sales. *A arte de amar Deus*. Manchester, NH: Sophia Institute Press, 1998, p. 37.

<sup>17</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p.4.

<sup>18</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 7.

do na tradição sulpiciano. No entanto, ele foi exposto e estava ciente de outras tradições espirituais. Ele tinha uma grande devoção a São João Francisco Regis SJ, e fizera várias peregrinações ao seu santuário em La Louvesc. Toda a região de Lyon sempre teve uma forte tradição Mariana. Os livros de sua biblioteca pessoal, quando ele morreu, refletem uma profunda apreciação dos mestres espirituais. A partir de sua experiência de vida, três aspectos da espiritualidade de São Marcelino foram particularmente aprofundados por seu contato e reflexão sobre os escritos de São Francisco de Sales: a Encarnação nos leva à presença de Deus; um amor pela Eucaristia e um compromisso tanto com a oração individual como a comunitária. Esses são os três aspectos que este ensaio agora aborda.

### 3.1 Encarnação: a presença de Deus

O Capítulo V, Parte 2, da *Vida de Marcelino Champagnat* intitula-se, “O espírito de recolhimento do Padre Champagnat e o cuidado para se manter na presença de Deus”. Esse tema, que perpassa toda a espiritualidade cristã, tornou-se particularmente importante a partir do século XVII. Charles Healey observa que, por volta de 1650, o prestígio da prática da presença de Deus tornou-se tão

grande que a vida espiritual se identificou com ela. Tornou-se a “prática simples” e “caminho curto” para alcançar a perfeição. Ele viria a ser visto como parte integrante da oração contemplativa, buscando um caminho mais direto para Deus do que o das ideias. Por essa razão, a presença de Deus viria a ser vista como o objeto de uma percepção difusa, um “simples olhar”, que não é nem uma “presença real” nem uma presença imaginária, mas uma sensação vaga de que se é conhecido e amado por Deus<sup>19</sup>.

A presença é inconcebível sem relacionamento. A consciência humana só pode conceituar e descrever a experiência de Deus por analogia. Nesse contexto, somente o pensamento não nos permitirá encontrar Deus. Nós conhecemos Deus somente por meio do amor. “Os que não amam nada sabem de Deus, porque Deus é amor”. (1 João 4,7). Francisco de Sales, em sua *Introdução à vida devota*, descreve que a base do relacionamento está em verdadeira devoção. Ele afirma: “É muito importante que você entenda bem onde está a graça da verdadeira devoção; e isso porque enquanto há, sem dúvida, uma verdadeira devoção, há também muitas semelhanças espúrias e ociosas; e a menos que você saiba o que é real, você pode se confundir e desperdiçar sua energia na busca de uma sombra vazia e sem lucro.”<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Ver Charles J Healey, *Espiritualidade cristã: uma introdução ao patrimônio*, New York: St Paul's, 1999.

<sup>20</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 1.

Marcelino Champagnat, assim como Francisco de Sales, reconheceu que uma grande variedade de maneiras havia sido registrada pelos santos para realizar bem as próprias ações, a fim de adquirir a virtude – aqueles dons dados pelo Espírito como um aliado na jornada ao amor experimentado por meio da presença de Deus. Marcelino, perturbado durante um retiro, aproximou-se do pregador e perguntou se todas as variedades de métodos para realizar as ações de uma pessoa poderiam ser substituídas pelo exercício da presença de Deus. O pregador aconselhou Marcelino com as palavras de Sales. “Considere, peço-lhe, aqueles míseros espirituais; eles nunca estão satisfeitos com os exercícios que lhes são oferecidos... Eles nunca deixam de buscar novos meios de reunir toda a santidade de todos os santos em uma única santidade que eles gostariam de ter; o resultado é que eles nunca são felizes, especialmente porque não têm a força para se apegar a tudo o que tentam aproveitar, pois aquele que compreende tudo perde tudo”.<sup>21</sup>

Além disso, Sales afirma que “Deus não fez a perfeição consistir na multiplicidade de atos que fazemos para agradá-lo, mas na maneira como o fazemos, o que nada mais é do que fazer as pequenas coisas que

somos capazes de fazer por vocação, fazê-lo em amor, através do amor e por amor”.<sup>22</sup> Isso se reflete nas palavras de Marcelino para aqueles que desejavam empreender muito de cada vez: “Vá devagar, porque a virtude não consiste em prometer demais, ou em empreender grandes coisas, mas em ser fiel aos nossos deveres ordinários”. No entanto, a prática da presença de Deus era central. Como a *Vida* atesta: “[Padre Champagnat] usa para citar os dizeres de São Francisco de Sales que a presença de Deus deve ser o pão cotidiano das almas piedosas. Com isso, ele quis dizer que, assim como nós nutrimos o corpo por uma combinação de pão e muitos tipos de pratos, para o nutrimento da alma, não há ação e ainda não há mais nenhum exercício religioso que não deva ser acompanhado e santificado pela lembrança da presença de Deus”.<sup>23</sup>

A maneira de Marcelino Champagnat praticar o exercício da presença de Deus consistiu em acreditar com uma fé real e firme que Deus está presente em toda a parte. Em suas instruções e suas meditações, ele frequentemente comentava: “É em Deus que vivemos, nos movemos e temos nosso ser.” (*Atos 17,28*). Isso fica evidente em uma carta ao Ir Francisco: “Quando estou saindo de Paris? Eu não faço ideia;

<sup>21</sup> São Francisco de Sales, *Oeuvres*, X, 211 Ed Anney p. 401. Citado em *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*, de Ir Jean-Baptiste Furet, p. 296.

<sup>22</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 36.

<sup>23</sup> *Vida* de Ir Jean-Baptiste Furet, p. 298-299.

sempre que Deus quiser. Se for para a glória de Deus que eu morra em Paris, que o seu santo seja feito e não o meu. Ainda estou determinado a ver até o fim. O Padre Chanut está de partida; aqui estou sozinho com meus sonhos... do que estou falando? Um nunca está sozinho quando se está com Deus!”<sup>24</sup>

A presença de Deus manteve seu caráter em paz e tranquilidade invariáveis, apesar dos muitos desafios que enfrentou pessoalmente e na formação do Instituto. Era para ele um meio de evitar o pecado, suportar as dificuldades que possam surgir e regozijar-se no puro presente da vida e da criação. Para um Irmão que queria uma explicação do pequeno progresso que ele fez na piedade, ele escreve: “Eu sei de uma única causa; essa é a sua falta de lembrança que o faz se esquecer da presença de Deus; todas as suas falhas resultam da facilidade com que você perde a visão de Deus.” São Francisco de Sales ecoa esses pensamentos quando escreve em sua *‘Introdução’*: “Primeiro, é preciso ter a percepção de que Sua Presença é universal; isto é, que Ele está em toda a parte, e em todos, e que não há lugar, nada neste mundo, desprovido de Sua Santíssima Presença, de modo que, assim como os pássaros na asa encontram o ar continuamente, nós nos encontramos com essa Presen-

ça sempre e em todo lugar. É uma verdade que todos estão dispostos a concordar, mas nem todos estão igualmente atentos a sua importância e tão prontamente caem no descuido e irreverência.”<sup>25</sup>

A experiência de Marcelino sobre a Revolução Francesa, e para Francisco de Sales, assim como os efeitos da Reforma, mostraram aos dois santos como a humanidade pode cair. No entanto, ao apresentar a bondade de Deus e o amor de Cristo como a *razão de ser* da humanidade, eles desafiam a humanidade a se entregar ao amor. Ambos enfatizaram que a presença de Deus deve ser alimentada pelo otimismo diante do pecado humano. Como Marcelino observou:

“O homem é tão fraco que é perigoso mostrar-lhe apenas a sua fragilidade e o lado sombrio de sua alma. Para levá-lo e dar-lhe forças para combater suas más inclinações, é necessário falar-lhe de suas boas qualidades e das disposições virtuosas que a Providência colocou nele; ensiná-lo como cultivá-las e fazê-lo compreender que lhe são dadas como um remédio para seus defeitos. Ponha de lado todos os medos e problemas e pense apenas em um Deus amoroso”.

Para Sales, a vida devota abrange todo o aspecto da vida; a vida devota encontra o ideal no ordinário. Para ele, existem quatro virtudes que são comuns a todos, independentemen-

<sup>24</sup> Ver Carta 175, de 7 de março de 1838. In: *Cartas de Marcelino J.B. Champagnat*. Texto editado pelo Ir. Paul Sester (fms) e traduzido pelos Irs. Sulpício José e Ireneu Martim, fms, São Paulo: Edições Loyola, 1997.

<sup>25</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 50.

te do seu estado de vida, a saber: gentileza, temperança, modéstia e humildade. Elas não devem ser consideradas outra coisa senão o fundamento do amor de Deus colocado em ação.

O chamado para viver na presença de Deus requer nem mais nem menos que sentir-se plenamente amado por Deus. Não é apenas uma crença mental, mas uma convicção que consome o coração e a alma. Deus nos convida e nos dá a força interior necessária para viver as demandas exigidas. Como disse Marcelino: “São Tomás ensina que quando Deus confia uma missão a alguém, Ele lhe dá, ao mesmo tempo, as graças necessárias para cumpri-la adequadamente”.

O que fundamentou isso foi sua consciência da presença de Deus e a necessidade de trazer esse amor nas vidas dos simples camponeses tão profundamente afetados pelos excessos da revolução. Para ele, essa presença de Deus é permeada pela oração e pela participação na vida sacramental. É aqui que vemos tão fortemente a influência de São Francisco de Sales.

### 3.2 Amor à Eucaristia

São Francisco em sua “*Introdução*”, Parte 1, Livro 5 e em seu “*Tratado*”, Livro IV, delineia que o começo da caminhada para amar deve ser um reconhecimento de nossa condição

de pecador – aquelas ações que finalmente levam a uma ruptura do nosso relacionamento com Deus. O primeiro passo é purificar a alma e é por isso que se deve envolver na participação do Sacramento da Reconciliação. Ele também insiste que se tenha um diretor espiritual. Na Parte 2 da “*Introdução*”, Francisco de Sales fala sobre a necessidade de orações e devoções como o rosário, o Ofício Divino ou a adoração do Santíssimo Sacramento como um meio para a alma encontrar o amor não correspondido de Deus. Essas práticas são vantajosas, mas para ele a fonte última foi o Sacramento da Eucaristia. É “o Sol de todos os exercícios espirituais – o ponto central de nossa religião cristã, o coração de toda a devoção, a alma da piedade – esse mistério inefável que envolve toda a profundidade do Amor Divino.”<sup>26</sup>

O Irmão Jean-Baptiste, tanto em “*Avis, Leçons, Sentences*” como na Parte 2 da “*Vida*”, dedica não menos do que 10 capítulos a estas duas questões: primeiro, a necessidade de reconhecer o próprio pecado e ter uma abertura e prontidão para a mudança, e em segundo lugar, a centralidade da oração e a participação nas devoções, particularmente a Eucaristia. Francisco de Sales viu a presença da Eucaristia como uma prioridade;

“Esforce-se ao máximo para estar presente todos os dias nesta Santa Celebração, a fim de que, com o sacerdote, você possa oferecer o sacrifício de seu redentor em nome de si mesmo e de toda a Igreja

<sup>26</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 68.

a Deus Pai. Se qualquer obstáculo imperativo impedir sua presença neste Sacrifício Soberano da mais verdadeira Presença de Cristo... escolha uma hora matutina para unir sua intenção àquela de todo o mundo cristão, e faça os mesmos atos interiores de devoção onde quer que você esteja como se você estivesse realmente presente na celebração da Santa Eucaristia na Igreja”<sup>27</sup>.

Se o pensamento da presença de Deus levou Marcelino ao amor, ele ficou mais profundamente tocado pela participação na Eucaristia. Ele chamou a Eucaristia de fonte de graça, a primeira e mais necessária de todas as devoções. Ele via isso como a fonte de todas as virtudes, particularmente as virtudes maristas da humildade, simplicidade e modéstia. Ele teria dito:

“Um Irmão que tenha o espírito de fé considerará um enorme sacrifício não poder assistir à missa todos os dias. Se um irmão faltar por sua própria culpa, a fim de dar tempo para estudar ou qualquer outra coisa não absolutamente necessária, ele mostraria que não tem zelo pela sua perfeição e que não ama Jesus Cristo. Santa Missa, Santa Comunhão, visitas ao Santíssimo Sacramento; aí você tem a fonte da graça, aí você tem a primeira e mais indispensável de todas as devoções”<sup>28</sup>.

Para Marcelino, o Senhor da Eucaristia era um amante que se deleitava em sua companhia, inundando seus corações com força e alegrias sem limites. Ele não tinha paciência com a ideia de um Deus ausente e distante,

e nisso ele era nitidamente anti-jansenista; qualquer coisa que ameaçava separar a humanidade de Deus era a grande tentação. Seu cuidado para realizar a liturgia com dignidade, sua atenção à limpeza e decoração da Igreja, sua evidente devoção ao celebrar a missa, seu desejo de celebrar a missa todos os dias, mesmo quando isso representava grande inconveniente, seu cuidado e perseverança em educar as crianças na preparação à primeira Santa Comunhão, e suas frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento, tudo isso testemunhou o amor ardente por Cristo nessa presença sacramental.

### 3.3 A centralidade da oração tanto individual como comunitária

Essa participação essencial na vida sacramental da Igreja foi tanto para Francisco de Sales como para Marcelino Champagnat o compromisso com a oração. Em Sales encontramos: “A oração abre o entendimento para o brilho da Luz Divina e a vontade para o calor do amor celestial – nada pode tão efetivamente purificar a mente de suas muitas ignorâncias, ou a vontade de suas afeições perversas... Acredite em mim, não há outro caminho para ir a Deus senão por esta porta”.<sup>29</sup> Mar-

<sup>27</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p.68.

<sup>28</sup> Ir Jean-Baptiste Furet, *Vida*, p. 291.

<sup>29</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 48.

celino ecoa isso com sua própria analogia: “A oração é tão indispensável para nossa alma para preservar a vida da graça, como a comida é para nosso corpo preservar nossa saúde e vida natural”. Ele ainda afirma em um dos retiros dos Irmãos:

“Podemos ter certeza sobre a virtude de pessoas verdadeiramente cristãs, não importa a que perigo elas estejam expostas, se elas são fiéis à oração mental, ao exame de consciência e à recepção dos sacramentos... Todos aqueles que estão entediados de sua condição, todos aqueles que perdem sua vocação, ou quem, por sua conduta impiedosa, merecem ser tratados como indivíduos inúteis, atingem essa posição apenas porque negligenciaram esses exercícios de piedade. Devemos estar firmemente convencidos de que a oração é uma condição normal, nosso primeiro dever, nossa maior necessidade, nosso único recurso, nosso maior consolo”.

O objetivo de cada conferência que Marcelino fez sobre a oração era inspirar confiança em Deus. “Quanto mais graças pedimos a Deus, mais obtemos. Pedir muito dos homens é um modo seguro de não receber nada, peça-lhes pouco, se você espera receber alguma coisa. Com Deus devemos proceder de maneira diferente: é um tributo ao seu poder e bondade, fazer grandes exigências a Ele”.

O mais querido desejo de seu coração era inspirar seus irmãos com um amor da oração para levá-los a compreender sua importância e

benefícios. Cada irmão era convidado a participar de entrevistas frequentes nas quais ele era solicitado a dar conta de sua meditação e de seu sucesso em todos os outros exercícios religiosos. Para Marcelino, os irmãos piedosos eram os pilares do Instituto e, não importa quais possam ser seus talentos em outros aspectos, seja qual for sua força e saúde, eles espalham o espírito de amor de Deus.

Para Marcelino, a oração mental e o pecado não podem existir juntos. A experiência mostrou-lhe que, na verdade, aqueles que praticam a oração mental não caem facilmente na desgraça de Deus; e se eles infelizmente caem, desde que perseverem na oração, eles logo entram em si mesmos e retornam a Deus. A oração tornou-se uma rede de segurança que filtrou o orgulho e encheu alguém com uma calma resignação à vontade de Deus. Ele afirma claramente: “Eu nunca poderia empreender qualquer coisa sem ter recomendado por muito tempo a Deus; em primeiro lugar, porque é fácil ser enganado e confundir os pontos de vista da própria mente com os planos inspirados por Deus; e em segundo lugar, não podemos alcançar nada sem a ajuda e proteção do céu.”<sup>30</sup>

Uma última conexão entre Francisco de Sales e Marcelino Champagnat foi uma forte convicção no poder da oração comunitária. A oração

<sup>30</sup> Citado em *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*, do Ir Jean-Baptiste Furet, p.285.

é tanto pessoal como comunitária e, nesse contexto, conecta-se com toda a Igreja. Também se conecta com a proclamação de Jesus: “Eu lhes digo: se dois de vocês na terra concordarem em pedir qualquer coisa, isso será concedido pelo meu Pai que está no céu. Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles”. (*Mt 18,19-20*).

Francisco de Sales escreve com confiança:

“Além disso, sempre há mais lucro e mais consolo nos Ofícios públicos da Igreja do que em atos privados de devoção, tendo Deus desejado dar preferência à comunhão em oração sobre toda a ação individual. Esteja pronto para participar das atividades da Igreja... isso será agradável a Deus... é sempre um trabalho de amor juntar-se aos outros e participar de suas boas obras. E embora seja possível que você possa usar devoções igualmente proveitosas por si mesmo, como em comum com outros – talvez até você goste de fazê-lo – mesmo assim, Deus é mais glorificado quando nos associamos a nossos irmãos e vizinhos e unimos nossas ofertas às deles”.<sup>31</sup>

Marcelino ecoa esse chamado quando seus irmãos são desafiados sobre sua devoção:

“Estou convencido de que o Ofício da Santíssima Virgem, longe de ser um agravante de sua tarefa laboriosa, é um consolo e um alívio para os irmãos... eles têm o consolo de estar unidos a tantos outros religiosos e muitos dos fiéis devotos que pagam este tributo à Maria. Quanto à objeção de

que eles não entendem o latim, eu concordo, mas Deus o entende, e suas orações são igualmente agradáveis a ele, desde que o espírito interior e um coração genuíno os inspirem”<sup>32</sup>.

## 4. CONCLUSÃO

Tanto para Francisco de Sales como para Marcelino Champagnat, o amor de Deus foi o alicerce de suas vidas e procuraram dar vida a esse amor de Deus nos corações das pessoas que encontraram em todas as esferas da vida. Em ambos, havia um forte espírito de otimismo; ainda assim, estavam bem conscientes da fraqueza e da fragilidade humana. No Verbo Encarnado, os cristãos comuns podiam encontrar sentido e força interior. Eles procuraram levar os cristãos comuns a uma vida interior plena e fervorosa que se manifestaria em todos os aspectos de suas vidas, o que levaria a um encontro com Deus, real e presente, em suas vidas cotidianas através da experiência da família, do sacramento e da comunidade. Foi uma mensagem para todas as pessoas, religiosas e leigas.

Como santos da Igreja, eles deixam um carisma, um dom do Espírito Santo, que pode animar os corações dos fiéis que estão abertos ao mistério que é o chamado de Deus. O chamado para conhecer a Deus por estar presente ao seu amor na oração e nos Sacramentos, vivendo

<sup>31</sup> São Francisco de Sales, *Introdução*, p. 70.

<sup>32</sup> Citado em Ir Jean-Baptiste Furet, *Vida*, p. 286.



à maneira de Maria e dos primeiros apóstolos, fornece um paradigma para um novo modelo de Igreja. Permite que as pessoas comuns vivam sua vocação de fé sabendo que, no momento do “*eschaton*”, Deus recompensará aqueles cujos corações não descansaram até que repousassem nele.

Marcelino Champagnat foi um homem do seu tempo. Ele viveu os excessos da Revolução Francesa e a impiedade que fomentou. Como muitos de seus contemporâneos, sua educação inicial foi inadequada, mas com fé e determinação construídas sobre a base de um relacionamento amoroso com seu Deus, ele foi capaz de superar inúmeros obstáculos, tanto pessoais quanto coletivos, para fornecer um legado para a Igreja. Esse legado vê seu Instituto educar milhões de crianças e inspirar muitos homens e mulheres leigos Maristas a reavivar o fogo de sua fé, chegando a experimentar através de sua espiritualidade Marista, o mistério e o amor insondáveis de Deus.

Marcelino foi formado fortemente pela corrente de espiritualidade beruliana. No entanto, a sua própria experiência de Cristo permitiu-lhe aprofundar a sua formação, abrindo-se à mensagem espiritual de São Francisco de Sales. Seu foco estava em uma espiritualidade apostólica formada pela prática contemplativa, uma reversão da perspectiva beru-

liana. Sua abordagem cristocêntrica da espiritualidade que tinha em seu centro uma contemplação do Cristo Encarnado por uma presença contínua no “Presépio, na Cruz e no Altar” permitiu-lhe moderar a perspectiva devocional mais ascética da corrente beruliana. Finalmente, no otimismo de Francisco de Sales sobre a pessoa humana, em contraste com a visão mais pessimista da natureza humana na escola francesa, Marcelino encontrou um meio pelo qual, através do amor da oração e os Sacramentos, pode-se encontrar a presença de Deus. Vivendo na presença de Deus, aprende-se a amar e ser amado incondicionalmente por Deus.

Deus ama toda a humanidade. É por isso que Jesus, Maria e José eram tão importantes para a espiritualidade de Marcelino. Através da fidelidade de suas vidas, como seres humanos, eles passaram a experimentar o profundo amor de Deus que lhes abriu o mistério do coração divino. As palavras e a vida de cada cristão devem fazer ressoar esta proclamação: “Não deixe que seus corações se perturbem. Creia em Deus, crede também em mim... Eu sou o caminho, e a verdade e a vida.” (Jo 14,1.6). O caráter de Marcelino foi lentamente esculpido na complexidade política, social e religiosa que era a França pós-revolucionária; pode-se dizer ainda que sua própria espiritualidade Mariana foi forjada na fornalha que é o amor de Deus.



# COMO SE FORJA UM FUNDADOR? (2ª parte)<sup>1</sup> A formação de Marcelino no Seminário Maior



Manuel Mesonero  
Sánchez, fms

“O ensino que deixa sua marca não é o que se faz de cabeça a cabeça, mas de coração a coração.”  
Howard G. Hendricks

Marcelino entrou no seminário maior de Lyon<sup>2</sup> em novembro de 1813. Tinha 24 anos e havia consolidado sua conversão. Os anos passados em Santo Ireneu serão os mais frutíferos de sua formação como presbítero. Nele, a sua vocação ministerial é preparada de maneira responsável. E não só isso, senão que sente o chamado a ser fundador de uma instituição de professores. Daí que o processo formativo dessa etapa seja de uma importância singular porque nela se forjou como fundador:

“Já antes de deixar o seminário de Lyon... pensei seriamente em criar uma sociedade de mestres que acreditei meu dever consagrar à Mãe de Deus.”<sup>3</sup>

Como fonte principal para este relato, contamos com *O Manual do Seminarista*, já que nos oferece uma formação privilegiada relativa à vida e formação dos pensionistas daquele tempo<sup>4</sup>.

E não podemos olvidar do contexto social: a Restauração. Com o desaparecimento do cenário político de Napoleão, a Igreja começou a se organizar e voltou a um clima de religiosidade popular. Esta situação foi vivida no seminário de Lyon com entusiasmo, pois para tão imensa tarefa os seminaristas eram imprescindíveis. O objetivo geral era a recristianização da sociedade, visto que a re-

<sup>1</sup> Este artigo é a continuação do anterior, que leva o mesmo título e foi publicado em *Cadernos Maristas* 36.

<sup>2</sup> Em 1811, a Companhia de São Sulpício foi suprimida, de tal modo que o Fundador não recebe a formação deles, mas de sacerdotes muito jovens que, por outro lado, seguiam “com fidelidade as tradições sulpicianas.” Cf. ALONSO, Luis. *La formation intellectuelle de Jn. Cl. Colin. 1813-16*. Tese: Lateranum. Roma. 1977, p. 26-7.

<sup>3</sup> Carta 34.

<sup>4</sup> Em 1815, foi publicado o “Manuel à l’usage des séminaristes”, por Bochart. Trata-se de um manual clássico. Somente recolhe o plano de estudos e o método. DE PINS publicará mais adiante, em 1824 e 1833, um “Petit Manuel” do Seminário de Santo Ireneu, Gaston de Pins Edic. Lyon, Rusand: “É certo que esse manual indica o modo de vida” dos seminaristas do tempo de Champagnat” Cf. ALONSO, Luis. O. c., p. 27.

volução havia recolhido na Igreja os ambientes rurais. Ao abrigo deste sentir eclesial se deu uma explosão de instituições que, com grande rapidez e em poucos anos, ocuparão um lugar notável ao lado das grandes ordens antigas<sup>5</sup>.

No meio deste ambiente de exaltação religiosa vive Marcelino em Lyon, rodeado de companheiros que se animarão mutuamente neste imenso labor de nova evangelização em toda a França.

## 1. PROFESSORES E DISCIPLINAS

A primeira e mais importante das influências para um seminarista costuma estar em seus formadores. Em Marcelino se cumpriu essa regra formativa, pois seus professores foram do mais valioso do seminário. Tratava-se de uma equipe de pessoas jovens, inteligentes, com espírito de fé e dinâmicas, formadas na tradição sulpiciano.

O superior se chamava Philibert Gardette (48 anos)<sup>6</sup>. Lacroix era o diretor de estudos. E como professores figuravam: Simon Cattet, que ensinava Dogma; Jean Cholleton (25 anos) lecionava Moral e era o diretor espiritual de Marcelino e futuro padre marista; Jean Marie Mioland (25 anos), futuro bispo de Amiens e arcebispo de Tolosa, dava Liturgia, e Mathieu Meinaide, que era o ecônomo. A espiritualidade do seminário estava marcada pela “escola francesa”<sup>7</sup>, mas vista a partir do prisma sulpiciano. Por isso, digamos que sua formação foi sulpiciano<sup>8</sup>.

Um caminho muito sugestivo para enfocar este artigo seria fazer um percurso pelas disciplinas do seminário de Lyon daquela época analisando os conteúdos e as correntes teológicas do momento. O Dogma, com o texto de Bailly, não tinha fundamentação bíblica e era muito apologetico. À Moral se dava muita importância. Naquele tempo era rigorista e com grande influência jansenista<sup>9</sup>. Seu professor era Cholleton<sup>10</sup>,

<sup>5</sup> O sinal mais evidente de que todo esse ambiente social e eclesial estava muito presente no seminário de Lyon o temos em que dele saíram distintos fundadores de instituições religiosas, como o foi a Sociedade de Maria e, dentro dela, os maristas de Marcelino.

<sup>6</sup> Durante a Revolução (1793) foi preso e deportado à Guiana Francesa, e já havia sido superior do Seminário Menor de São Jodard.

<sup>7</sup> Escola francesa, em sentido estrito, se refere à doutrina dada por Bérulle e seus discípulos mais importantes. Trata-se de “uma maneira típica de entender e viver o Evangelho”. Cf. DEVILLE, R. *La scuola francese di spiritualità*. E.P. Roma. 1990, p. 15. A Companhia de São Sulpício se identifica com esta escola de espiritualidade.

<sup>8</sup> A Companhia dos sacerdotes de São Sulpício nasce em 25 de junho de 1642, na paróquia de São Sulpício de Paris, tendo como pároco Olier. Ele funda uma comunidade para formação espiritual de futuros sacerdotes que estudarão na Sorbonne.

<sup>9</sup> BAILLY L., *Theologia Dogmatica et moralis ad usum Seminariorum*, 8 vol., em -12, Lyon 1810. Cf. LFI, 40.

<sup>10</sup> Diretor de consciência de Marcelino anos depois.

que formado nos sulpicianos, manteve uma linha menos estrita, porém sem admitir nem o probabilismo dos jesuítas nem o equiprobabilismo de Santo Alfonso Maria de Ligório<sup>11</sup>. A Santíssima Virgem teve um lugar especial no programa de formação, através da doutrina mariana dos teólogos Bérulle e Olier.

Transitar este caminho doutrinal e teológico seria, no entanto, um caminho que não nos levaria a bom porto. Em primeiro lugar, porque “O ensino que deixa marcas não é o que se faz de cabeça a cabeça, mas de coração a coração”<sup>12</sup>. A experiência própria nos ensina que a influência de nossos formadores esteve mais em sua forma de ser e de ensinar que nos conteúdos de suas matérias. Acrescentemos que Marcelino, em seus escritos, carece de doutrina direta e que, por isso, não poderíamos demonstrar ditas influências.

Nosso modo de proceder será bem diferente. Descreveremos a formação que era dada no seminário de Santo Ireneu. Também daremos a conhecer os critérios docentes que seus formadores propunham a seus formandos. E depois ofereceremos

as provas dos elementos educativos que perduraram em Marcelino, sobretudo daqueles que se tornaram parte da espiritualidade ou o carisma marista.

## 2. O HORÁRIO E O APROVEITAMENTO DO TEMPO

O seguimento de Cristo através de uma vida regrada e do aproveitamento do tempo, tão próprio da espiritualidade de São Marcelino, tem sua origem na etapa formativa de Santo Ireneu. Os formadores veem muito positivo que os exercícios se façam ao toque do sino. E para obter boa disciplina é muito importante observar com exatidão “a pontualidade, o silêncio e o bom emprego do tempo”<sup>13</sup>.

Recordar o horário cotidiano que levavam nos ajudará a entender melhor esta influência. Levantavam cedo ao primeiro toque; em continuação, a oração da manhã e a meditação juntos, em seguida a missa<sup>14</sup>; depois o café da manhã e as aulas nas quais se exigia silêncio, atenção e obediência; finalizava a manhã com um exame de consciência<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> Trata-se de duas correntes de teologia moral que davam liberdade de consciência ante a dúvida de consciência ou a lei não clara.

<sup>12</sup> Frase de Howard G. Hendricks, (1924-2013) – notável professor e presidente do centro para a liderança cristã no Seminário Teológico de Dallas, Texas.

<sup>13</sup> ICARD. M. J. H. O.c., p. 39.

<sup>14</sup> De acordo com seu diretor espiritual, cada seminarista determinava a frequência com que se acercava da comunhão. MANUAL, p. 89.

<sup>15</sup> Nesse exame avaliavam seu defeito capital. MANUAL, p. 89.

Durante o dia havia duas visitas ao Santíssimo Sacramento<sup>16</sup>. Ao entardecer, a leitura espiritual; ao jantar se seguia a oração da noite<sup>17</sup>, a leitura de meditação para o dia seguinte e depois à cama<sup>18</sup>. No ritmo diário se dava muita importância sobretudo ao silêncio, à oração, ao autoexame e às visitas ao Santíssimo. Desse regulamento, os professores exigiam uma execução fiel e regorosa<sup>19</sup>.

A paixão pelo trabalho, que caracterizava Marcelino, passa a fazer parte da pedagogia marista e também de seu carisma, e tem no aproveitamento do tempo seu elemento-chave. A expressão favorita do Fundador: “não estar nunca ocioso”<sup>20</sup>, impressiona fortemente na sociedade atual que vive pensando em seu tempo livre:

“Vou enviar o Ir. Jubin à escola mútua de surdos-mudos. Quando puder, penso ir eu também. É essencial que não percamos o tempo<sup>21</sup>”.

Seus conselhos, escrevendo ao Ir. Francisco, de Paris, insistem em

“que ninguém fique ocioso”<sup>22</sup>. Ele mesmo expressa seus desejos de não perder o tempo nessa cidade e de ir receber lições para aprender a educar os surdos-mudos<sup>23</sup>. O Fundador é essa pessoa para quem vai bem um tipo de vida disciplinada, na qual o horário desempenha um papel importante. Vejamos esta expressão de sua época final de vida, que bem poderia ser a de sua etapa de seminarista:

“Sigo o regulamento da casa em tudo quanto permitem minhas saídas. Levanto-me ao toque do sino, acompanho a meditação e os demais exercícios espirituais, as refeições, os recreios<sup>24</sup>”.

### 3. AS PRÁTICAS DE ORAÇÃO, UMA PIEDADE POPULAR E AFETIVA

O modo de viver a fé e expressá-la mudou muito em nossa sociedade. No tempo de Marcelino se vivia por meio das devoções<sup>25</sup>. A vida de pie-

<sup>16</sup> Uma depois do recreio do meio-dia e a outra antes de deitar-se. MANUAL, p. 102.

<sup>17</sup> Realizando outro exame de consciência. MANUAL, p. 67.

<sup>18</sup> ZIND 1, N° 126, janeiro 1976, p. 6-7.

<sup>19</sup> Em La Valla, e depois em l’Hermitage, vemos as semelhanças com este horário, tais como madrugar, as práticas de piedade no início do dia, as visitas ao Santíssimo ou as orações antes e depois do jantar.

<sup>20</sup> Cfr. CHAMPAGNAT. Règles de 1837, p. 77: “Nunca ficar ociosos”.

<sup>21</sup> Carta 176.

<sup>22</sup> Carta 67.

<sup>23</sup> Carta 176.

<sup>24</sup> Carta 183.

<sup>25</sup> “A verdadeira e viva devoção, ó Filoteia, pressupõe amor de Deus,[;;;]. Enfim, a devoção não é outra coisa senão uma agilidade e vivacidade espiritual, por meio da qual a caridade exercita suas ações em nós, e nós por ela agimos pronta e afeiçoadamente.” SALES, S. F. *Introducción a la vida devota*. BAC. Madrid. 1988, p. 22.

dade de Marcelino não mudou ao sair do seminário. Essas orações se integrarão na vida de oração dos Irmãos, tornando-se parte do corpo oracional nas Regras de 37. Assim acontece, por exemplo, nas orações marianas da Ave-Maria,<sup>26</sup> o *Sub tuum*<sup>27</sup>, o Ângelus,<sup>28</sup> o rosário,<sup>29</sup> *O Domina mea*<sup>30</sup>, as ladainhas ao nome de Maria,<sup>31</sup> ou a oração *Ó Jesus, que viveis no seio de Maria!*<sup>32</sup>

Se confrontarmos as orações da manhã do seminário com as do “Manual de piedade”<sup>33</sup> dos maristas, se observará que são as mesmas<sup>34</sup>. Uma das mais características era a oração “Ó Jesus, que viveis no seio de Maria!”<sup>35</sup>.

O texto expressa uma súplica ao Senhor para que os Irmãos possam dizer como Maria e como São Paulo:

“Não vivo eu, mas é Cristo quem vive em mim” (Gl 2, 20). O título que encabeça esta oração na R.37 expressa claramente este significado: “Oração para invocar em mim a vida de Jesus”<sup>36</sup>. Imediatamente depois dessa oração os Irmãos rezavam outras duas orações próprias do seminário: “Ó Maria, Virgem Santa!”<sup>37</sup> e “Ave, José”<sup>38</sup>. Outras duas orações que caracterizam a piedade sulpiciano e que também os Irmãos faziam diariamente são as ladainhas aos nomes de Jesus e de Maria. Elas representam o modo de expressão da devoção a Jesus e Maria dessa escola.<sup>39</sup> Esses nomes devem ser ditos com respeito. Inclusive se lhes deve fazer uma inclinação de cabeça, como se faz ao nomear a Trindade, segundo Champagnat. E as devoções que os Irmãos devem inspirar aos meninos têm também sua origem nas práticas do se-

<sup>26</sup> Entre outros momentos, no início da aula. Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40., p. 26.

<sup>27</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40., p. 26.

<sup>28</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 2. 19., p. 21.

<sup>29</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 2. 29., p. 23.

<sup>30</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40., p. 26.

<sup>31</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 4. 15., p. 37.

<sup>32</sup> CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40., p. 26.

<sup>33</sup> Esse livro de piedade dos Irmãos, produzido em 1855, recolhe, com algumas modificações, as orações da R.37. Cf. M.P. p. 149 e seguintes.

<sup>34</sup> As variantes se referem somente ao momento do dia ou ao idioma (do latim do seminário ao francês de l’Hermitage).

<sup>35</sup> Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40. p.26. Esta oração, se rezava em toda a França com variantes importantes, a R.37 a recolhe com a mesma redação que a do Seminário de Santo Ireneu. Cf. DE PINS. p. 9. Trata-se de uma oração que no seminário se rezava de manhã e que Champagnat a reza de tarde, depois do exame.

<sup>36</sup> Cf. CHAMPAGNAT. R.37., p.104

<sup>37</sup> Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40., p.26 e em DE PINS., p. 243 rezada em latim.

<sup>38</sup> Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 2. 40. p. 26 e em DE PINS., p. 121.

<sup>39</sup> Essas preces se rezavam na oração da tarde, em dias alternados: um dia, as ladainhas de Jesus; e em outro, as de Maria. Champagnat passa-as para a oração da manhã. Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 4. 15., p. 37.

minário. Assim ocorre com as de São José, os anjos da guarda e o santo padroeiro<sup>40</sup>: “Os Irmãos farão todos os esforços por inspirar aos meninos uma grande devoção à Santíssima Virgem e a São José, a seu anjo da guarda e a seu padroeiro.” A devoção a São José destaca entre elas, colocando-a como a que há de vir “depois da de Maria”<sup>41</sup>. O Fundador propõe, para não olvidar este santo, a oração “Ave, José, cheio de graça”<sup>42</sup>, depois do exame da noite.<sup>43</sup>

Assinalemos, ademais, duas práticas características de São Sulpício: as celebrações do aniversário do batismo e da ordenação sacerdotal.<sup>44</sup> No caso do batismo, trata-se de um costume muito assumido por Marcelino desde seminarista, e que podemos constatar através de suas resoluções.<sup>45</sup> E com referência ao aniversário de sua ordenação ministerial, Champagnat a única coisa que faz é pôr em prática o conselho recebido no Santo Ireneu: “É costume

de todos os bons presbíteros celebrar regularmente o aniversário de sua ordenação e renovar as promessas eclesiais”<sup>46</sup>.

Concluimos dizendo que a tradição da piedade marista está marcada, em suas origens, por orações vocais provenientes do seminário, que, por sua vez, tinham sua origem na piedade popular. Tratava-se de orações que moviam os sentimentos e o coração e, portanto, muito afetivas, e que se convinham à própria espiritualidade, regida por devoções.

## 4. A MEDITAÇÃO E SEU MÉTODO

E junto com a oração vocal estava a meditação que tem também uma influência decisiva do seminário. Com uma Eucaristia em latim, ininteligível para o público, e cheia de práticas piedosas,<sup>47</sup> a meditação se havia convertido na oração à qual se

<sup>40</sup> Cf. CHAMPAGNAT. C.M. 8. 3. 01. p. 78. Cfr. DE PINS. p. 113 e seguintes. E para as R.37 confrontar com CHAMPAGNAT. R.37. 4. 14. p. 37. As devoções à Virgem, a São José, aos anjos da guarda e ao santo padroeiro, vêm propostas aos seminaristas, inclusive com a mesma ordem que as enunciadas nas Regras. Cf. DE PINS, p. 113 a 122.

<sup>41</sup> A devoção a São José no tempo de Marcelino se vê como “uma consequência necessária da devoção que temos a Maria, por causa da relação tão estreita que ele teve com a divina Mãe”. Esta devoção se praticava no seminário, durante a visita ao Santíssimo. DE PINS. O. c. p. 119.

<sup>42</sup> Cf. Carta 238.

<sup>43</sup> CHAMPAGNAT. R.37., p. 106

<sup>44</sup> Cf. DE PINS p. 128 e 133.

<sup>45</sup> Cf. CHAMPAGNAT. C.M.R., p. 87. Propósitos postos no aniversário de seu batismo em 1815 e CHAMPAGNAT. C.M.R. p. 109 para os propósitos de 1821.

<sup>46</sup> DE PINS, p. 134: “Renovação das promessas sacerdotais e do aniversário da ordenação.”

<sup>47</sup> SALES, F. Introduction à la vie dévote Brignon. Lyon. 1821. Nas páginas finais dessa edição aparecem estas orações para a missa. Esta seção leva o título de: “Exercícios espirituais durante a santa missa.”, p. 402 ss.



dava mais importância, não teológica, mas, sim, prática.<sup>48</sup>

Em seu tempo, a meditação em três momentos era o método mais didático e o praticado não só no seminário, mas pelas instituições religiosas, em geral. Os Irmãos tinham uma sala para este fim. João Batista apresenta o Fundador como um verdadeiro mestre dela.<sup>49</sup>

A meditação que propõe o Fundador se compõe de três partes, e cada parte implicava a realização de três atos. São estes: A PREPARAÇÃO (1º: pôr-se na presença de Deus; 2º: pedir luzes ao Espírito; 3º: a composição de lugar). A MEDITAÇÃO (4º: compreender as verdades; 5º: expressar os afetos ao Senhor; 6º: tomada de firmes resoluções). A CONCLUSÃO (7º: dar graças pelo recebido; 8º: apresentar as resoluções; 9º:

pedir a graça de ser fiel). A meditação termina com o ramalhete espiritual, que consiste na escolha de um bom pensamento relacionado com o tema da meditação para repetir, à maneira de jaculatória, durante o dia<sup>50</sup>.

Marcelino viu na oração uma necessidade do coração<sup>51</sup>. Como uma criança pequena necessita das relações próximas e afetivas com a mãe, necessita um Irmão da oração para estar com o Pai. Esta orientação de pensamento aponta diretamente para Sales que, falando dessa necessidade, a compara “às crianças, que só de ouvir as mães e balbuciar com elas, aprendem a falar sua língua”<sup>52</sup> (com naturalidade). Podemos dizer que, assim como o peixe não pode viver fora d’água, tampouco pode viver um religioso fiel a seu espírito sem a meditação<sup>53</sup>. Daí a importância não só de fazê-la, mas de que produza fruto. E

<sup>48</sup> Na biografia, edição príncipe de 1856, o tema da Missa ocupa 16 linhas, enquanto que em continuação, o comentário à meditação ocupa 133. Cf. FURET, p. 291 e 292. A meditação, junto com a carta de obediência de Santo Inácio e as contas de consciência são os únicos pontos que a R.37 explica doutrinalmente.

<sup>49</sup> Um exemplo dessa imagem que dá do Santo é a conversa com o Ir. Lourenço que “havia olvidado o tema de meditação dado à noite anterior.” Cf. FURET, p. 294.

<sup>50</sup> Neste modo de fazer a meditação, Champagnat destaca por sua simplicidade e a integração equilibrada de elementos das diversas escolas, que enriquecem o método do seminário. De Sales toma o que mais o caracteriza: a presença de Deus, tanto no início dela, como durante o dia para a preparação remota; a importância dada aos afetos e o ramalhete espiritual. De Santo Inácio assume a leitura do tema na noite anterior e a importância dada ao silêncio no tempo de repouso que a precede.

<sup>51</sup> “Faça-lhes sentir (aos meninos) que sem a virtude, **sem a piedade, sem o temor de Deus, nunca serão felizes.**” Cartas 45.

<sup>52</sup> Para um estudo comparativo de métodos de meditação podem ser confrontadas estas obras: SALES, F. Introducción a la vida devota. BAC. Madrid. 1988. 2. 1. p. 67. LIGUORI, A. *La vera sposa di Gesù Cristo cioè la monaca santa, per mezzo delle virtù proprie d'una religiosa*. Parte II. Bassano. 1842. p. 45. ANONIMO. *Meditations selon la méthode de S. Ignacio*. Pelisse frères. Paris, 1837, p. 1 s.

<sup>53</sup> “...você sabe melhor do que eu que o peixe não pode viver muito tempo fora d’água. Somente o retiro e a meditação das grandes verdades podem manter o espírito religioso.” Carta 45.

para isso, nada melhor que ter um bom método. Esta oração, no tempo do Fundador, se fazia sempre em comunidade.

## 5. A LEITURA ESPIRITUAL E A INFLUÊNCIA DE SALES

Os livros da leitura espiritual do Santo Ireneu deixaram em Marcelino uma herança de alto nível. Quando se torna sacerdote, compra para sua biblioteca quase cem por cento dos livros recomendados pelo seminário, que passarão, por sua vez, a fazer parte da lista de livros para a leitura dos Irmãos.<sup>54</sup>

Nessa lista queremos destacar a influência que São Francisco de Sales teve na formação recebida no Santo Ireneu. Três dos sete primeiros livros da lista nomeada são dele:

“O Combate espiritual; Perfeição cristã; Introdução à vida devota; Espírito do cristianismo; Guia de pecadores; Tratado do amor de Deus; Espírito de São Francisco de Sales”<sup>55</sup>.

Sabemos, ademais, que um dos livros de cabeceira do jovem seminarista era “O diretor espiritual das almas devotas e religiosas”, de Sales, edição de 1802<sup>56</sup>. O próprio Fundador aconselhava aos Irmãos os livros do santo, cujas obras eram lidas no refeitório:<sup>57</sup>

“Ao ler ou escutar a leitura da vida de São Francisco de Sales, fundador das Irmãs da Visitação, e a do P. Champagnat, fundador dos Pequenos Irmãos de Maria, quantas comparações se podem fazer! Não as desprezemos. Ambas as sociedades têm o mesmo espírito e quase as mesmas regras.”<sup>58</sup>

O Irmão Francisco compara Marcelino a Sales, indo além de vê-lo como discípulo. É que ambas as espiritualidades se assemelham na forte unidade entre o humano e o espiritual, a ação e a contemplação, a vida interior e a exterior. E essa unificação faz parte do núcleo marista da simplicidade<sup>59</sup>:

“Se Jesus vive no coração, ele viverá também em nossos comportamentos, aparecerá em vossos olhos, boca, mãos, inclusive em vossos cabelos<sup>60</sup>”.

<sup>54</sup> Para um estudo comparado podem ser consultados o Anexo da Biblioteca do P. Champagnat e os livros recomendados do Ir. Francisco do final desta obra, e os apresentados por DE PINS, p. 320, e seguintes. Rodríguez aparece como primeiro entre os recomendados, Champagnat inclui como livro de toda a confiança para a leitura dos Irmãos. Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 2. 37., p. 25.

<sup>55</sup> DE PINS, p. 327.

<sup>56</sup> SALES. F. *Le directeur spirituel des âmes dévotes et religieuses*. Girard. Lyon. 1802. O livro assinado por Champagnat, como registro de sua pertença, se encontra nos arquivos de Roma.

<sup>57</sup> O Ir. Francisco terá também um exemplar assinado deste mesmo livro, embora com uma edição posterior. O próprio Fundador que aconselhava os livros ao Irmão.

<sup>58</sup> FRANÇOIS, p. 115.

<sup>59</sup> Para este argumento confrontar: CORRIGNAN. F. O. c. p. 86 e seguintes.

<sup>60</sup> CORRIGNAN. F. O. c, p. 87.

## 6. A ORAÇÃO DA HORA

A presença de Deus, como elemento significativo da espiritualidade de Champagnat tem na oração da hora um meio muito característico, que identificou as primeiras escolas. A oração da hora se fazia nas aulas do seminário e daí passou às aulas dos maristas por indicação de Marcelino. No começo delas os meninos fazem as mesmas orações que se faziam no seminário: o *Vinde, Espírito Santo*, e a *Ave-Maria*.<sup>61</sup>

Na oração que compôs a Maria para o Ir. Francisco, fica explicada a intenção destas orações do começo da aula:

“Ao recitar o *Vinde, Espírito Santo* e a *Ave-Maria* no começo da aula, tenho a intenção de dizer-vos que venhais a ocupar meu lugar para conduzir minhas mãos, meus pés, meus lábios, toda a minha pessoa, de tal sorte que eu não seja senão o instrumento para que possais agir.”<sup>62</sup>

O orante pede a Maria e ao Espírito Santo que ocupem seu lugar, o que implica uma atitude de docilidade e de não interferência. Desse modo se produz a liberdade de ação do Espírito. E para isso é necessário renunciar a nós mesmos. Trata-se de uma orientação semelhante à que assinala São João Eudes:

“São João Eudes... sugere, por exemplo, com insistência, elevar nosso coração a Jesus no início das ações para dizer-lhe:

1º) que renunciamos a nós mesmos, a nosso amor próprio, a nosso espírito próprio... .

2º) para dar-nos a Ele, a seu divino Espírito, para tomar suas disposições e intenções”<sup>63</sup>.

A oração da hora é um meio eficaz não só da presença de Deus, mas é também um exemplo prático de docilidade à graça. Trata-se de “doar-se no início das ações”<sup>64</sup> para que seja o Espírito de Jesus a nos guiar em tudo. A educação é mais obra do Espírito que do educador.

## 7. A EUCARISTIA E AS VISITAS AO SANTÍSSIMO

Marcelino, como todo seminarista, recebeu uma formação destinada à sua vocação como presbítero. Nesta vocação a Eucaristia ocupa um lugar central. O apreço à Eucaristia no Santo pode notar-se na impressão que deixava nas testemunhas o seu modo de celebrar a missa:

“De todos os sacerdotes que vi no altar — tenho 76 anos — não há nenhum que me tenha deixado uma recordação de uma fé tão viva e de um amor tão ardente como a que conservo do P. Champagnat”<sup>65</sup>.

<sup>61</sup> Cf. CHAMPAGNAT. R.37. 6. 4. p. 48. E para os Sulpicianos, confrontar com ICARD. O.c., p. 238.

<sup>62</sup> BALKO 1, p. 165.

<sup>63</sup> DEVILLE, R. O.c., p. 100.

<sup>64</sup> DEVILLE, R. O.c., p. 110.

<sup>65</sup> P. Pierre- Louis Mallaure. SUMMARIUM. Testigo nº 18. P. Pierre- Louis Mallaure.

Pode-se dizer que a Eucaristia é para ele o lugar preferido onde ele se lembra e pede por todos. Nela se une o amor a Cristo e aos homens de tal modo que se estes são queridos no Senhor. A Eucaristia é vista pelo Fundador como o lugar afetivo onde pensa nos Irmãos e pede por eles. Ele insiste em dizer a alguns em particular que os recorda “todos os dias”<sup>66</sup> neste sacramento. Assim o faz nesta carta ao Ir. Basin:

“Não subo nunca ao santo altar sem rezar por você<sup>67</sup>”.

Este texto não é um caso isolado.<sup>68</sup> Pedir pelos Irmãos é um costume cotidiano do Fundador. Assim o expressa na circular de janeiro de 1836:

“Meu coração se lembra cada dia de vocês e os apresenta a todos no santo altar do Senhor<sup>69</sup>”.

A Eucaristia diária era para ele algo necessário, pondo de sua parte todo o possível para celebrá-la: “Foi visto percorrer a pé cinco ou seis léguas para poder celebrar. É certo que so-

bre o tema se poderiam citar muitos exemplos”<sup>70</sup>.

Temos de nos perguntar agora se esse amor à Eucaristia, próprio de sua vocação ministerial, passou como herança à espiritualidade dos Irmãos. O biógrafo afirma que sim, dando a este sacramento um dos três primeiros lugares em nossa espiritualidade. Os Cadernos de avisos do Fundador insistem em dizer aos Irmãos que é necessário assistir à missa todos os dias, inclusive quando se viaja, se o tempo o permite:

“Avisos para dar. 1º) Quando se está viajando, há que ouvir missa sempre que se possa<sup>71</sup>”.

A R.37 indica o costume do Instituto de comungar duas vezes por semana, e a possibilidade de fazê-lo mais um dia com a licença do superior<sup>72</sup>. Nessas solicitações dos Irmãos para fazer a terceira comunhão, o Santo não dava negativas<sup>73</sup>. O Fundador se soma assim às diretrizes do Concílio de Trento, que aconselha “a comunhão frequente,”<sup>74</sup> expondo um único motivo prá-

<sup>66</sup> Cf. CHAMPAGNAT. Cartas: 14, 180, 144, 249.

<sup>67</sup> Carta 63.

<sup>68</sup> Cf. Cartas 14, 63, 79, 180, 244, 249.

<sup>69</sup> Carta 63.

<sup>70</sup> SUMMARIUM. Testemunho nº 5. Fr. Gerasimo.

<sup>71</sup> CHAMPAGNAT. C.M. 8. 3.02., p. 99.

<sup>72</sup> “Farão a comunhão na sexta e domingo...” CHAMPAGNAT. R.37. 4, 2, p. 34.

<sup>73</sup> Cf. CHAMPAGNAT. Cartas: 24, 48, 247.

<sup>74</sup> O termo vem do Concílio de Trento, que vê a presença de Cristo neste sacramento para “ser comido.” DENZ 1641.1656. Citado em RODRÍGUEZ, A. A. Dicionario teológico della vita consacrata. Ancora. Milano. 1994. p. 719. Sales tem bons argumentos sobre este tema. Cf. CAMUS, p. 306.

tico para deixá-la: o conselho do confessor:<sup>75</sup>

“Ter-se-á um apreço especial pela sagrada comunhão; não se dispensarão nunca dela, a não ser por conselho de seu confessor.<sup>76</sup>”

Marcelino oferece também a seus discípulos “um modo prático para seguir a missa”<sup>77</sup>. Trata-se simplesmente de umas orientações sobre os mistérios a serem contemplados e as atitudes a ter nas diversas partes da missa.<sup>78</sup>

O amor à Eucaristia, seguindo a espiritualidade da época, se prolongava por meio das VISITAS AO SANTÍSSIMO.<sup>79</sup> Champagnat, devedor de sua formação, manteve esta devoção mais além de sua etapa de seminarista, podendo considerá-la como uma prática de piedade em que mostra seu amor a Cristo e a Maria. No seminário era favorecida e se lhe dava grande importância:

“A devoção ao Santíssimo Sacramento é, sem dúvida, a mais sólida, a que mais agrada a Deus, a mais vantajosa para nós; entre as práticas de tal devoção a de maior utilidade e mais recomendável, depois da comunhão, é a de fazer frequentes visitas a Jesus Cristo, presente neste sacramento de seu amor.<sup>80</sup>”

Pode-se dizer que suas Resoluções e a R.37 guardam pontos comuns neste tema. Um deles é a dupla finalidade das visitas ao Santíssimo e à Virgem: “Ao longo do dia, irei sempre fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem.<sup>81</sup>” Por isso implantou suas práticas do Santíssimo nas R.37 convertendo-as numa característica da vida de piedade marista. Na circular de 1828, pedindo orações para o êxito dos padres maristas em sua viagem a Roma, pode-se observar esta dupla finalidade que ele mesmo praticava.<sup>82</sup> Outra circunstância em que se percebe o sentido que tinham essas visitas ao Santíssimo,

<sup>75</sup> O biógrafo expressa a “perda infinita” que supõe deixar a comunhão, e o “bem imenso” que supõe recebê-la, e expõe os diversos argumentos para sua prática, apoiando-se em autores da época. Cf. FURET. p. 338.

<sup>76</sup> CHAMPAGNAT. C.M. 8. 3.04., p. 132. Caderno de Regras do Santo.

<sup>77</sup> Cf. CHAMPAGNAT. C.M. 8. 3.03., p. 122: “Modo de ouvir a missa.”

<sup>78</sup> Este modo de seguir a Eucaristia era muito corrente, no povo cristão, ante a falta de entendimento da missa celebrada cotidianamente em latim. Dois exemplos são: SALES, p. 402. ss e LIGUORI. VISITES., p. 183 ss. Os Irmãos também têm estas orações em M. P., p. 184 s.

<sup>79</sup> A partir da equilibrada teologia de Santo Tomás, esta devoção floresce com rapidez. Santa Teresa “fortalece” a ação de graças da comunhão ou momento místico. Sales favorece a experiência eucarística. A presença real dá à liturgia respeito e solenidade. A vida espiritual reflete esta presença nas visitas ao Santíssimo. Cfr. VILLER. *Dictionnaire de spiritualité*. Beauchesne. Paris. 1961. T.IV. p. 1605

<sup>80</sup> DE PINS, p. 81.

<sup>81</sup> CHAMPAGNAT. C.M. R. 1, p. 113.

<sup>82</sup> “Enquanto recebem nossa carta, recitarão com os meninos as ladainhas da SS. Virgem durante nove dias consecutivos, no final da aula da manhã ou durante a visita ao SS. Sacramento, pedindo uma feliz viagem para o Monsenhor e para os que o acompanham.” Cartas 10.

era ao se fazer uma viagem ou sair a passeio:

“Os Irmãos farão sempre uma visita ao Santíssimo antes de sair de viagem ou a passeio, assim como na volta, quando seja possível<sup>83</sup>”.

O dado fica reforçado pelos conselhos que o Santo dá numa das circulares de convocação para as férias em l’Hermitage.<sup>84</sup> O primeiro dos cinco avisos é justamente não se esquecer, ao chegar a l’Hermitage, da visita ao Santíssimo.

Estes textos nos apresentam as visitas ao Santíssimo como renovação da presença de Deus em momentos-chaves: a metade do dia ou em ações específicas que levam a uma maior dispersão, como as viagens ou passeios. De novo os testemunhos são abundantes, indicando a profunda impressão deixada por Champagnat ao ser visto rezando nesta visita ao Santíssimo:

“Alguns vizinhos de l’Hermitage me declararam que assistiam sempre que podiam à visita das 11h30 para ouvi-lo recitar a oração: ‘Nós te saudamos,

doce Virgem Maria, etc.’ na qual punha uma unção que chegava à alma”. (Ir. Romain)<sup>85</sup>

## 8. O AMOR A MARIA, MÃE DE JESUS

Na devoção a Maria, a unidade e harmonia mantida com o Filho representa uma influência de sua formação que marca o modo como São Marcelino viveu este amor à Boa Mãe. Este fato pode ser descrito da seguinte forma: Champagnat sempre encontra Maria com Jesus. No seminário, por meio de Bérulle, se insiste em que “falar de Maria, é falar de Jesus”<sup>86</sup>, já que a Mãe “tem uma união admirável com o Filho. Deus é seu único amor”<sup>87</sup>

Estas ideias ou outras similares não se encontram nos escritos do Fundador, porque Marcelino não tem um corpo doutrinal. A prova mais sólida para pensar que o Santo vê a Mãe com o Filho é que estes nomes vêm juntos em seus escritos em todo o tipo de circunstâncias<sup>88</sup>. A fórmula que melhor caracteriza esta

<sup>83</sup> CHAMPAGNAT. R.37, 8, 1., p. 55.

<sup>84</sup> Refiro-me à carta 62. Nessa circular, o Santo dá cinco avisos relacionados com a estada em l’Hermitage: o horário e o trabalho. O primeiro deles começa assim: “1º) Ao chegar, visita ao SS. Sacramento e ao superior ou ao seu substituto, a quem se apresenta o livro de contas”.

<sup>85</sup> SUMMARIUM. Testemunho nº 2. Fr. Romain.

<sup>86</sup> BÉRULLE, *Œuvres complètes*. Vie de Jésus. Migne. Paris : 1856, p. 458.

<sup>87</sup> DANIELOU. *Marie dans la spiritualité française*. Études. May. 1954, Paris, p. 152-3. Olier adora o mistério da vida de Jesus em Maria de tal maneira que “se converte no objeto principal de sua contemplação”. GRISON. M. *Monsieur Olier et la Très Sainte Vierge*. Nevers. Paris. 1945. p. 10. De fato, durante o tempo de gestação, “Ele não tinha mais que uma só vida com Ela.” GRISON. M. O.c. p. 1.0.

<sup>88</sup> Pode-se confrontar o capítulo VI, no número 7: Maria tem sempre Jesus.

união é a usada na despedida de suas cartas: “Deixo-os nos sagrados corações de Jesus e de Maria<sup>89</sup>”. A fórmula ou expressão do culto mariano do Fundador mais completa que temos é bem significativa:

“Maria, sim, só Maria é nossa felicidade, sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria tem sempre seu adorável Filho ou em seus braços ou em seu coração<sup>90</sup>”.

Dá a impressão de que Maria era sempre contemplada “desde o ponto de vista de sua maternidade”<sup>91</sup>. A Mãe não pode prescindir de ser mãe e, portanto, de ter no Filho sua única preocupação tanto se está com ele, como se ele se encontra distante.

Ademais, as graças dadas por Maria, são, na realidade, graças de Jesus. A facilidade de obtê-las está nesta união entre os dois. Trata-se, em última instância, do mistério da Encarnação, que vai inseparável do mistério de sua maternidade. Por que Maria se apresenta como a felicidade marista? Porque Ela tem sempre seu “adorável Filho.” É justa-

mente o raciocínio apontado por Olier: “À Santíssima Virgem, entretanto, não se lhe negará nada... Ele quer sempre o que ela quer, e deseja o que ela deseja”<sup>92</sup>.

## 9.A IMITAÇÃO DE CRISTO, DIVINO MODELO

O Seminário de Santo Ireneu apresentava o seguimento de Cristo como uma imitação das ações do Senhor. Este modo de entender o seguimento tem sua origem no Novo Testamento: “Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Para chegar a esta imitação, o Manual do seminarista propunha alguns “meios fáceis para imitá-lo”. Estes meios não são outra coisa que “a recordação das ações da santa humanidade de Jesus Cristo.”<sup>93</sup> Jesus é visto pelos padres do oratório como “o divino modelo.”<sup>94</sup>

Esta orientação formativa parece muito bem assimilada por São Marcelino que propõe como objetivo

<sup>89</sup> É São João Eudes quem mais e melhor comentou esta união de corações: “*Jesus vive e reina de tal maneira em Maria, que é a alma de sua alma, o espírito de seu espírito, o coração de seu coração, de tal modo que se pode dizer que o coração de Maria é Jesus.*” EUDES, Jean. *Œuvres complètes*. Vol. I. Vannes. Lafolye. 1905-11, p. 130.

<sup>90</sup> Carta 194.

<sup>91</sup> LETHEL, F. *Théologie de l'amour de Jésus. Écrits sur la théologie des saints*. Carmel. Venasque. 1996, p. 115. A frase alude a Grignon de Montfort e pode aplicar-se também a este texto de Champagnat.

<sup>92</sup> GRISON. M. O.c., p. 16.

<sup>93</sup> DE PINS, p. 104. “Petit manuel” se entretém em nomear até vinte e cinco dessas ações de Cristo.

<sup>94</sup> DE PINS, p. 103.

principal para os Irmãos esta mesma imitação de Jesus, usando uma expressão idêntica à da tradição sulpiciana:

“Sim, caríssimos Irmãos, religiosos e filhos de Maria: imitar e seguir a Jesus Cristo... Anseio e desejo que, a exemplo de Jesus Cristo, nosso divino modelo, tenham terno afeto para com os meninos<sup>95</sup>”.

Um aspecto em que se pode ver esta imitação, tanto na tradição sulpiciana como na tradição marista dos primeiros tempos, é o diálogo nos recreios. Champagnat trabalhou durante anos seu comportamento nesse momento. O Santo motiva a recreação dos Irmãos a partir destes dois princípios: manter a naturalidade que tinham Jesus e Maria (imitação) e guardar a caridade<sup>96</sup>. Os sulpicianos têm os mesmos objetivos e podem ser comprovados em comentários como este:

“Os padres do oratório indicam três intenções que devem ter nas conversas da recreação:

1º) “Honrar as conversas que o Filho de Deus tinha com a Santa Maria, São José, os apóstolos e os homens”.

2º) “Manter a caridade e as afeições espirituais de uns e de outros”.

3º) “Ter um pouco de relax e de repouso”<sup>97</sup>.

## CONCLUINDO

A formação recebida por Marcelino como seminarista foi muito rica e muito bem assimilada, correspondendo dessa forma à graça. Formase nele uma espiritualidade unificada, por influência de São Francisco de Sales. Nela se destacam elementos, como o amor ao trabalho e uma piedade popular e afetiva; a contínua presença de Deus; a meditação sólida, metódica, afetiva e efetiva, e uma Eucaristia que ocupou um papel central em sua vida diária inspirando-a assim aos Irmãos.

O amor a Maria que caracterizou os Irmãos é visto, desde as origens do seminário, como amor à boa Mãe. Para Marcelino é incompreensível uma Virgem sozinha, sem a presença do Filho. Seguimos a Jesus precisamente por meio da imitação de suas ações e de suas atitudes.

Digamos que o mais básico da espiritualidade marista nasce da influência que Marcelino recebe como formando no longo tempo de seminarista. Entretanto, o mais específico de seu carisma, como serão o *Nisi Dominus*, a simplicidade e a

<sup>95</sup> Carta 63.

<sup>96</sup> Trata-se de um argumento já explicado nas conclusões da segunda parte, no número um.

<sup>97</sup> MOLIEN, A. *Le cardinal de Bérulle. II. Beauchesne*. Paris, 1947, p. 362.



confiança em Deus, nos será dado através de sua maturidade. Champagnat foi modelado ao levar a cabo a fundação dos Irmãos e através do discernimento eclesial que se deu para a aprovação de seu carisma.



# OS PROJETOS DA SOCIEDADE DE MARIA em CHARLIEU em 1824 e 1829

## O pároco de Perreux e o Padre Courveille



André Lanfrey,  
fms

Os Anais das casas da província de Notre-Dame de l'Hermitage contêm uma notícia sobre a escola de Perreux, nos arredores da cidade de Roanne, no norte do departamento da Loire. Nela o Irmão Avit discorre acerca da fundação da escola, ocorrida em 1837, a pedido do pároco François-Fleury Moine, da Senhora Bretail, benfeitora, e do município, apresentando a cópia de uma carta escrita pelo pároco ao Padre Champagnat no dia 26 de abril de 1837, na qual recorda os laços com os irmãos Colin e o Padre Courveille. Além disso, ela foi publicada em francês-português (n. 118), em: *S. Marcelino Champagnat. Cartas recebidas*, Editora Universitária Champagnat, Brasil, 2002, editada pelos Irmãos Ivo Strobino e Virgílio Josué Balestro.

### 1. UMA CARREIRA ECLESIASTICA EM TEMPOS DIFÍCEIS

Graças a vários documentos maristas, nós conhecemos muito bem o pároco Moine (1761-1838). Tendo nascido em Montagny, no cantão de Perreux, foi ordenado antes da Revolução e exilou-se na Itália no dia 26 de agosto de 1792. Voltou para a França em 1797, graças à calmaria que precedeu o golpe de Estado de Frutidor (4 de setembro de 1797). Durante este segundo terror, ele exerceu um apostolado clandestino na região de Perreux, como missionário do vigário-geral Linsolas. Em 1802, o Catálogo do vigário-geral Courbon elogia: “Ex-pároco de Boisset, natural de Montagny, de aproximada-

<sup>1</sup> O município rural de Perreux, capital de cantão, tem 2.436 almas. A aldeia está localizada numa encosta ao leste, a 5 km de Roanne, a 18 km de Charlieu, a 85 km de Hermitage por St Étienne (Anais de Perreux).

<sup>2</sup> Lettres T. II. Répertoire, Roma, 1987, p. 404, e informações sobre Perreux nos Anais.

<sup>3</sup> Como se indica no arquivo administrativo do distrito de Roanne: “F. Fleury Moine, ex-vigário de Boisset (3-8 de setembro de 1792), município de Renaison – lugar para onde ele se retira: Saboia”.

<sup>4</sup> Provavelmente, o Padre Moine encontra-se na missão de Roanne, que conta com 31 sacerdotes (Charles Ledré, *Le culte caché sous la Révolution* [“O culto escondido sob a Revolução”], Bonne Presse, 1949, p. 96). Além disso, na sua carta ele especifica que se encontra em Perreux desde 1797.

mente 46 anos (na realidade 42, com base na sua data de nascimento), de bons costumes, de inteligência normal, dotado de grande zelo e piedade, de submissão, de humildade, de grande facilidade para educar, de muito bom caráter e de ótima saúde”. Ele será pároco de Perreux, “estimado e amado por todos” (Anais de Perreux) desde 1802 até à sua morte, ocorrida em 1838.

A *Vie de Madame de Bavoz* (Vida da Senhora Bavoz),<sup>5</sup> fundadora do mosteiro beneditino de Pradines, perto de Perreux, narra que quando residiu em Pradines nos meses de agosto-setembro de 1813, o Cardeal Fesch lhe pediu para o ouvir em confissão:

“O outro (Padre Moine), inflexível na política e rígido na moral, teria recusado de bom grado esta honra; no entanto, dado que não seria muito correto rejeitar, em primeiro lugar fez questão de salvaguardar a sua própria consciência, certificando as disposições do Arcebispo em relação ao Imperador, aconselhando-o antes de tudo a “renunciar à sua família”. Sobre estes laços familiares, Fesch argumentou desejos divinos que o homem não pode evitar, e o Padre Moine insistiu com Sua Eminência a fim de que ele desse explicações

“a respeito da natureza do seu apego ao Imperador”: “Não se preocupe, disse-lhe o Cardeal; gosto de Bonaparte como meu sobrinho, mas desaprovo-o como perseguidor da Igreja”. Ao que parece, o pároco ficou satisfeito com tal declaração. Este incidente pode ser considerado como sinal de uma discreta desconfiança”.

Ele escreve ao Padre Champagnat no final da própria vida, uma vez que vem a falecer no dia 17 de março de 1838, antes da fundação da escola. A sua paróquia já possui uma escola para meninas, dirigida pelas Irmãs de São Carlos. Para os meninos, um seminarista enviado pelo Padre Cholleton,<sup>6</sup> ensinava latim às crianças do coro, “e isto tornou fácil para bom número de jovens dedicarem-se ao sacerdócio”.<sup>7</sup> Quanto aos habitantes (aproximadamente 3.000): “De maneira geral, todos pedem Irmãos, e solicitam-nos com insistência. E na opinião dos nossos Superiores, temos necessidade dos vossos bons Irmãos”.<sup>8</sup> Com efeito, esta fundação é motivada por dois fatores principais: a lei Guizot (1833), que impõe uma escola municipal para meninos; e a contribuição financeira da Senhora Bretil.

<sup>5</sup> D. Buenner, O.S.B., *Madame de Bavoz, abbesse de Pradines de l'Ordre de Saint-Benoît (1768-1838)* [*Senhora Bavoz, abadessa de Pradines, da Ordem de São Bento*] (1768-1838)], Emmanuel Vitte, 1961, p. 380-381.

<sup>6</sup> Claude Cholleton, tio de Jean Cholleton. Durante a revolução, ele foi chefe da missão de Gumières, na Loire. Tendo sido nomeado vigário-geral, faleceu no dia 25 de novembro de 1807.

<sup>7</sup> Este tipo de instituição, denominada com vários nomes, como “escola de coro”, “pedagogia”, “pequena escola”, preparava as crianças antes do seminário mediante o ensino básico, incluindo também o latim.

<sup>8</sup> Os Pequenos Irmãos de Maria são uma congregação diocesana de Irmãos, fortemente apoiada pelo Arcebispo.

## 2. MEMÓRIAS DAS SUAS RELAÇÕES COM OS IRMÃOS COLIN E COM O PADRE COURVEILLE

O Padre Moine não conhece Champagnat.<sup>9</sup> No entanto, recorda as suas antigas relações com personagens-chave da Sociedade de Maria (S.M.).

“Conheço de forma particular os Padres Colin, e [...] peço-lhe que tenha a amabilidade de saudá-los da minha parte, oferecendo-lhes os meus humildes cumprimentos, e de me indicar o seu endereço, a fim de que eu lhes possa escrever. O Padre Courveille convidou-me a encontrá-lo, para falar da sua instituição [de Santo Antônio<sup>10</sup>], e até queria que eu fosse a Roma, uma vez que eu conhecia o lugar e a língua. Se nessa época eu soubesse que os Padres Colin chegaram a formar uma semelhante instituição<sup>11</sup>, ficaria muito arrependido de não ter entrado nela<sup>12</sup>. No entanto, eu seria recompensado pelos vossos bons Irmãos Maristas, quando os tivéssemos. Dirijo-me a Maria, nossa terna Mãe, a fim de que Ela nos faça contar com dois dos seus amados filhos para [a Festa de] todos os Santos<sup>13</sup>”.

O pároco Moine conheceu Pierre Colin quando ele era pároco em Coutouvre, paróquia limítrofe de Perreux, de 1810 a 1814. E o seu irmão mais novo, Jean-Claude, então seminarista, teve que morar temporariamente na residência do seu irmão mais velho<sup>14</sup>. E não lhe tinham falado sobre a Sociedade de Maria, uma vez que somente mais tarde ele descobriu o papel-chave que desempenharam na sua fundação. Este contato teve que ser interrompido, devido à transferência de Pierre Colin para Salles-en-Beaujolais, de 1814 a 1816, e em seguida para Cerdon, a partir de 1816. No entanto, evoca as suas relações com o Padre Courveille em 1824, quando este planeja um estabelecimento marista em Charlieu<sup>15</sup>, cidade localizada a menos de 20 km ao norte de Perreux. Por conseguinte, o que ele conhece acerca da S.M. antes de 1836 deriva do Padre Courveille, pelo que parece ignorar a separação em relação aos Maristas, julgando L’Hermitage como um apêndice da obra dos irmãos Colin.

<sup>9</sup> A sua carta não faz qualquer alusão a relações precedentes.

<sup>10</sup> A consulta das *Cartas recebidas* e uma averiguação efetuada pelo Irmão Colin Chalmers, arquivista em Roma, demonstraram que a alusão à abadia de Santo Antônio era um acréscimo abusivo do Irmão Avit, que conhecia somente esta fundação criada em 1826-1829.

<sup>11</sup> Por “instituição” é necessário compreender “Sociedade de Maria”.

<sup>12</sup> Frase pouco clara. O pároco Moine quer dizer que se tivesse conhecido o projeto dos irmãos Colin, teria ido precisamente à procura deles. Por conseguinte, julgava que Courveille fosse o único fundador e superior da S.M. Ainda em 1837, ignora o papel de Champagnat.

<sup>13</sup> Este vocabulário sugere que o Padre Moine conhece algo da tradição marista.

<sup>14</sup> Isto nada tem de surpreendente; contudo, que eu saiba, não é citado em qualquer documento marista.

<sup>15</sup> OM1/75 § 13, Relatório do inspetor Guillard, em 1822. O Padre Courveille gabava-se de ser o superior-geral de uma obra com estabelecimentos em La Valla, Cerdon, em Dauphiné “e noutros lugares”.

## 2.1 Fundação da Escola dos Irmãos de Charlieu

A carta do pároco Moine, portanto, nos convida a reexaminar a história desta fundação, que conhecemos de maneira detalhada graças a um relatório redigido pelo prefeito de Charlieu (OM1/120),<sup>16</sup> em 26 de novembro de 1824.

A partir de 27 de outubro de 1824, o conselho de Dom Gaston de Pins examinou uma carta escrita por ele mesmo, em que pedia “uma casa de Irmãos das Escolas, do noviciado do Padre Champagnat” (OM1/113), e decidiu escrever-lhe “para saber quais eram as suas propostas a tal propósito”. Com efeito, quando a carta foi apresentada em conselho, o Padre Cholleton, vigário-geral, já tinha feito acordo com La Valla, e no dia 28 de outubro escreveu que a câmara municipal e o Padre Crétin<sup>17</sup> (capelão da casa de saúde, aparentemente o correspondente do arcebispado) teriam concordado em organizar tal escola. Contudo, antes que a sua car-

ta tivesse chegado ao destinatário, “nos primeiros dias de novembro os três Irmãos<sup>18</sup> chegaram acompanhados do Padre Courveille, fundador dessa congregação”. Dado que nada estava pronto, a fundação será improvisada e o prefeito avisará o Padre Cholleton sobre a solução encontrada.

Inicialmente, o Padre Courveille ameaçou regressar com os seus Irmãos, mas em seguida apresentou o prospecto da congregação, para que servisse como base de negociação. O pároco<sup>19</sup> e os vigários de Charlieu, assim como a maioria do conselho municipal, declaram-se favoráveis a tal projeto, e, portanto, a escola é inaugurada rapidamente, sob a direção do Irmão Louis Audras, numa parte das instalações da antiga abadia beneditina. No dia 28 de novembro de 1824 ela já conta uma centena de alunos.

O caráter improvisado e apressado da fundação de Charlieu dá a impressão de que os Padres Cholleton

<sup>16</sup> O relacionamento entre os Padres Courveille e Moine começou nos anos de 1819-1824, quando o Padre Courveille prestava serviço em Epercieux, perto de Feurs, a cerca de 20 km ao sul de Perreux.

<sup>17</sup> Nos Anais de Charlieu, o Irmão Avit fala várias vezes deste senhor, como benfeitor da obra dos Irmãos.

<sup>18</sup> O Irmão Avit especifica que o primeiro diretor foi o Irmão Louis, em 1824-1825. De 1828 a 1831, ele teve como seus sucessores o Irmão Augustin e em seguida o Irmão Cyprien. Ambos fazem parte dos Irmãos provenientes da Haute-Loire em 1822-23. O primeiro, Matthieu Cossange, natural de Bas-en-Basset, tendo chegado a La Valla no dia 5 de agosto de 1822, parece ser o diretor de Charlieu, de 1825 a 1829. O Irmão Cyprien, Jacques Furet, é irmão do Irmão Jean-Baptiste (OFM2/143.1). Provavelmente saiu da congregação em 1831. Trata-se dos Irmãos que vieram com o Padre Courveille? Parece provável, a propósito do primeiro deles.

<sup>19</sup> A correspondência de Champagnat, em 1829 (Cartas, n. 13), indicará que o pároco fez um acordo com o Senhor Hugand, proprietário da antiga abadia beneditina, para ali instalar a escola.

e Courveille concordaram em acelerar as decisões. E parece que o arcebispo não avisou o pároco, Padre Terrel.<sup>20</sup> Para os Irmãos de La Valla, trata-se de uma fundação a mais de 100 km do seu centro; e uma cidade (com 3.424 habitantes, em 1832) com um espírito muito diferente em relação ao das aldeias e dos pequenos povoados (Bourg-Argental, St Symphorien-le-Château), onde o Instituto já se encontra instalado.

## 2.2 Um contexto diocesano muito tenso

As circunstâncias explicam parcialmente esta pressa. No dia 18 de fevereiro de 1824, Dom Gaston de Pins tomou posse da diocese como administrador apostólico, mas numerosos eclesiásticos aceitam de mau grado esta nomeação, a qual parece demasiado política. Entretanto o Padre Bochard, fiel ao Cardeal Fesch, retirou-se na sua propriedade de Ménestruel (Ain).<sup>21</sup> Associando-se a Dom de Pins, de maio a outubro, o Padre Champagnat dedica-se à construção da sede do Hermitage. O Padre Courveille, tendo sido convidado a ajudá-lo, reside em La Valla a partir dos meses de junho e julho, quando se ocupa das relações com o arcebispo, que no prospecto de 19 de julho parece reconhecê-lo como superior, mas declara o Padre Cham-

pagnat “fundador principal” dos Irmãos de La Valla em 28 de julho de 1924 (OM1/110). Sem fazer questão de tomar partido entre os dois homens, o arcebispo pede-lhes unicamente que atendam às necessidades educativas urgentes.

No entanto, segundo o Administrador apostólico e o seu conselho, a situação em Charlieu é urgente. O relatório do inspetor Guillard, na primavera de 1822 (OM1/75), revela-nos que ele se encontrou com o Padre Grizard, professor municipal formando noviços “à maneira de La Valla”. Na primavera de 1823, o inspetor Poupar (OM1/86) constata que alguns Irmãos de Grizard, afiliados ao Padre Bochard, se instalaram também em Feurs e Panissières.<sup>22</sup> Portanto, menos de um ano antes da chegada de Dom de Pins, a congregação dos Irmãos da Cruz de Jesus adquiriu consistência no norte da Loire.

A oposição de Bochard ocasionou a partida de Grizard, em junho ou julho de 1824 (OM1/120 § 5 et 16). Por conseguinte, o Arcebispo teve que providenciar a substituição de um professor numa cidade onde a influência de Bouchard se tinha manifestado com grande sucesso. A escolha do Padre Courveille, para assumir a sucessão de Grizard, não é desprovida de lógica, dado que talvez seja conhecido na região como fundador dos Irmãos. A pre-

<sup>20</sup> Répertoire des Lettres de Champagnat, p. 482. Claude-Philibert Terrel (1762-1830) era sulpiciano antes da revolução. Depois de 1803, é pároco de Charlieu.

<sup>21</sup> Onde ele fundará os Irmãos e os Padres da Cruz de Jesus.

<sup>22</sup> 14 km ao noroeste de Feurs.

sença ao seu lado do Irmão Louis, até então mestre de noviços em La Valla, sugere que se visa dar continuidade ao noviciado de Grizard, não obstante o arcebispado só tenha em vista uma simples escola.

### 3. PROJETO DA SOCIEDADE DE MARIA EM CHARLIEU

O Padre Courveille não permaneceu por muito tempo em Charlieu<sup>23</sup>. No entanto, por intermédio do Padre Crétin, capelão da casa de saúde de Charlieu, propôs ao conselho municipal “que estabeleça acordos com o Senhor Arcebispo, administrador dessa diocese [...] para ali instalar, além da escola primária, um noviciado para os Pequenos Irmãos de Maria e um grupo de Padres missionários, destinados a ajudar [...] os vários párocos, ou colocando-se ao serviço de quem quer que os procure”.

O projeto já despertou certa atenção, levando o prefeito a afirmar “que o pároco de um cantão vizinho – que poderia ser o próprio Senhor Moine – já destinou à formação deste estabelecimento cem pés de pinheiro para as construções e reparações necessárias”. O conselho municipal mostra-se bem-disposto em relação ao grande projeto que o conselho diocesano concluirá no dia 25 de agos-

to de 1825, rogando ao Padre Courveille que “se limite no momento à obra dos seus Irmãos de Maria, uma vez que qualquer outra perspectiva é inoportuna”<sup>24</sup>. Evocando a intenção de Courveille de enviá-lo a Roma, o Padre Moine revela um aspeto do projeto até então desconhecido.

#### 3.1 Courveille e as tentativas de contato com Roma

Este projeto de Charlieu não é tão estranho quanto parece, se o associarmos à política conduzida pelos irmãos Colin e Courveille, em vista de um reconhecimento romano da Sociedade.

Em novembro de 1819, os aspirantes maristas enviaram ao Cardeal Pacca, em Roma, uma carta que permanecerá sem resposta. Uma segunda carta, endereçada a Pio VII, em 23 de janeiro de 1822, assinada por Courveille e pelos dois irmãos Colin, obtém como resposta uma carta em latim, datada de 9 de março, dirigida ao Padre Courveille, convidando-o a entrar em contato com o núncio em Paris (OM1/69, 74). Os irmãos Colin privaram-no dessa carta, “em virtude do uso imprudente que dela fazia”.<sup>25</sup> Contudo, ele conseguiu mostrar o original ou uma cópia ao Padre Moine a fim de encorajá-lo a ir a Roma.

<sup>23</sup> Em 26 de novembro, o prefeito declara que ele tinha partido já há bastante tempo (OM1/120 § 14).

<sup>24</sup> OM1/141.

<sup>25</sup> OM4, p. 254-255, nota biográfica do Padre Courveille. OM1/74.



A bula *Paternae caritatis*, de 6 de outubro de 1822, com a qual se volta a erigir a diocese de Belley, complica a situação, uma vez que os aspirantes maristas são ameaçados a ser em breve divididos entre duas dioceses. No entanto, em novembro de 1822, Jean-Claude Colin vai à nunciatura para apresentar as regras da Sociedade de Maria, marginalizando o papel de Courveille nas negociações com Roma e até com a diocese de Lyon, pois em 1823, depois de uma segunda viagem de J.C. Colin a Paris, o núncio entrega a documentação a Dom Devie, novo bispo de Belley. Na diocese de Lyon, o projeto de sociedade não é desconhecido, e em certa medida chega a ser favorecido por Dom de Pins, que em 1824 convida o Padre Courveille, e depois, em 1825, o Senhor Terrailon, a irem para l'Hermitage, uma vez que o Padre Champagnat<sup>26</sup> já era considerado pelas autoridades diocesanas, mais ou menos claramente, como o iniciador da Sociedade de Maria.

Até ao final de 1824 os Maristas mantiveram a esperança de alcançar a reunião de todos numa das duas dioceses, de preferência em Lyon. Contudo, no fim do mês de novembro,

o diálogo entre J.C. Colin e Dom de Pins, Administrador de Lyon, termina com um fracasso.<sup>27</sup> O Administrador apostólico não quer deixar que os Maristas abandonem a sua diocese, do mesmo modo que Dom Devie deseja manter os seus. É em 29 de novembro de 1824, (OM1/122), portanto imediatamente depois do seu regresso de Charlieu, que o Padre Courveille recebe de J.C. Colin a notícia da mal-sucedida tentativa de reunião dos Maristas numa única diocese.

O seu projeto em Charlieu, no início do mesmo mês, pode ser explicado neste contexto.<sup>28</sup> E, entre novembro de 1824 e o final de agosto de 1825, o Padre Courveille procurará chegar a uma decisão a favor de uma Sociedade de Maria em Lyon.<sup>29</sup>

#### 4. AS CONSEQUÊNCIAS PARA L'HERMITAGE

Este caso complica notavelmente a situação de L'Hermitage. No rascunho de uma carta destinada ao Padre Terrel,<sup>30</sup> em 1829, M. Champagnat afirmará: “Eu não poderia estar mais em uma posição falsa em Charlieu” (Carta 13, rascunho B). E o me-

<sup>26</sup> OM1, p. 8-9: *Chronologie des origines maristes*.

<sup>27</sup> OM1/121-122, Cartas de J.C. Colin, explicando a sua entrevista a Dom Devie e ao Padre Courveille.

<sup>28</sup> Ele não considera L'Hermitage, cuja construção está chegando ao fim, plenamente em conformidade com o espírito da Sociedade de Maria. O Padre Terrailon, que chegará em L'Hermitage em 1825, pensará o mesmo que ele.

<sup>29</sup> Como se diz no memorando Bourdin (OM1/754 § 33), este é o momento em que “o Padre Courveille confunde os assuntos”.

<sup>30</sup> Cartas de Champagnat, Vol. 1, Cartas, n. 13. Na realidade, trata-se de dois rascunhos de cartas sem data.

morando Bourdin<sup>31</sup> fez alusão a isto, confundindo St Symphorien com Charlieu:<sup>32</sup> “O Padre Courveille mistura os assuntos de St Symphorien; ele queria despedir os Irmãos,<sup>33</sup> e o Padre Champagnat vai a St Symphorien em companhia de um Irmão”.<sup>34</sup> O capítulo 13 da *Vida* evoca uma “segunda viagem”<sup>35</sup> de Champagnat, no outono de 1825, pouco depois da sua eleição como Superior dos Irmãos, a qual parece ter tido como finalidade informar-se pessoalmente a respeito da situação da escola e pôr fim ao projeto sedutor de um centro missionário,<sup>36</sup> provavelmente causando um grande desgosto ao Padre Courveille.

## 5. DIVERGÊNCIAS SOBRE A SOCIEDADE DE MARIA

A carta do Padre Moine, portanto, nos ajuda a recordar que nas origens da Sociedade de Maria existe uma rivalidade entre três estratégias principais: dos irmãos Colin (regra, missão e apelo a Roma), de Champagnat (prioridade do ramo dos Irmãos, apoiado pela diocese<sup>37</sup>) e de Courveille (Irmãos, ir-

mãs, missão, apelo a Roma). Inicialmente associado aos irmãos Colin, Courveille perde rapidamente o seu papel de líder, e a criação da diocese de Belley contribui para isolá-lo ainda mais.

Entretanto, de maio de 1824 a setembro ou outubro de 1825, parece que pelo menos uma parte do conselho, e de maneira particular o Padre Cholleton, apostou mais em Courveille como superior dos Irmãos, do que em Champagnat. Isto explica a sua intervenção em Charlieu, e em seguida a tentativa de conseguir ser eleito superior, o que lhe haveria de conferir a legitimidade necessária para fazer com que l’Hermitage fosse reconhecida com o status de casa missionária. Veremos que esta estratégia, malograda em 1825, será retomada com sucesso sem o Padre Courveille em 1827-1830.<sup>38</sup>

O pároco de Perreux conheceu unicamente uma parte destas complicadas vicissitudes.<sup>39</sup> O seu relacionamento com o Senhor Courveille foi breve e superficial, não obstante ele tenha admitido que apoiou o seu projeto.<sup>40</sup>

<sup>31</sup> OM2/754 § 33. Por volta de 1830, este Padre Marista redige um plano histórico sobre as origens dos Irmãos Maristas.

<sup>32</sup> Sem dúvida, a confusão acerca dos lugares deriva da situação tão excêntrica destas duas escolas. Além disso, St Symphorien podia ser uma parada no caminho para Charlieu.

<sup>33</sup> Efetivamente, o prefeito avisa que tem a intenção de despachar os Irmãos.

<sup>34</sup> A *Vida* fala de um operário (Philippe Arnaud) que o acompanha. Veja os Anais do Instituto.

<sup>35</sup> É improvável que Champagnat tenha feito uma viagem precedentemente.

<sup>36</sup> O retorno do Irmão Louis a l’Hermitage, no final de 1825, constitui o sinal de que já está fora de questão um noviciado em Charlieu.

<sup>37</sup> Um pouco mais tarde o Padre Séon repreenderá o Padre Champagnat.

<sup>38</sup> OM1, p. 470-480, docs. 195-208.

<sup>39</sup> Courveille não lhe falou a respeito do papel dos irmãos Colin, e nem sequer da função de Champagnat, o que revela muito acerca da sua pretensão de ser fundador.

<sup>40</sup> Falando dos Irmãos Maristas como “amados filhos” de Maria, ele demonstra certo conhecimento do espírito da S.M., que poderia remontar ao Padre Courveille.

## 5. OS MARISTAS E CHARLIEU EM 1829

A partir do mês de maio de 1827, o Padre Séon une-se ao Padre Champagnat.<sup>41</sup> Pouco tempo depois, repreende-o (OM2/625) porque se preocupa demais com os Irmãos e também porque descuida do ramo dos sacerdotes maristas na diocese de Lyon. Sob o seu impulso, tem início o recrutamento de aspirantes ao sacerdócio marista: Bourdin, Pompallier, Chanut, Forest... Entre 1828 e 1830, o arcebispado reconhecerá l'Hermitage o status de casa missionária. Contudo, Dom de Pins não tenciona ir mais além:<sup>42</sup> a Sociedade de Maria deve permanecer uma sociedade missionária diocesana.

A ideia de constituir um centro missionário marista volta a apresentar-se em 1829, como o sugere a nota sobre Charlieu (OM4, p. 387):

“Em 8 de julho de 1829, o tesoureiro do seminário maior aluga por nove anos ao pároco da cidade, Padre Terrel, e ao Padre Champagnat os edifícios [pertencentes ao seminário maior], para onde a escola dos Irmãos se transfere na Solenidade de Todos os Santos. Naquela época, Etienne Séon é

enviado para Charlieu como vigário no lugar do Padre Pompallier, mas também como capelão dos Irmãos, e é possível que nessa altura se tenha voltado a acalentar planos de estabelecimento dos Padres em Charlieu. O Padre Colin parece afirmar precisamente isto no fim da sua vida, atribuindo o fracasso do projeto à morte do Padre Terrel (24 de junho de 1830) e à revolução de julho, ocorrida algumas semanas mais tarde”.<sup>43</sup>

### 5.1 Constituir um polo marista em Charlieu

É a transferência da escola dos Irmãos de Charlieu que desencadeia este projeto. O Irmão Avit (Annales de Charlieu) admite que desconhece o motivo pelo qual o Padre Terrel concordou com o Senhor Hugand, proprietário da abadia onde a escola está alojada, em vista da sua transferência para o edifício pertencente ao seminário St Irénée, assumindo a sua organização e o aluguel.<sup>44</sup> O Irmão Avit (Annales de Charlieu) estabelece as cláusulas do contrato de arrendamento de nove anos, assinado a 8 de julho de 1829 entre o Padre Plasse, tesoureiro do seminário maior, o Padre Champagnat e o pároco Padre Terrel, assim como os itens do

<sup>41</sup> Nota do Padre Séon. OM4, p. 351.

<sup>42</sup> Numa carta de 18 de dezembro de 1828, Champagnat pede ao Padre Cattet que favoreça o estabelecimento da S.M. na diocese (OM1/185). Depois de um novo pedido, em 18 de fevereiro de 1830, o Padre Cattet informa a Champagnat que a diocese não quer a união das Sociedades de Maria de Lyon e Belley.

<sup>43</sup> Doc. 819 § 33: “Em 1829 apresentou-se um novo projeto de casa dos Padres. O Padre Thérel, pároco de Charlieu, propôs-se a ceder para tal finalidade a imensa abadia dos Beneditinos, situada nessa cidade. O Padre Séon foi tomar posse dela e ali passou um ano”... O Padre Colin interpreta, à sua maneira, a passagem da abadia para a casa do seminário.

<sup>44</sup> Cartas de Champagnat, Vol. 1, Cartas, n. 13, na qual se evoca os dois contratos. Julgando que o pároco Terrel é o responsável por esta situação, Champagnat pede-lhe que assumia as despesas da mudança de domicílio.

contrato, assinado com o Padre Terrel a favor da escola:

“O piedoso fundador concedeu-lhes (as cláusulas de fundação), impondo as mínimas condições para aquela época, isto é, uma gratificação de 400 francos, uma remuneração de 425 francos e a mobília no valor de 500 francos, em espécie ou em dinheiro, para cada Irmão. Os Padres Terrel e Guynault (Guinot, o prefeito) pagaram as primeiras despesas. A cidade ofereceu 500 francos para o subsídio anual; as taxas escolares deviam fornecer o restante, mas era necessário cobrá-las na ponta da espada”.

Era preciso concluir a questão no mês de setembro de 1829.<sup>45</sup> Contudo, essa casa estava destinada unicamente aos Irmãos (Carta n. 13), porque M. Champagnat esperava a vinda do Padre Séon a Charlieu com o título de vigário. E na sua descrição das origens maristas (OM2/625) disse-lhe que, prevendo-se que o Padre Pompallier seria vigário em Tarare, onde a sua vocação marista corria o risco de naufragar, ele mesmo se oferecia para substituí-lo, contudo sem explicar por que razão esta substituição se devia ocorrer em Charlieu.

## 5.2 A resistência do Padre Terrel

No dia 22 de outubro o Padre Séon ainda não se tinha estabelecido em Charlieu e, por isso, “considerando as dificuldades assinaladas

por M. Champagnat” (Doc. 202), devidas à inércia do Padre Terrel, que não toma as providências necessárias, o Conselho pede-lhe que examine o ponto da situação: “Os Pequenos Irmãos de Maria somente se estabelecerão ali depois de terem apresentado o seu relatório e, se for necessário, as suas disposições. O Senhor pároco será notificado”.

Contudo, o resultado é desanimador, dado que o conselho diocesano de 28 de outubro de 1829 chegará a apelar-se ao Padre Mioland, “superior das missões” (Chartreux) e membro do conselho, que faz questão de “fazer com que o Padre Terrel, pároco de Charlieu, assuma os compromissos necessários a fim de que os Pequenos Irmãos de Maria se instalem com dignidade e segurança” (Doc. 203).

Finalmente, o Padre Séon ocupa a função de segundo vigário, a partir de 10 de novembro de 1829 (Doc. 625, nota 1, pág. 450). Mas, no dia 20 de novembro (Doc. 206), o arcebispado atribui-lhe simplesmente o título de “capelão dos Pequenos Irmãos de Charlieu”. Aquilo que no início parecia uma mera transferência de lugar tornou-se uma verdadeira refundação, justificando contratos diversificados: o primeiro para uma obra missionária destinada ao noroeste da diocese, chefiada pelo Padre Séon, e o outro para uma escola sob a responsabilidade de Champagnat.

<sup>45</sup> Numa Carta de 31 de setembro de 1829 (doc. 198), o Padre Cattet, vigário-geral encarregado das comunidades religiosas, repreende Champagnat por ter sido “demasiado generoso para o preço da locação de Charlieu”.

### 5.3 De Charlieu a Valbenoîte

É desta vez que se concretiza o acordo entre a Sociedade de Maria, representado por Champagnat, e a diocese. O Padre Colin explicou que o fracasso se tinha verificado devido à morte do Padre Terrel e à revolução de 1830 (doc. 819 § 33). Enquanto a primeira razão é possível, a segunda (julho de 1830) é certa. A união das Sociedades de Maria, de Lyon e de Belley, realizada entre 10 de setembro a 22 de outubro de 1830 (Docs. 220, 221) constitui uma causa ainda mais determinante.

Entretanto, não se abandona a tentativa de criação de um novo polo marista: o Padre Séon, que oficialmente se retirou de Charlieu no dia 21 de dezembro de 1830, não volta para L'Hermitage: em 30 de dezembro de 1830 é nomeado vigário do Padre Rouchon, na paróquia de Valbenoîte. Um pouco mais tarde, será escolhido como superior dos sacerdotes maristas, reagrupados naquele lugar onde já existia uma escola ativa dos Irmãos desde 1827. É pouco mais que uma transferência do projeto de Charlieu, dado que os Padres de Valbenoîte reconhecerão a autoridade de Colin e não a de Champagnat. O pároco Moine ignorou manifestamente esta questão de Charlieu em 1829-1830.

### 5.4 Charlieu e Courveille em 1829?

O projeto do Padre Courveille em Charlieu, em 1824, seria finalmente levado a cabo sem ele, primeiro em Charlieu e depois em Valbenoîte? Contudo, não estamos totalmente certos da sua ausência.

É preciso ter em consideração algumas preocupantes coincidências de datas. A partir de março-abril de 1829, Courveille, cuja obra de Santo Antônio se encontra em declínio, faz um longo périplo pela França, passando por Nîmes, Toulouse, Limoges e Clermont-Ferrand.<sup>46</sup> Em 8 de julho de 1829 (OM1/195), no mesmo dia do contrato sobre a locação dos edifícios do seminário de Charlieu, o conselho de Dom de Pins projeta conceder-lhe um “*exeat*” (autorização para passar para outra diocese), que de resto ele não pedirá. Ainda no dia 5 de novembro de 1829 (Doc. 205), o conselho impede que o pároco de Chénéreilles<sup>47</sup> empregue temporariamente o Padre Courveille como auxiliar durante o jubileu. Este parece renunciar, uma vez que em dezembro de 1829 se encontra em Bourges (OM1/407). Contudo, não obstante tenha sido admitido na diocese, parte de novo. E as fontes maristas afirmam: “O próprio Padre Courveille ousou vir a Belley por volta de 1829 ou 1830, quando o Padre Colin era superior do seminário

<sup>46</sup> *Celebret* em Nîmes, no dia 21 de março; em Toulouse, 24 de março; em Limoges, no dia 1 de abril; em Clermont, no dia 3 de abril de 1829 (OM1/ 156).

<sup>47</sup> Pequeno povoado ao sudoeste da Loire, entre Montbrison e Apinac.

menor. Ele foi rejeitado pelos motivos que conhecemos”.<sup>48</sup>

Na verdade, o Padre Courveille passou a maior parte do ano de 1829 em busca de um lugar onde se instalar, e procurando restabelecer contatos com as suas antigas relações. E por que Charlieu? O Padre Terrel, pároco, e o Senhor Hugand, proprietário, teriam desejado dispor dos edifícios da abadia para ali voltar a instalar a sua obra?<sup>49</sup> Em julho de 1829, informado da sua presença e determinado a não entrar em contato com ele, o conselho diocesano teria levado a Sociedade de Maria de Lyon a ocupar-se de Charlieu.

### 5.5 O Padre Séon, mediador entre Champagnat e Courveille

Esta hipótese não está desprovida de certo fundamento. Em primei-

ro lugar, na descrição inspirada do Padre Séon sobre as origens da Sociedade (OM2/625), o Padre Mayet menciona (§ 18) um caso estranho:

“A casa dos Irmãos maristas no Hermitage ocupava os pensamentos do Padre Courveille. Tratava-se de transferir a propriedade para o Padre Champagnat e de conquistar o Padre Courveille. O Padre Séon tomou conta deste assunto delicado, visitando o Padre Courveille, dando-lhe testemunho de profunda estima e afeição, e levando-o a concordar que numa determinada data iria ter com um notário acompanhado pelo Padre Champagnat. Foi ali que se assinou o contrato, o qual constitui o último contato que a Sociedade teve com o Padre Courveille”.<sup>50</sup>

É verdade que, mediante a declaração de 21 de maio de 1830, já instalado em Apinac, o Padre Courveille aprova<sup>51</sup> as decisões tomadas em seu nome por Champagnat (Doc. 217) e esta declaração encerra um caso constrangedor: não obstante tenha conferido uma procuração a

<sup>48</sup> OM3/ 819 § 78, Memorando sobre a origem e a fundação da S.M., 1869-1870, e várias declarações do Padre Colin. Veja também os documentos 820 § 30 e 821 § 11 que, escritos na primeira pessoa, estão sem dúvida mais próximos das palavras do Padre Colin, o qual especifica que se trata de uma reunião dos Maristas. Leia ainda os documentos 840 § 129-130 e 845 § 14. Dado que esta visita não é atestada por outros documentos, paira uma dúvida sobre a sua veracidade. Ela não poderia ter ocorrido antes de 3 de maio de 1829 (OM1/193), data da nomeação oficial do Padre Colin como superior do seminário menor. Uma nota (OM3, doc. 819, p. 274, nota 4) tem em consideração duas datas possíveis: julho de 1829, no momento em que a diocese de Lyon tencionava conceder a sua aprovação ao Padre Courveille; e novembro-dezembro daquele mesmo ano.

<sup>49</sup> Os Anais de Charlieu anotam: “No final do contrato de locação de 1829, o Senhor pároco não conseguiu ou não quis renová-lo, e os Irmãos tiveram que voltar para a abadia”.

<sup>50</sup> Não pode ser o acordo acontecido em 1826, entre Champagnat e Courveille, a propósito dos bens que tinham em comum em La Valla e em L’Hermitage (OM1/166-167): naquela época, o Padre Séon ainda não fazia parte da S.M. Essas palavras referem-se “a um certo acordo posterior” (OM2/625, nota 2, p. 449).

<sup>51</sup> Mediante uma simples declaração, e não diante de um notário.

Champagnat para a venda dos bens que possuía em La Valla, em 1828 o Padre Courveille conferiu uma nova procuração a um tal Senhor Mouton para vender em seu nome a casa Bonner de La Valla.<sup>52</sup> Teria o Padre Séon servido de mediador na resolução deste conflito? É muito improvável. Com efeito, em 1826 o Padre Champagnat adquiriu do Padre Courveille a sua parte na propriedade de L'Hermitage (OM1/166) e, nessa época, o Padre Séon ainda estava no seminário.

Ao contrário, esta mediação poderia referir-se a Charlieu, pois talvez o Padre Mayet se tenha enganado sobre o lugar.<sup>53</sup> Além disso, tendo assinado em 1829 novos contratos relativos a Charlieu, Champagnat tinha necessidade do consentimento de Courveille, fundador da escola em 1824 como superior dos Irmãos, para extinguir os contratos precedentes.<sup>54</sup> De qualquer maneira, estas negociações Courveille-Séon-Champagnat tiveram lugar entre, no mínimo, fins de 1829 e, no máximo, o final de 1832, tendo o Padre Courveille deixado definitivamente a diocese de Lyon no início de 1833.<sup>55</sup>

## CONCLUSÃO

No final de 1824 o Padre Courveille fundou em Charlieu uma escola de Irmãos de La Valla, apresentando-se às autoridades civis e eclesiásticas como o seu fundador. A escola dos Irmãos foi instalada de maneira improvisada numa parte dos edifícios da antiga abadia beneditina. Um contrato de locação foi assinado entre o pároco, o proprietário Senhor Hugand e o Padre Courveille, que, além disso, tencionava criar, com o consentimento do arcebispado, um noviciado de Irmãos e uma casa missionária. De acordo com o pároco Moine, para tal até teria considerado obter a aprovação romana. Tornando-se superior dos Irmãos no outono de 1825, o Padre Champagnat deve assumir uma obra que ele não fundou, e, entretanto, o arcebispado impede que o Padre Courveille prosiga o próprio objetivo de instituir uma casa missionária.

O problema volta a apresentar-se em 1829, quando o pároco Terrel quer tirar os Irmãos dos edifícios da abadia. A diocese intervém para dar alojamento aos Irmãos nos edifícios pertencentes ao seminário. Um con-

<sup>52</sup> Ela é vendida a Jacques Couturier, no dia 5 de fevereiro de 1829.

<sup>53</sup> A hipótese de que o Padre Séon evoca Charlieu é corroborada pela constatação de que o parágrafo seguinte da sua descrição (§ 18) é dedicado à sua substituição do Padre Pompallier.

<sup>54</sup> O Senhor Hugand (Cartas, n. 13, p. 51-52) é proprietário da abadia onde os Irmãos ensinaram de 1824 a 1829. Sem dúvida, um contrato de locação foi assinado com ele pelo pároco Terrel e pelo Padre Courveille.

<sup>55</sup> Ele chega a Bourges em fevereiro de 1833 (OM1/407).

trato é assinado entre Champagnat e o tesoureiro do seminário para o uso de tais edifícios, à custa do pároco Terrel. O Padre Séon é enviado para Charlieu, quer como agente da diocese, quer em vista de um projeto de casa missionária marista. O Padre Champagnat assina com o pároco um novo contrato para a escola, anulando os acordos precedentes com o Padre Courveille. Por conseguinte, não se trata de uma renovação da obra anterior, mas de uma nova fundação. E, para se prevenir de qualquer tentativa do Padre Courveille, o Padre Séon pediu-lhe para renunciar ao contrato de locação assinado em 1824. A Revolução de 1830 e a constituição de uma Sociedade de Maria interdiocesana levarão a transferir o projeto dos Padres de Charlieu para Valbenoîte. Tendo perdido o seu subsídio municipal em 1830, a escola dos Irmãos de Charlieu conhecerá anos difíceis.

Durante os anos de 1824-1829, o Padre Courveille deu continuidade ao projeto de uma Sociedade de Maria, segundo o modelo formulado em Charlieu. E o Senhor Séon pensava como ele. Daqui derivaram a decisão de enviá-lo para Charlieu, bem como uma certa convivência entre eles, permitindo a manutenção de contatos e a resolução de litígios, provavelmente a respeito de Charlieu.

De todos os protagonistas dessas questões, o Padre Terrel, pároco a

partir 1803, é o mais enigmático. Terá ele sido um defensor do Cardeal Fesch, uma vez que aceitou de mau grado o Administrador apostólico?<sup>56</sup> Que Grizard tenha constituído na sua paróquia um noviciado de professores dedicados ao Monsenhor Bouchard; que em 1824 a diocese não o tenha procurado para estabelecer uma escola de Irmãos de La Valla; que em 1829 ele tenha transferido a escola dos Irmãos, sentindo-se muito relutante em admitir o estabelecimento deles nas instalações do seminário: tudo isto sugere que ele está em desacordo com o arcebispo. Teria ele procurado incentivar uma retomada do projeto do Padre Courveille em 1829? Seja como for, a coincidência de datas, a intervenção do arcebispo e a instalação do Padre Séon em Charlieu tenderiam a favorecer tal interpretação.

A carta do pároco Moine e os vários documentos consultados recordaram-nos, pelo menos, que Charlieu não foi unicamente uma das primeiras escolas do Instituto, mas o lugar de dois sucessivos projetos de fundação de uma Sociedade de Maria em Lyon, concorrentes de L'Hermitage, mas também em Belley. A união dos Padres de Belley e Lyon, e a instalação dos Padres Maristas em Valbenoîte encerram o período dos projetos de união estreita entre Padres e Irmãos e das Sociedades de Maria diocesanas.

---

<sup>56</sup> J.A. Gillibert, inicialmente em contato com o grupo marista, em 1820 tornou-se pároco de La Madeleine em Tarare e era considerado o líder da oposição a Dom de Pins, a ponto de ter sido banido por ele em 1831 (OM4, p. 288-290).



# O IRMÃO LOUIS E SUA PRÓPRIA CONCEPÇÃO DA SOCIEDADE DE MARIA

## Ensaio da história das origens a partir dos companheiros e discípulos do Padre Champagnat



André Lanfrey,  
fms

Como é normal, a vida do Padre Champagnat é essencialmente sobre ele, embora ao mesmo tempo aprendamos muito sobre os seus primeiros companheiros. A *Vida* insiste no caráter carismático da obra, mas dá-nos uma quantidade razoável de informações sobre os recuos e os progressos da sua organização institucional. Dito isso, o leitor deve ter em mente que durante quase um século, e especialmente nas origens o instituto não estava organizado segundo o direito canônico. Portanto, é necessário verificar o significado exato de certos títulos e funções originais dos quais, às vezes, pensamos, embora erroneamente que sabemos o significado. Este é particularmente o caso de

conceitos como “superior”, “diretor”, mestre de noviços, noviciado...

A biografia do Ir. Boaventura reserva algumas surpresas. Por exemplo: nascido em 1804 em Pélussin, Antoine Pascal, empregado em Ampuis, é admitido ao noviciado no dia 31 de maio de 1830<sup>1</sup> e tomou o hábito em 09 de outubro do mesmo ano, a pouco mais de três meses de postulante, num ambiente antirreligioso após a revolução de julho de 1830. Enviado a Sorbiers, a sua virtude é admirada pelo Ir. Cassien, que é particularmente difícil<sup>2</sup>. Em 12 de junho de 1831, ele pronunciou os seus votos temporários por três anos; mas no dia 12 de outubro do mesmo ano<sup>3</sup>, pronuncia os seus votos perpétuos.

<sup>1</sup> Nas *Biographies de quelques Frères*, se dá a data de 27 de junho de 1830. Sua entrada teria seguido de perto a deserção de cinco noviços (*Biographie*), incluindo um de Ampuis, que difunde observações desfavoráveis a L’Hermitage. Mas podemos nos perguntar se essas defecções não seguem de fato a Revolução dos três gloriosos do final de julho de 1830, gerando uma efervescência geral. O Irmão João Baptista, preocupado em desenvolver a sua teoria da substituição (segunda biografia), poderia ter manipulado a cronologia. Em qualquer caso, o Irmão Bonaventure parece não ter entrado antes do dia 27 de junho.

<sup>2</sup> A sua permanência representa um problema cronológico mencionado pelo Ir. Paul Sester (*Lettres II*, 99) porque, em 1831, Louis Chomat e Césaire Fayol ainda não tinham tomado o hábito.

<sup>3</sup> No seu processo verbal de profissão, o irmão Bonaventure indica o dia 2 de outubro de 1831.

A causa desta segunda profissão apressada é-nos dada pelo Ir. Avit (*Annales*, 1830 § 147): “Ele professou em outubro de 1831 e substituiu o Ir. Louis como mestre dos noviços”. É verdade que a sua determinação de entrar na vida religiosa num momento particularmente difícil deve ter impressionado o padre Champagnat e a comunidade, tanto mais que em 1831 ele tinha 27 anos. Parece estranho, contudo, que um Irmão, tão rapidamente formado, tenha conseguido uma importante função, fazendo dele o sucessor do primeiro discípulo de Champagnat.

Primeiro, é preciso ter em conta alguns pormenores nas datas. Se é verdade que em 1831 o Irmão Louis foi enviado para Charlieu, o Irmão Bonaventure só lhe teria sucedido depois de uma permanência em Sorbiers, por volta de 1833<sup>4</sup>. Mas o essencial é outra coisa: não confundir a “casa do noviciado” isto é, L’Hermitage com o “noviciado” propriamente dito, constituído por jovens em formação em que a formação religiosa é acompanhada pelo ensino de matérias profanas como leitura, gramática, aritmética, escrita<sup>5</sup>. A expressão “escola normal”<sup>6</sup> começa a

substituir o termo “noviciado”. Mesmo depois de se beneficiar de tal formação, o Irmão Bonaventure certamente não estaria em condições de dar aulas sobre matérias profanas. Mas a sua função de mestre de noviços era de modelar e orientar jovens e menos jovens em formação, mas não de diretor espiritual. Como diz o Ir. Avit:

“O Irmão Bonaventure tornou-se um excelente mestre de noviços. Ele instrua-os tanto pelos seus exemplos como pelas suas palavras” (*Annales*, 1831, § 153).

E é isso que ele irá fazer “durante quase vinte anos” até 1851<sup>7</sup>. Ele passará os últimos doze anos da sua vida como responsável pela propriedade de St Genis Laval e morrerá em 20 de outubro de 1865 (*Lettres II*, 99), rodeado pela veneração dos Irmãos (*Biographies*, p.120 ... 129). O seu último trabalho mostra que, embora fosse um religioso fervoroso, dificilmente se poderia considerar um homem culto ou uma figura proeminente. Além disso, quando usamos o termo “mestre dos noviços”, não devemos cometer um anacronismo: é apenas com as constituições de Roma de 1903 que o título terá um significado canônico preciso.

<sup>4</sup> Esta é a tese do Ir. Paul Sester na notícia biográfica do Ir. Bonaventure (*Lettres II*, página 99).

<sup>5</sup> Sobre este assunto, ver OFM / 104, datado de 1827-28.

<sup>6</sup> Alguns dos “noviços” dos noviciados dos F.E.C (Irmãos das Escolas Cristãs) são leigos que vieram se formar para poder ensinar.

<sup>7</sup> A carta de convocação para o Capítulo Geral, em 17 de abril de 1852, cita seu nome dentre os Irmãos elegíveis, declarando: “ex-mestre dos noviços”. Seu sucessor foi o irmão Pascal (*Biographies de quelques Frères* p 364) em 1852. Nomeado assistente em 1854, ele não permanecerá muito tempo nesta função.

## 1. OS DIRETORES DAS CASAS DE NOVICIADO

O Irmão Bonaventure deixou as suas funções pouco antes da elaboração das Regras do Governo de 1854, das quais o Capítulo III é dedicado às “Regras do Irmão Diretor das casas de noviciado”. É na primeira secção que se trata do “mestre de noviços”, que deve possuir, em alto grau, dezenove qualidades como “fé viva” (n. 1), “espírito de oração” (n. 2)... “conduta exemplar” (n. 12)... mas também “uma instrução suficiente nas ciências próprias dos Irmãos” (n. 18) ... e mesmo “muita experiência no método de ensinar peculiar ao Instituto” (n. 19). O irmão Bonaventure possuía a maioria dessas qualidades, mas não tanto assim na instrução e na pedagogia.

As outras sete secções falam da recepção dos postulantes, da sua admissão à tomada de hábito e o seu envio para uma escola; elas recordam “como o Irmão diretor dos noviços” deve assegurar a direção da consciência ... Mas a nona secção intitulada “Conduta que deve ter o Irmão Diretor na direção de sua casa” leva-nos a entender que este diretor é responsável não apenas pelo noviciado, mas também pela administração de sua casa e até mais: “Ele pode substituir temporariamente os Irmãos dos estabelecimentos dependentes de seu noviciado [...] Ele tem uma espécie de autoridade sobre todos os Irmãos da Província”, recebendo inclusive as chamadas contas de consciência. Em cada retiro faz

um relatório do estado temporal e financeiro das casas dependentes de seu noviciado. Numa palavra! Ele é pouco menos que um provincial e muito mais que um mestre de noviços. É um Diretor da Casa Provincial.

No organograma do Instituto de 1854, a função de mestre de noviço é assim absorvida pela do diretor da casa do noviciado, que delega a um “mestre de noviços” o cuidado diário dos aspirantes em formação. Mesmo mais instruídos do que era o Ir. Bonaventure por volta de 1833, eles não têm status oficial.

## 2. UMA TRADIÇÃO ORIGINAL

Essa constatação leva-nos até antes de 1833 e a nos fazer a seguinte pergunta: será que o irmão Bonaventure sucedeu realmente ao irmão Louis, ou não era só um mestre de noviços, mas o diretor da casa de L’Hermitage?

E esta questão remete-nos para o ano de 1819: o da eleição, pelos Irmãos, de Jean-Marie Granjon como Diretor (*Vida*, cap. VI, p. 64-67). A narrativa de sua atividade, certamente idealizada, dá uma boa ideia do que se espera de um diretor da casa do noviciado: “Constantemente à frente de seus irmãos, ele era o primeiro em toda a parte, e em todos os lugares exemplo de regularidade, de piedade e de todas as virtudes religiosas”... No capítulo VII da *Vida* (p. 71-73), o Irmão João Batista recorda a conduta

do Padre Champagnat, logo que veio morar com os irmãos. Embora sendo superior, ele insiste na sua proximidade entre ele e os Irmãos: “Como o bom pastor, estava sempre à frente do seu pequeno rebanho: trabalhou com os Irmãos no cultivo da terra ou no fabrico de pregos”. Os irmãos reverenciavam-no, mas não lhe dão nenhum cuidado especial. Ele não invade as funções do Ir. Jean-Marie: “... confiou [...] sobre este último todos os pormenores dos afazeres, deu-lhe total liberdade de ação”. ... Numa palavra, há uma clara distinção entre o diretor encarregado da comunidade no dia a dia e o superior que assume a direção espiritual de cada Irmão<sup>8</sup>, mas também as relações com a arquidiocese, os párocos e os municípios.

Os capítulos seguintes mostram que esse governo com duas cabeças funciona mais ou menos. No final de 1821 (Cap. VIII, p. 87-88), o Ir. Jean-Marie Granjon que “queria que os outros tivessem a mesma perfeição (que ele)”<sup>9</sup> é enviado para Bourg-Argental é substituído em La Valla pelo irmão Louis que assumirá as funções mistas de diretor e de mestre de noviços que as constituições de 1854 irão retomar.

A fuga do Ir. Jean-Marie para Aiguebelle, na primavera de 1822, perturba a nova organização, uma vez que o irmão Louis deve substituí-lo em Bourg-Argental em 1822-23. Mas o Ir. Louis assegurou sem dúvida a formação do irmão Stanislas e dos postulantes da Haute-Loire durante o verão de 1822 e só foi para Bourg-Argental nos finais de 1822<sup>10</sup>.

Que irmão exerceu a direção do final de 1822 até o de 1823? O irmão Jean-Marie Granjon permaneceu em La Valla depois de seu regresso de Aiguebelle, com o título de diretor, mas até que ponto estava ele apto para tal função?<sup>11</sup> A primeira carta conservada de Champagnat, de 1º de dezembro de 1823, permite esclarecer um pouco a situação. O Ir. J.M. Granjon é então diretor em St Symphorien-le-Château desde o Dia de Todos os Santos, num lugar distante do centro da sociedade<sup>12</sup>. No entanto, ele não é mais do que um simples diretor local: o Padre Champagnat, levando em conta talvez a sua suscetibilidade, informa-o do progresso da Sociedade como um todo.

Ficamos sabendo que o Irmão Michel, em Bourg-Argental, “está a ir

<sup>8</sup> O irmão João Batista especifica (p.72) “ele comia sozinho”, isto é, numa mesa à parte.

<sup>9</sup> *Vida*, Ch. VIII, p. 88 e *Biographie de quelques Frères* p. 21.

<sup>10</sup> Isso explicaria a simpatia que por ele sentia o Ir. João Batista Furet, que entrou no final de março de 1822 e que esteve sob a sua direção até que ele tomou o hábito em outubro de 1822.

<sup>11</sup> Ver a este propósito no livro *Mémoire Bourdin* (OM1 / 754), que sugere uma crise bastante longa.

<sup>12</sup> Nos Monts du Lyonnais, muito ao norte do vale do Gier. Pode ser tanto uma marginalização como uma oportunidade para o Irmão Jean-Marie poder começar de novo.

muito bem”. O Irmão Louis teria regressado a La Valla? É provável, mesmo que o irmão João Batista (*Annales de Bourg-Argental*) nos diga que permaneceu dois anos (1822-1824)<sup>13</sup> nessa responsabilidade. Mas foi em 1823 que o Irmão Louis se uniu à irmandade do Sagrado Coração de La Valla, sinal de que estava presente na paróquia no final deste ano. A mesma carta nos diz que o Irmão Jean-François (Etienne Rouméty) é retirado de Saint Sauveur-en-Rue apesar das suas reticências; e a *Vida* nos diz que o Pe. Champagnat “o chamou à casa-mãe para confiar-lhe a direção dos trabalhos e o cuidado dos bens materiais (*Vida*, Cap. XIV, 142)!. Mas essa expressão “cuidado dos bens materiais” não significa só tarefas materiais ou administrativas. De fato, o Irmão Jean-François tinha se tornado o diretor da casa do noviçado, que pouco depois recebeu muitos noviços pouco instruídos e muito jovens, como diz a carta do Padre Champagnat.

A presença do irmão Louis em La Valla parece justificada pelo afluxo de noviços desde 1822 sem que nós saibamos como o P. Champagnat coordenava as funções dos dois responsáveis. O capítulo XII da *Vida* nos dá talvez um começo de explicação, porque é em 1823 que, planejando a construção de L’Hermitage, diz-nos: “Ele percorreu com dois de seus principais irmãos, os terrenos vizinhos” para determinar o local mais

adequado. E nós dificilmente vemos que os Irmãos Jean-François e Louis correspondem em La Valla ao estatuto de “principais Irmãos”.

No entanto, é preciso ter em conta a chegada de um terceiro personagem: o Irmão Stanislas, que entrou em fevereiro de 1822, tendo tomado o hábito em outubro e, lemos na sua biografia (página 60), desejando “servi-lo (Champagnat) e cuidar das coisas materiais da casa”. Rapidamente o Ir. Stanislas torna-se o *fac totum* do Padre Champagnat, cuidando especialmente do seu quarto e presutando-lhe todos os tipos de serviços que ele não pode fazer por falta de tempo. Por outro lado, o seu biógrafo insiste no cuidado que ele toma dos postulantes e dos noviços, como se ele fosse praticamente o auxiliar de um mestre de noviços.

Portanto, deve-se considerar que, em 1823-1824, a hierarquia da associação dos Irmãos é assim constituída:

- Padre Champagnat: superior eclesástico oficioso e fundador, mas também vigário da paróquia.
- Irmão Jean-Marie, eleito diretor geral, mas distante em São Symphorien-le-Château.
- O Ir. Jean-François e o Ir. Louis, assegurando conjuntamente a gestão de La Valla e secundando os projetos de extensão de Champagnat.

<sup>13</sup> Foi substituído pelo Ir. Barthélemy.

- Os outros diretores de escolas.
- Outros Irmãos, incluindo o irmão Stanislas, mais particularmente ligados ao serviço do Fundador, mas desenvolvendo as suas qualidades noutras áreas, nomeadamente o cuidado dos noviços.

Não devemos nos deixar influenciar demasiado pela narrativa do Irmão João Batista, que logo a seguir, concentra toda a atenção sobre o P. Champagnat ampliando a casa e preparando a construção de L'Hermitage, continuando ao mesmo tempo com as suas obrigações como Vigário de La Valla. Na verdade, ele deve ter em conta um diretor eleito que se tornou um pouco enervante e apoiar-se sobre alguns auxiliares capazes de assumir diariamente o acompanhamento de um grupo composto de irmãos em vários lugares, noviços e internos.

### **3. SURGE O PROJETO DO RAMO DOS SACERDOTES E UMA CRISE INSTITUCIONAL**

A construção de L'Hermitage e a chegada de Courveille no verão de 1824 vão perturbar esta organização, principalmente em La Valla, onde este se considera superior, enquanto Champagnat está ocupado na

construção com a maioria dos irmãos. Nada é dito sobre as relações entre o Ir. Jean-François, Louis e o P. Courveille. Nós sabemos que, entretanto, o noviciado e o pequeno internato ficam em La Valla uma vez que, durante a construção da casa, um postulante abusa de um interno, escândalo que o Padre Champagnat, agindo como superior, vem reprimir energicamente (*Vida 2ª parte, Cap. XIII p. 384-385*).

No início de dezembro de 1824, Courveille, enviado pela arquidiocese, foi para Charlieu, 100 km ao norte de L'Hermitage, para lá fundar uma escola<sup>14</sup>. E o chefe dos três irmãos que o acompanham é o irmão Louis<sup>15</sup>. A escolha pode parecer lógica: La Valla não precisava de dois irmãos responsáveis, além de Courveille, e é preciso um homem experiente para assumir uma fundação numa cidade longe do centro da Sociedade. Por outro lado, o professor, a quem os Irmãos devem substituir, formava noviços, e o P. Courveille pretende fundar uma casa missionária com um noviciado de irmãos. O Ir. Louis de fato fundará a escola em condições delicadas e dirigi-la-á de dezembro de 1824 a outubro de 1825, o que parece ser um período muito curto para dar base à obra.

Não sabemos onde ele se encontra nos momentos decisivos do final de 1825 até o final de 1827. Cer-

<sup>14</sup> É preciso substituir o Padre Grizard, discípulo do ex-vigário geral Bochart.

<sup>15</sup> O Padre Courveille tem a intenção de fundar um noviciado de irmãos.

tamente não em Bourg-Argental, como o padre Coste<sup>16</sup> supôs. Muito provavelmente em L'Hermitage, onde Champagnat, que acaba de ser eleito superior, precisa dele. Mas então, por que é que o irmão João Batista, que lhe é muito favorável<sup>17</sup>, nunca falou dele durante a questão que houve entre os antigos Irmãos e o P. Courveille em 1826?

Por outro lado, quem é o Ir. diretor da casa do noviciado de L'Hermitage? Existe mesmo algum? De fato, a chegada do P. Courveille em 1824 e do P. Terrailon em 1825 tornaram obsoleta a organização anterior, que, além disso, por causa da conduta errática do Ir. Jean-Marie, funcionou bastante mal. Acima de tudo, o projeto mudou completamente: trata-se agora de constituir a Sociedade de Maria com um ramo de Sacerdotes e outro de Irmãos, o primeiro governando o segundo.

Enquanto isso, já em 1824, havia uma divisão de tarefas entre o P. Courveille, que se considerava superior, e o P. Champagnat, que se encarregava do aspeto material, sem abrir mão de sua superioridade<sup>18</sup>. Tem-se a impressão de uma repeti-

ção da organização de 1819: um superior e um diretor, só que ambas as tarefas são realizadas por padres. Restariam para os Irmãos as funções de administrador e mestre de novícios, a primeira exercida pelo Irmão Jean-François, e a segunda pelo Irmão Louis, sob a autoridade de padres em desacordo.

Para pôr fim à dualidade à frente da sociedade<sup>19</sup>, o P. Courveille tenta fazer-se eleger superior pelos Irmãos em reunião<sup>20</sup>. A eleição do Padre Champagnat em outubro de 1825 mostra claramente que a influência dos antigos Irmãos permanece forte e que a ideia de uma fundação do instituto em La Valla, em janeiro de 1817, já está estabelecida. Mas essa eleição, como mostra o relato do Irmão João Batista, atinge também o P. Champagnat, que é superior contra sua vontade, enquanto o P. Courveille retrocede para o posto de diretor. As suas atribuições não são escassas porque ele é responsável pelo noviciado e pela administração direta da casa de L'Hermitage<sup>21</sup>. Por importante que seja a escolha dos Irmãos em nível simbólico, praticamente enfraquece a posição do P. Champagnat.

<sup>16</sup> Os *Annales de B.A.* dão-nos a lista dos diretores: Ir. Barthélemy (1824-26) e depois Ir. Antoine.

<sup>17</sup> É ele que escreve a sua biografia (*Annales de l'institut*, 1847, § 42).

<sup>18</sup> Mostra-o bem a sua repressão ao escândalo em La Valla. E em outubro de 1824, ele deu aos irmãos um "pequeno escrito" (*Vida*, cap. XII, pp. 124-126).

<sup>19</sup> O P. Terrailon assume somente as funções de capelão.

<sup>20</sup> Não age por pura ambição: quer constituir uma Sociedade de Maria na diocese de Lyon e certamente esclarecer a situação em L'Hermitage.

<sup>21</sup> Daí as suas grandes exigências de formação e numerosos recursos (*Vida*, Ch XIII, 132)

E então, a sociedade continua a ser governada por três sacerdotes<sup>22</sup> e os Irmãos estão confinados às tarefas subalternas. A decepção é particularmente grande entre os que assumiram a responsabilidade antes da chegada dos padres e que estão sob a supervisão direta de Courveille. Além disso, também estão passando por uma crise de confiança em Champagnat, que, ao querer integrar os padres, mudou o que esses irmãos acreditavam ser o projeto original. Consequências: cada um as tira a seu modo.

#### 4. UMA CRISE DE CONFIANÇA DOS PRINCIPAIS IRMÃOS ANTIGOS

Sabemos que o irmão Jean-François partiu para se juntar a um projeto de fundação em Larajasse<sup>23</sup> e que em março a arquidiocese constata a sua recusa de voltar para Hermitage (*Lettres II*, p. 290). O Irmão Jean-Marie Granjon, só ficou um ano em St

Symphorien-le-Château. De regresso a L'Hermitage, entrega-se a excêntricas narradas pelo Irmão João Batista, "antes de ser despedido".<sup>24</sup> De acordo com o *mémoire Bourdin* (OM 1/754), ele teria escolhido viver numa cabana onde, sem dúvida, fabricava pregos<sup>25</sup>. Como Jean-Claude Bonnet, admitido em L'Hermitage em 02 setembro de 1826, tomou o hábito em 02 de dezembro de 1826 com o nome de Irmão Jean-Marie, conclui-se que J.M. Granjon saiu algum tempo antes. A saída do único diretor eleito marca uma ruptura definitiva com a época de La Valla.

Quanto ao Irmão Louis, é o momento da tentação do sacerdócio, que o irmão João Baptista apresenta de uma maneira muito alusiva<sup>26</sup>, sublinhando a obediência do Irmão Louis. No entanto, o texto diz claramente que o irmão Louis persistiu durante muito tempo nas suas intenções, apesar da opinião oposta do P. Champagnat. Como o Ir. Louis (1802-1847) não participa na primeira emissão de votos perpétuos no dia 11 de

<sup>22</sup> O P. Terrailon assumindo apenas as funções de capelão.

<sup>23</sup> Nos Monts du Lyonnais. Ele é atraído pelo P. Colomb de Gast, vigário de Larajasse, que ele tinha conhecido em St. Sauveur, certamente encontrado em St. Sauveur (*Notice biographique*, OM4 p. 246-247).

<sup>24</sup> *Lettres II*, p. 301-302. Ver *Vida*, cap. XIV, p. 140-141 e OM1 / 754. A "Vida" parece misturar duas fases: a primeira em La Valla, em 1822-23; e em L'Hermitage em 1825-26. Suas excêntricas podem ter recommençado em St Symphorien, daí a sua expulsão.

<sup>25</sup> É uma atividade de inverno que ele poderá ter praticado em janeiro-maio de 1826. Ele parece ter permanecido na casa até o retiro de outubro de 1826: os Irmãos que vão lá perguntam onde ele está e desencorajam-nos de o visitar (OM1 / 754). Veja também os *Annales de l'institut*, 1825, § 9.

<sup>26</sup> *Vida* Cap. 14 p. 146. Teria tido a ideia de deixar a Sociedade de Maria ou mudar os seus estatutos? Seja como for, o Pe. Matricon, antigo aluno de Champagnat e futuro capelão de L'Hermitage, um pouco mais novo, e certamente bem conhecido do Ir. Louis, recebe a tonsura em 23 de julho de 1826 e é ordenado sacerdote em 31 de maio de 1828.



outubro de 1826, é claro que naquela data a crise já tinha começado. Os seus votos perpétuos em setembro 1828 marcam o fim das suas hesitações. Esta é uma crise duradoura baseada, como no caso dos seus dois companheiros, numa dupla crise de confiança: para com Champagnat e para com a Sociedade de Maria, em nova maneira. Pode ter começado em 1825, o que explicaria que quando Champagnat cai doente em torno do Natal de 1825 haja a falta dos responsáveis mais velhos, porque eles não estão em postos de responsabilidade e estão desconfiados em relação à evolução da obra<sup>27</sup>.

Faltando os líderes mais antigos, vem a hora do Ir. Stanislas, até então personalidade de segundo plano. Ele tem vários trunfos: por um lado, admitido em La Valla, em fevereiro 1822, pouco antes da chegada dos candidatos do Haute-Loire, ele agora aparece até certo ponto, com estatuto de irmão antigo; por outro lado, muito próximo de Champagnat, ele não é apenas seu enfermeiro, mas também seu porta-voz. Por isso, ele é praticamente o diretor de L'Hermitage quando Champagnat está muito fraco, os irmãos mais velhos retraídos e os outros irmãos, jovens e velhos, à procura de um guia. Ele é muito representativo de uma categoria de Irmãos muito afetivamente ligados a Champagnat, sem pensar muito sobre o aspecto institucional da Sociedade.

## 5. REFUNDAÇÃO DO RAMO DOS IRMÃOS

A partir da festa de Todos os Santos de 1826, Champagnat é o superior indiscutível. Ele não desiste da criação de uma Sociedade de Maria com sacerdotes, mesmo que ele não saiba como isso vai acontecer. Além disso, dos três principais companheiros dos primeiros tempos, resta apenas um Ir. Louis hesitante. Em contrapartida, a lista dos nove irmãos que fazem pela primeira vez votos perpétuos dá-nos uma boa ideia de quem seguiu um irmão Stanislas que se tornou, contra todas as probabilidades, líder da refundação: Os Irmãos Antoine Couturier, Laurent Audras, François Rivat, Stanislas Fayol, Joseph Ponset, Paul Preher, Etienne Poinard, Damien Mercier e Jean-Pierre Deville. Todos são irmãos de segunda categoria, inclusive o irmão Francisco, que só tem dezoito anos. Mas que irmãos capazes deveriam então apoiar Champagnat? O irmão Louis, que não pronunciou os votos em 1826, tornou pública a sua reserva para a refundação da Sociedade dos Irmãos. Mesmo que ele não esteja inativo, é pouco provável que tenha se ocupado dos noviços. Além disso, nesse ano houve muito poucas tomadas de hábito<sup>28</sup>. O Ir. Stanislas continuou certamente a assumir o papel de líder dos Irmãos e mais ou menos a supervisão dos noviços. Mas as cartas de Cham-

<sup>27</sup> O Ir. J. M. Granjon, que fabrica pregos na sua cabana em L'Hermitage, exprime simbolicamente essa recusa, reproduzindo os trabalhos do primeiro inverno de 1817.

<sup>28</sup> Como é que os irmãos sentiram sua recusa em pronunciar os votos em 1826?

pagnat às autoridades eclesiásticas em 1827 são claras: ele está sozinho<sup>29</sup> !

E sabemos que a partir de 1827 virão jovens sacerdotes para apoiá-lo. No mesmo ano, o Ir. Louis mudou-se para Saint Paul-en-Jarret para substituir o diretor que se tinha afogado em julho. Ao pronunciar os seus votos perpétuos em 8 de setembro de 1828, ele adere à nova ordem das coisas, mas são novamente os padres que assumem a maioria das responsabilidades, como a carta 11 de Champagnat deixa claro ao P. Cattet em dezembro de 1828:

“A Sociedade dos Irmãos não pode ser considerada positivamente como a obra da Sociedade de Maria, mas apenas como um ramo posterior da própria Sociedade.”

Essa afirmação não significa apenas que a fundação da comunidade de La Valla em 2 de janeiro de 1817 é posterior à consagração de 26 de julho de 1816, mas especialmente que o verdadeiro fundamento da obra dos Irmãos data de 1826. E o Padre Champagnat acrescenta: “Teríamos necessidade de mais uma pessoa para o bom andamento da administração da obra dos Irmãos, que já começa a desenvolver”<sup>30</sup>. Ele, então, pede um padre para a função de ecônomo, por ele próprio só poder “dar à casa um tempo muito curto”.

Depois, dá a lista de sacerdotes que têm trabalhos:

- P. Séon que “cuida do espiritual da casa”, da fábrica de fitas e presta ajuda pastoral às paróquias vizinhas.
- “O P. Bourdin tem a supervisão das aulas dos noviços, a escrita, o cálculo, o canto, o catecismo, as livrarias das escolas e a pequena capela”.
- Ele mesmo cuida do “andamento geral”: visitas das escolas, correspondência ... “a aceitação dos noviços ...”.

Fica, pois, claro que a partir de agora L’Hermitage é uma casa de noviçado governada por sacerdotes, sendo Champagnat o superior dos dois ramos. Se o irmão Louis é o mestre dos noviços, é sob a direção dos padres Champagnat e Bourdin. Em todo o caso, a biografia do Ir. Bonaventure diz-nos que em 1830 ele é “diretor do noviçado”<sup>31</sup> no sentido de modelo e responsável dos noviços.

## **6. PERMANÊNCIA DO DEBATE ENTRE DOIS MODELOS DA SOCIEDADE DOS IRMÃOS**

Uma tradição dos Padres Maristas, cujo autor é o P. Séon, deu a en-

<sup>29</sup> Único padre. (OM1/173)

<sup>30</sup> Uma palavra significativa dez anos após o início em La Valla.

<sup>31</sup> Deve-se interpretar esta expressão como o equivalente a “mestre de noviços”.

tender que o Padre Champagnat tinha duvidado, por algum tempo, da fundação da Sociedade de sacerdotes. Eu prefiro ver que, na fase de 1825-1830, ele tenha dado prioridade a uma Sociedade de Maria cujos Irmãos estão sob a direção dos Padres. A fundação dos Irmãos em La Valla em 2 de janeiro de 1817 teria apenas sido uma fase preliminar já ultrapassada. O Irmão Louis teve dificuldade em entrar nessa perspectiva. Ou devemos considerar que, ciente da mutação da obra, teria querido, tornando-se sacerdote, ter lugar na nova equipa dirigente<sup>32</sup>?

Quando ele emitiu os votos perpétuos no final de 1828, certamente se deu conta de que os Padres Maristas estão descontentes com as funções que tinham de dirigir os Irmãos e evoluem para a missão e a filiação ao Padre Colin. E a Revolução de 1830 ajudará muito a acelerar o processo de separação.

## **7. DISTANCIAMENTO DOS PADRES MARISTAS E EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ELITE DE IRMÃOS**

A situação do noviciado muda bruscamente no final de 1831 uma vez que o P. Bourdin, presente em Hermitage desde o Verão de 1828 é au-

torizado, em setembro, a se instalar em Belley. É provavelmente em outubro do mesmo ano que o irmão Louis vai para Charlieu, onde permanecerá até 1836. Esta nomeação é devida às circunstâncias: Irmãos de Charlieu, após a revolução 1830 estão em dificuldade e Champagnat precisa ali um diretor forte. Mas este distanciamento do Ir. Louis, ao contrário dos episódios anteriores em Bourg-Argental, Charlieu em 1824 e St Paul en Jarret em 1827, será duradouro. Obviamente, o Padre Champagnat já não se inclina muito pela sua presença em L'Hermitage porque tem à sua volta alguns discípulos mais próximos de seu espírito. E é, entre outros, o Ir. Francisco, João-Batista e João-Marie que ocuparão o lugar dos quadros anteriores. É como auxiliar desta nova elite que o Ir. Bonaventure deve estar situado.

Essas mudanças, em parte, remetem a obra de Champagnat para a situação anterior a 1824, pois não podendo mais contar com a diocese nem com os Padres Maristas, o Fundador deverá cercar-se de Irmãos para dirigir a casa de L'Hermitage e governar um maior número de estabelecimentos. Paradoxalmente, o Ir. Louis, que diríamos capaz de realizar novamente responsabilidades importantes, é afastado, como se entre ele e Champagnat subsistisse uma disputa.

<sup>32</sup> A prática de propor o sacerdócio a irmãos considerados particularmente capazes era bastante comum nas congregações. E os sacerdotes de L'Hermitage, por exemplo o P. Terrillon, poderiam ter encorajado o irmão Louis nessa direção.

## 8. O TESTEMUNHO DOS CADERNOS DO IR. FRANCISCO

Nós sabemos pelas Cartas do Padre Champagnat que, a partir de 1836, o irmão Francisco se tornou o seu braço direito em L'Hermitage, mas sem título oficial. No entanto, presente em L'Hermitage desde a sua profissão perpétua em 1826, ele assumiu, desde muito tempo, numerosas tarefas na casa. A sua caderneta "notas.retiros" n.º. 302, iniciada em 1819, sugere que a partir de 1828 é formador em L'Hermitage como mostram estas palavras tiradas de uma conferência do P. Champagnat:

"As aulas<sup>33</sup> daqui devem ser o modelo das de todas as nossas escolas. Os abusos que aí houve teriam sérias consequências pela indulgência que poderiam ter nas outras casas. Faça o seu melhor e tenha confiança ilimitada em Jesus e Maria".  
(idem 18 jjer<sup>34</sup>)

Provavelmente em abril de 1829, ele afirma:

"Rezar para obter o discernimento que me é tão necessário. Consultar frequentemente o Senhor e as pessoas por ele propostas para intervir apropriadamente com as punições, os elogios, as repreensões, etc. ...

Ele cita as palavras de uma conferência de 15 de maio:

"Um mestre de noviços deve saber se insinuar na mente de todos eles, ir ao encontro e tentar conhecer as suas tristezas, preocupações, etc. ... quer atinentes ao regulamento, quer à sua vocação."

E acrescenta um pouco mais à frente:

"Se o Ir. que é responsável dos noviços fosse um santo, os noviços também o seriam: reproduzimo-nos nos que formamos."

Em julho é ainda mais claro:

"Eu estou como num lugar alto. Os meus Irmãos têm todos os olhos em mim. Que regularidade, que piedade, que modéstia! Nós imitamos mais o mal que o bem."

Um pouco mais tarde (pp. 159-162) ele esboçou uma espécie de programa de formação:

"A reformar: negligência, lições, recitação, escrita, visita, penitências, desfazer maquinações, trabalho, emulação, animação. A praticar: prudência, igualdade de caráter, energia, bom exemplo, caridade. Aqueles que se opõem à ordem de Deus atraem a condenação sobre eles. (Rom 13) O Senhor pôs-me aos ombros uma cruz bem pesada. Eu tenho que a levar pelo amor de Deus, com coragem, firmeza e consistência para a salvação dos meus irmãos." (Conf<sup>35</sup>, 7 novembro).

Em 1828-1830, o irmão Francisco é responsável pelo noviciado e exerce as funções de mestre de noviços,

<sup>33</sup> Do noviciado.

<sup>34</sup> ... janeiro

<sup>35</sup> Confissão.

talvez sob a direção do Irmão Louis. A partir de 1831, ele multiplica as reflexões sobre o governo dos homens.

“As mais altas dignidades são pedestais, grandes fardos, verdadeiras servidões, honrosas torturas, ascensões que rebaixam os homens sem mérito. Continuamos a ser o que somos. [...] Os que governam são como corpos celestes que têm muito brilho e não têm descanso”. (Blanchard: Ecole des mœurs [Escola de boas maneiras], T. III, 329)<sup>36</sup>.

“Há muito que ler, dizer, escrever, examinar. Eu não posso estudar, nem falar nem meditar. Meu Deus, inspirai-me, ensinaí-me, dirigi-me, mudai-me, curai-me, transformai-me”. Oração pelo Arcebispo (Horas de Lyon), aplicada ao Superior.

“Os caminhos da gentileza, sentimento e religião são mais eficazes sobre os corações dos jovens. [...] Se alguém fala, que se pareça com Deus que fala pela sua boca. Se alguém exerce algum ministério, faça-o como agindo apenas pela virtude que Deus lhe dá; para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo. (1Pe 4)”.

No caderno 303, que começa em 1831, ele continua a multiplicar as citações de mestres espirituais sobre o governo, especialmente o dos noviços. E parece que em 1832 (caderno 303, p. 318), ano em que os Padres Maristas deixam L’Hermitage, ele ascende à qualidade de responsável de nível mais elevado, talvez já o diretor da casa: “O que é que faço neste lugar, onde apareceram tantos

santos religiosos, piedosos missionários e especialmente o nosso Venerado Fundador!”

## 9. A DIREÇÃO DE L’HERMITAGE

A primeira carta de Champagnat dirigida ao Irmão Francisco data de 28 de agosto de 1836. Colocado em sua ausência à frente da casa, ele deve assegurar a ordem entre os Irmãos. São os três padres (Servant, Matricon e Besson) que estão encarregados da “alta vigilância”, mas o irmão Francisco preside um conselho constituído pelo padre Matricon, o P. Besson, o Irmão Stasnislav e o irmão Jean-Marie. De fato, se não oficialmente, o Irmão Francisco é o diretor de L’Hermitage.

De novo em Paris, em 1838, o padre Champagnat enviou, em 20 de junho, ao Irmão Francisco uma carta (nº 186) na qual, depois de ter mencionado os dois capelães – padre Matricon e P. Besson – ele saudou por ordem. Ir. Louis, João-Batista, Jean-Marie, Stanislas, Hippolyte, Jean-Joseph, Théophile, Pierre, Pierre-Joseph, Etienne, Bonaventure “e todos os noviços”. É um bom resumo do estado da administração: os primeiros três irmãos são, depois do Ir. Francisco, os homens do governo geral do Instituto: em resumo, os responsáveis. Os Irmãos citados a seguir são os responsáveis pelos diversos serviços da casa.

<sup>36</sup> Acrescentado na linha acima.

Ir. Avit (*Annales de l'institut*, 1838, § 385-387) explicou-nos o papel bastante eclético dos três responsáveis:

- O Irmão João-Batista “ajuda o Irmão Francisco a governar” e dá palestras aos Irmãos e aos noviços.
- O Ir. Jean-Marie é ecônomo e supervisor geral.
- O Ir. Louis é bibliotecário, mestre de cerimônias e dá aulas de boas maneiras.

Quanto ao Irmão Bonaventure, “mestre dos noviços”, “ele formava mais por seus exemplos do que por suas lições”.

De fato, os responsáveis participam do governo geral, da formação e da administração local, assim como os sacerdotes de L’Hermitage em 1828. Dez anos depois, aos capelães está reservado o domínio espiritual.

## 10. DE UM DIRETOR GERAL A OUTRO (1819-1839)

A eleição<sup>37</sup> de um diretor-geral e de dois assistentes em outubro de 1839 seria praticamente a formalização de uma evolução já perceptível pouco depois de 1830<sup>38</sup>. O Irmão Louis, embora o primeiro discípulo e personagem central até 1831, não

terá aí lugar<sup>39</sup>. O Ir. Francisco, claro que não sucedeu ao Pe. Champagnat: ele era apenas diretor geral, endossando um título que havia sido usado por JM Granjon em 1819. Mas o Pe. Colin, que presidiu a eleição de 1839, só se sentirá plenamente superior dos Irmãos depois do Testamento espiritual do Padre Champagnat, alguns dias antes de sua morte. E, quando o Irmão Louis morre em 1847, a independência dos Irmãos estava em marcha, e o Irmão Francisco começou a tomar o título de Superior Geral. Devemos, portanto, distinguir na história da fundação de L’Hermitage várias fases institucionais diferentes.

- A época de La Valla (1817-1824): a de um companheirismo. Champagnat-Irmãos carregado de ambiguidades: o primeiro, Champagnat, com o objetivo de criar uma Sociedade de Maria com um fundamento sacerdotal; os segundos, Irmãos, considerando a sociedade dos Irmãos como autônoma ou mesmo única.
- O tempo de L’Hermitage antes de 1830, Champagnat colocando os Irmãos sob a tutela dos padres, apesar de fortes resistências.
- O período 1830-1840, que vê os sacerdotes a se separarem de L’Hermitage e Champagnat con-

<sup>37</sup> Na verdade, a pesquisa aos irmãos orientada pelos Padres.

<sup>38</sup> O Irmão Louis-Marie, que entrou em 1832, suplantará o Irmão Jean-Maria, mas, poucos anos depois, este será o diretor do noviciado de Saint-Paul-Trois-Châteaux.

<sup>39</sup> Em 1839 obteve apenas alguns votos.

tar com uma nova elite, de que o Irmão Francisco é o primeiro e o Irmão Bonaventure, um companheiro muito apreciado.

Finalmente, o Irmão Louis foi o único a atravessar as três épocas, não só como discípulo fiel, mas também como companheiro lúcido e às vezes crítico do P. Champagnat. E ele pagou por isso mesmo. É através do destino deste homem, ao mesmo tempo eminentemente espiritual, que percebemos menos mal um vasto de-

bate em torno de duas posições fundamentais: o superior e o diretor; o padre e o leigo. O debate só terminará com as constituições de 1854, que concedem o título de superior geral a um leigo. Até certo ponto, é o triunfo póstumo do Irmão Louis e do espírito das origens. E não é por nada que o Irmão João-Batista, em 1856, dê um grande espaço ao Irmão Louis na *Vida* de Champagnat antes de apresentar uma dupla evocação no início das *Biographies de quelques Frères* em 1868.





# MEIO SÉCULO DE COMUNICAÇÕES MARISTAS

Notas para a história das comunicações maristas institucionais na segunda metade do século XX



Antonio Martínez Estaún, fms

A herança que nos deixaram as comunicações institucionais maristas pode ser vista nas estantes da biblioteca marista onde são guardados quatro grandes instrumentos de comunicação escrita: as *Circulares dos Superiores*, o *Bulletin de l'Institut*, as pequenas revistas que supriram a ausência do *Bulletin de l'Institut* e as obras sobre a história do Instituto surgidas durante esse período. Além disso, há um quinto grande depósito invisível que é o arquivo digital que está “na nuvem”.

Ao iniciar a segunda metade do século XX, as *Circulares dos Superiores* continuaram seu caminho com uma identidade similar às da origem. Por outro lado, o *Bulletin de l'Institut* experimentou mudanças importantes, sendo substituído por outros instrumentos de comunicação que supriram sua ausência, tais como *FMS*, *FMS Ecos*, *FMS Mensagem*, *FMS Últimas Notícias*, *Notícias Maristas*, etc.

Nestas páginas reúno informações sobre as comunicações maris-

tas institucionais feitas por escrito no período que abarca a segunda metade do século XX. Limite-me até o período em que começou a se desenvolver a comunicação por meios digitais, ainda que me veja atraído a seguir seu impulso e atratividade ao criar uma comunicação híbrida que ainda mantinha dependência do papel como suporte, no tempo que se iniciava no Instituto o lançamento da comunicação digital.

Neste artigo pretendo oferecer uma visão panorâmica dos recursos técnicos e das contribuições humanas que o Instituto dedicou por meio dos seus superiores para manter a identidade e a união dos membros do Instituto, buscando uma contínua adaptação às necessidades de cada momento. Sobre o pensamento e a doutrina que foi difundida por essas páginas, pode-se ver os estudos realizados pelos Irmãos André Lanfrey e Michael Green na *História do Instituto* recentemente publicada<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver: *História do Instituto*. T. 2, os capítulos 13, 16, 17 e 32; T. 3, capítulos 2 e 3.

## 1. PRIMEIRO MEIO DE COMUNICAÇÃO: AS CIRCULARES

A história das comunicações institucionais maristas começou com as circulares que o Pe. Champagnat enviava aos Irmãos. O Ir. Francisco continuou a tradição do Pe. Champagnat e depois dele todos os Superiores Gerais mantiveram o costume de comunicar-se com o Instituto por esse meio. Hoje temos um acervo de 419 circulares encadernadas numa coleção de 32 volumes.

A formação do volume n. 32 (2009 - 2017) das Circulares atribui a elas os números 412 a 419. O Ir. Emili iniciou a apresentação de sua primeira circular com estas palavras: *“Esta circular, que é de número 412 das que foram escritas desde o início, se situa na tradição que remonta a S. Marcelino Champagnat. Desde então, com estilos próprios de cada pessoa e de cada época, nos encontramos com milhares de páginas, com notícias de família, informações, mandatos, recomendações, reflexões sobre nossa vida e missão... De qualquer modo, elas são a expressão da vontade de construir uma família unida ao redor do essencial.”*<sup>2</sup>

O objetivo de “manter a família unida” foi uma constante das circulares, ainda que com acentos diversos, porém o modo como se tentou conseguir essa finalidade experimentou

variações importantes tanto no conteúdo quanto no modo de apresentá-lo. A maior mudança no conteúdo das Circulares começou a aparecer a partir do generalato do Ir. Charles-Raphaël.

### 1.1 Mandato do Irmão Basílio

Se com o Irmão Charles-Raphaël iniciou-se a mudança no conteúdo das Circulares, com o Ir. Basílio Rueda ela se materializou, não somente no conteúdo, mas também na forma de apresentar esses documentos aos Irmãos. A produção de circulares do Irmão Basílio rompeu todos os esquemas tradicionais, tanto pelo conteúdo quanto pela extensão, formato, confecção e distribuição. Não houve na história do Instituto um período de tanta produção de escritos de um Superior Geral como durante o mandato do Ir. Basílio Rueda. O estilo pessoal do Ir. Basílio trouxe consequências também para as comunicações oficiais do Instituto.

O breve período que vai de 28/10/1967, data da conclusão dos trabalhos da primeira sessão da assembleia capitular a 1/9/1968, quando iniciou a segunda sessão, foi marcado por uma intensa atividade produtiva do Ir. Basílio que escreveu um volume de 524 páginas em cinco partes, a última delas publicada com data de 12/9/1968 quando já havia ini-

<sup>2</sup> *Circulares*, T. 32, p. 6. Circular de 2 de janeiro de 2012.

ciado a segunda sessão capitular. A ela temos que acrescentar a circular sobre *As Missões* que apareceu no dia 15 de julho de 1968.

Esta atividade produtiva foi acompanhada pela tradução nas quatro línguas oficiais do Instituto. Até 1968, as Circulares dos Superiores eram escritas e publicadas em francês. A partir do XVI Capítulo Geral (1967 - 1968), com o qual inicia o generalato do Ir. Basílio Rueda, o Instituto reconheceu quatro línguas oficiais (francês, inglês, espanhol e português) e as circulares foram traduzidas nos quatro idiomas, o que obrigou a criar um serviço de tradução.

Paralelamente se fez uma rearticulação do editorial e no sistema de distribuição dos impressos, pois entregou-se um exemplar da circular para cada Irmão. A partir da entrega da primeira circular, de 2 de janeiro de 1968, os responsáveis por sua publicação mudaram o tamanho do formato, o tipo de letra, a apresentação e a encadernação. Com o ano de 1968 iniciou-se um novo formato das *Circulares dos Superiores* cujo título agora foi enunciado em quatro idiomas. Foi a partir do Ir. Basílio Rueda que as circulares começaram a ser

conhecidas com um título alusivo à temática tratada<sup>3</sup>. As circulares do Ir. Basílio foram novidade também por seu tamanho. As últimas circulares, do Ir. Leônidas e do Ir. Charles-Raphaël, tinham em média 50 páginas. A maior parte das circulares do Ir. Basílio são autênticos livros. Ele deu ao Instituto mais de 2.300 páginas impressas.

## 2. CRISE E MUDANÇA DO BULLETIN DE L'INSTITUT

O *Bulletin de l'Institut* iniciou sua vida quase no final do primeiro centenário da fundação do Instituto. A contribuição que hoje temos desta publicação está compilada em 33 volumes. O primeiro número do *Bulletin de l'Institut* foi publicado em janeiro de 1909. Este meio de comunicação foi criado para salvaguardar a unidade entre os Irmãos “*disseminados por quase todas as regiões do globo e separados por distâncias às vezes enormes,*”<sup>4</sup> para que “*fosse como um laço comum entre todos os membros do Instituto.*”<sup>5</sup> A publicação aparecia a cada dois meses e tinha quatro partes. O conteúdo que era difundido fez do *Bulletin* “o órgão oficioso do Conselho Geral”<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Há circulares escritas nas origens do Instituto que também se identificam atualmente por seu conteúdo, como as escritas pelo Ir. Francisco sobre o espírito de fé, mesmo que não tenha sido publicada com este título, mas com referência à data de sua entrega oficial.

<sup>4</sup> *Circulaires*, T. 11, p. 328-333. Circular de 11 de novembro de 1908 e introdução do n. 1.

<sup>5</sup> *Bulletin de l'Institut*, T. 1, n. 1, (janeiro 1909), p. V.

<sup>6</sup> André Lanfrey, *História do Instituto* (2017), T. 2, capítulo 16, p. 183.

O Ir. André Lanfrey observou que nos volumes 24 a 29, que abarcam os anos 1960 a 1967, cuja redação estava sob a responsabilidade do Ir. Gildo, antigo Provincial da Itália, o *Bulletin de l'Institut* refletia uma forte crise e fez-se uma ruptura na seleção e organização do conteúdo em sequência aos debates e aberturas do momento.

Em julho de 1961 apareceu o número 183, com 124 páginas, em francês, e pela primeira vez foi impresso em Roma, na Tipografia Don Guanel-la - S. Giuseppe al Trionfale e com a indicação "Made in Italy". Iniciou-se assim uma mudança da sede da redação, da composição, da impressão e da distribuição.

O volume 25, que inicia com o número 185 (janeiro de 1962), consolidou sua trajetória romana que supunha um salto qualitativo no formato do *Bulletin de l'Institut*, pois aumentou a superfície de suas páginas e a legenda das fotos era em três idiomas: francês, espanhol e inglês.

O volume 28, que inicia com o número 208 (maio de 1968), além de incluir pela primeira vez o português na legenda das fotos, cada parágrafo dos artigos, publicados no idioma do autor, era resumido na margem com pequenas frases nos outros três idiomas. Esse critério editorial seguiu em todos os números que integram o volume 28. A partir desse volume 28 não consta onde foi confeccionado o *Bulletin*. A julgar pelo tipo de letra utilizada a partir do número 211, foi

impresso em outra gráfica. No volume 30, indica-se que é composto e impresso na *Tipografia S. Pio X - Via degli Etruschi, 7 - Roma*.

O volume 29, que inicia com o número 211 (julho de 1970), publica pela primeira vez um artigo nos quatro idiomas oficiais dedicando uma coluna para cada um. Nos demais números continua a apresentação da publicação dos artigos em quatro idiomas para o formato introduzido no volume 28 que sintetiza os conteúdos de cada parágrafo com frases na margem em tamanho menor.

Depois de 1971, os números 215 a 222 (Volumes 30 e 31) abandonam a crônica do Instituto para dar prioridade a sucessos pontuais e a questões de fundo. No volume 30 (dezembro de 1972 a junho de 1976) os artigos foram publicados na língua do autor, porém acompanhados de um breve resumo nas outras línguas oficiais do Instituto.

Depois do XVI Capítulo Geral, o *Bulletin de l'Institut* começou a sofrer mudanças substanciais tanto na forma como no conteúdo. De 1971 a 1984 sobreviveu com grande dificuldade. A partir do XVII Capítulo Geral (1976) havia indícios de que não se tinha clareza sobre o conteúdo que deveria publicar. O conteúdo refletiu o ambiente de desorientação que se vivia em relação às estruturas antigas. O ano de 1975 parece ter sido o ponto crucial dessa crise e no ano de 1977 não foi publicado nenhum número do *Bulletin*.

A qualidade dos temas de espiritualidade, de estatísticas ou de história é indiscutível, porém no momento em que o *Bulletin de l'Institut* parece produzir trabalhos sólidos e originais, detém-se em dezembro de 1984 com o número 222, cuja pequena dimensão (50 páginas) indica que não havia matéria suficiente. O *Bulletin de l'Institut* não foi supresso: simplesmente se extinguiu. No total foram editados 222 números, encadernados em 31 volumes. O volume 31 abarca os anos de 1978 a 1984. Três anos mais tarde, em fevereiro de 1987, aparecerá o número 1 de *FMS Mensagem* levando como subtítulo: “*Bulletin de l'Institut*”, porém com pretensões mais modestas.

### 3. FMS

Uma das maiores dificuldades com que se encontrava a publicação do *Bulletin de l'Institut* era sua impressão porque tinha que ser feito com uma tecnologia complexa e de custos elevados. Para suprir a carência de difusão de notícias optou-se por editar um boletim simples e de fácil confecção ainda que de baixa qualidade. Para isso foi adquirido um equipamento de reprodução gráfica caseira e elaboração artesanal.

O novo instrumento informativo, que pretendia preencher o vazio deixado pelo *Bulletin de l'Institut*, se ma-

terIALIZAVA em panfletos com o título *FMS*. O primeiro número saiu em 1972 e o último apareceu em 1985: 13 anos de vida e 60 números publicados. Esse boletim informativo teve sua vida em paralelo com o decadente *Bulletin de l'Institut*. Seu diretor foi o Ir. Julio Llanillo, “chamado em 1973 à Casa Generalícia para ocupar-se do Boletim *FMS*”<sup>7</sup>. As notícias no *FMS* eram breves, quase telegráficas, reservando um lugar privilegiado para as notícias da Casa Geral. *FMS* é quase uma réplica esquemática do *Bulletin de l'Institut*, porém sem a envergadura técnica que este chegou a ter.

### 4. CONCLUÍDO O XIX CAPÍTULO GERAL

Cada Capítulo Geral deixou sua marca peculiar nas comunicações do Instituto. Assim sucedeu com o XIX Capítulo Geral. O número 19 de *FMS*, publicado em janeiro - fevereiro de 1976, mudou de capa, de tamanho e de papel (21 x 29,8cm). Em lugar do nome canônico do Instituto em 20 idiomas, que aparecia nos números anteriores, colocou-se o nome dos 68 países em que a obra marista estava presente. O número de páginas foi de 12. Esta mudança coincidiu com a proclamação de 1976 como “o ano do XVII Capítulo Geral”. Com esse formato publicaram-se quatro números que incluíam informações do XVII Capítulo Geral.

<sup>7</sup> *FMS* n. 52, (maio - agosto 1982), p. 771.

O número 24 iniciou uma nova época da revista *FMS*. O formato do cabeçalho da revista reduziu-se a um terço de página, mantendo as mesmas dimensões; o conteúdo mudou em cada ano. A revista terminou sua vida em novembro - dezembro de 1985. Esteve a serviço do Instituto por 13 anos e foram publicados 60 números.

## 5. AS COMUNICAÇÕES DURANTE O MANDATO DO IRMÃO CHARLES HOWARD

De 1985 a 1988 há um vazio de comunicações institucionais que se explica porque em setembro de 1985 iniciou-se em Roma o XVII Capítulo Geral. Foi preciso esperar que o novo Conselho Geral ditasse as políticas pelas quais se pautariam as comunicações do Instituto, porém antes de se ater às comunicações, o Conselho deu atenção a muitos outros temas mais vitais e urgentes.

O novo Conselho Geral, surgido do XVII Capítulo Geral (1985), no início de 1986 “formou uma Comissão<sup>8</sup> com participantes que tinham experiência no campo da comunicação e cuja função era estudar o tema das publicações”. A comissão apresentou duas propostas a respeito das comunicações para o conjunto do Instituto. A primeira: que se lançasse

uma nova revista periódica, que fosse uma síntese ou meio-termo entre aqueles trabalhos amplos e sérios característicos do *Bulletin de l’Institut* e um noticiário marista geral com acontecimentos da vida atual dos Irmãos e das obras no mundo, como era o conteúdo de *FMS*.

O Conselho Geral, atento a esta sugestão, aceitou a ideia e assim surgiu *FMS Mensagem*. A segunda sugestão pedia que pelo menos um Irmão fosse nomeado para se dedicar exclusivamente à coordenação das publicações e comunicações da Administração Geral. O Conselho aprovou também esta proposta. Agradecemos ao Ir. Raoul Goffinet, da Província da Bélgica, de ter se encarregado desta responsabilidade<sup>9</sup>.

### 5.1 FMS Mensagem

No mês de fevereiro de 1987 publicou-se o primeiro número de *FMS Mensagem* que ocupou o espaço informativo entre 1987 e 1997, podendo-se distinguir duas etapas: a primeira que vai de 1987 a 1992 e outra de 1993 a 1997. Na primeira etapa foram publicados 12 números, em branco e preto, com um encarte de 4 páginas em cores. A redação era feita em Roma, porém a composição e a impressão eram feitas na gráfica da Editora e Impressora Edelvives (Zaragoza, Espanha). O número 13 fez a

<sup>8</sup> “Membros dessa Comissão foram os Irmãos: Yves Thénnoz, Secretário Geral; Richard Dunleavy, Conselheiro Geral; Jean Dumortier, editor da “*Presence Mariste*”; Ignacio Pérez, Diretor Geral da Editora Marista “Luis Vives” de Zaragoza, e o Ir. Antonio Sancamillo, da Província marista da Itália”. *FMS Mensagem* n. 1 (fevereiro de 1987) p. 1.

<sup>9</sup> *FMS Mensagem* n. 1 (fevereiro de 1987), p. 1 e 2.

transição narrando os preparativos para o XIX Capítulo Geral. Na capa incluiu o logo do Capítulo que logo deu possibilidade a um novo cabeçalho da revista a partir do número 14. A segunda etapa, podemos dizer que iniciou com a abertura do XIX Capítulo Geral (1993) e se conclui com o número 23 (julho de 1997). No total foram editados 10 números em quatro anos de vida. A característica mais peculiar dessa segunda etapa foi a mudança da logomarca e a elaboração temática de vários números.

A proposta da comissão, que se formou no início de 1986, definiu um formato para a revista caracterizado pela elaboração de um novo cabeçalho que incluía uma nova forma da sigla FMS, elaboração de quatro páginas a cores, algumas fotografias e gráficos em offset e papel couché. A nova forma da sigla FMS durou de fevereiro de 1987 a julho de 1993. A logomarca do XIX Capítulo Geral inspirou uma nova expressão da sigla FMS.

O fato de editar a revista nas oficinas da Editora Edelvives (Zaragoza, Espanha) indica que se fez uma opção pela tecnologia de ponta e de qualidade, oferecida a partir da própria instituição, ainda que o fato de estarem distantes entre si, a sede de edição (em Roma) e a gráfica onde se fazia a impressão (Zaragoza), não deixasse de trazer dificuldades de acompanhamento dos processos de revisão e acabamento.

## 5.2 FMS Ecos

No mês de janeiro de 1988, apareceu o número 1 de *FMS Ecos*, “boletim destinado a comunicar de forma rápida aos Irmãos o que se referia a atualidades do mundo marista”. Mas dizia: “*FMS Ecos* não substitui a *FMS Mensagem*.”<sup>10</sup>

Com o aparecimento de *FMS Ecos*, praticamente foi retomado o conteúdo do extinto *Bulletin de l'Institut* com duas publicações distintas: *FMS Mensagem* que se concentra em conteúdos temáticos e *FMS Ecos* que atendia as notícias com maior agilidade na entrega do que fazia o *Bulletin*.

No número 11 (março de 1991) anunciou-se a mudança de direção da publicação de *FMS Ecos*. O Ir. Germán Tosti, da Província de Luján (Argentina) que dirigia a publicação desde 1988, foi substituído pelo Ir. Máximo Aguirre Asurmendi, da Província Norte (Espanha).

## 6. CADERNOS MARISTAS

Em junho de 1990 publicou-se o primeiro número de *Cadernos Maristas* destinados a dar a conhecer o patrimônio espiritual marista e a história do Instituto. Esta publicação foi crescendo em contribuições, em qualidade e em variedade de colaboradores. Sua apresentação externa foi melhorada a partir do número

<sup>10</sup> *FMS Ecos*, n. 1 (janeiro de 1988).

28. No total foram publicados 36 números nos quais aparecem contribuições dos membros da Comissão Internacional do Patrimônio Marista. Sua identidade não está marcada tanto pela comunicação, mas pela pesquisa. Por meio de suas páginas pode-se compor um interessante capítulo da pesquisa sobre o Instituto.

## 6.1 Mandato do Irmão Benito Arbués

### *FMS Mensagem*

O Ir. Benito Arbués, ao iniciar seu mandato, não fez mudanças substanciais nos instrumentos de comunicação já existentes, porém houve mudanças importantes no horizonte dos destinatários, horizontes estes que já começaram a se abrir com o Ir. Charles Howard.

O XIX Capítulo Geral (1993) recebeu pela primeira vez um grupo de leigos que participou de algumas sessões. O Ir. Benito, superior eleito pelo XIX Capítulo Geral, publicou um *“relatório capitular”*<sup>11</sup> no qual colocou *“uma mensagem e alguns documentos orientadores que recolhem a importância da reflexão capitular”*. Este relatório incluído no órgão oficial de comunicação institucional está

dirigido, pela primeira vez, a pessoas diferentes dos Irmãos, com o que se consolida uma nova prática de comunicação institucional, já iniciada por seu predecessor (Ir. Charles Howard) quando dirigiu a circular de 15 de outubro de 1991<sup>12</sup> a *“alguns leigos”* a quem qualifica de *“amigos”*.

O Ir. Benito ampliou os horizontes: *“Esta primeira publicação a oferecemos a vocês, leigos, e a nós, Irmãos. Outras comunicações posteriores orientaram-se preferencialmente aos Irmãos. Também está previsto que o Conselho Geral dirija uma carta às pessoas mais próximas de nossa missão. No passado, parecia que nossos Capítulos Gerais eram algo exclusivo dos Irmãos e que não interessavam a ninguém além dos Irmãos; era pouco o que costumávamos comunicar de nossas reuniões. Hoje vemos as coisas de outro modo e vamos progredindo numa visão mais eclesial, baseada na comunhão e na partilha da mesma fé em Jesus, a partir de nossa espiritualidade marista”*. *“Durante a preparação e desenvolvimento do Capítulo, sentimos o interesse e a oração de muitas pessoas leigas que viveram esse acontecimento como algo seu. Por isso, ofereço-lhes esta informação como sinal de gratidão”*<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> *FMS Mensagem* n. 14 (novembro de 1993).

<sup>12</sup> Talvez se surpreendam ao ver esta circular dirigida aos *“amigos”* e não aos *“Irmãos”* como era costume. *“É claro que escrevo para os membros do Instituto, como em todas as circulares, porém o tema básico da presente também é de interesse para alguns leigos.”* Circulares, T. 29, p. 355.

<sup>13</sup> *FMS Mensagem*. 14 (novembro de 1993), p. 3.



O Ir. José Maria Ferre dirigiu a revista *FMS Mensagem* de setembro de 1988 até final de 1989. A partir desse ano foi substituído pelo Ir. Máximo Aguirre Asurmendi, da Província Norte, Espanha.

### **FMS Últimas Notícias**

*FMS Últimas Notícias* nasceu em fevereiro de 1995. [...] O Conselho Geral, presidido pelo Ir. Benito, deu à luz esta publicação por causa da urgência de algumas notícias que não podiam esperar serem inseridas em *FMS Mensagem* ou *FMS Ecos*<sup>14</sup>. Esta nova publicação apareceu sob a sigla FMS, como as anteriores, com esta frase em sua primeira linha: “Governo Geral, Roma, Volume 1, Número 1”. A identidade editorial é expressa dessa maneira: “Piazzale M. Champagnat, 2 - C. P. 10250 - 00144 Roma - Telefone (39) 06 545 17279 - Fax (39) 06 545 17 217 - Email: *publica@fms.it*”.

Com periodicidade mensal, “esta publicação de duas páginas era enviada por fax a todos os Provinciais e Superiores de Distrito”, para que “pudessem fotocopiá-la e enviá-la às comunidades de suas Províncias ou Distritos e reproduzir seu conteúdo nas revistas provinciais”<sup>15</sup>.

A novidade consistiu em que a Casa Generalícia se adaptou, ainda

que timidamente, às novas tecnologias da comunicação digital usando FAX e internet. A limitação por parte dos receptores vinha do fato que em muitas Províncias a tecnologia estava também dando os primeiros passos. O sistema de produção de informação que se oferecia às Províncias era centralizado e a distribuição mediada e hierarquizada. As notícias tiveram dificuldades para chegar aos seus destinatários porque necessitavam processar as informações novamente por meio de fotocópias e fazer um novo envio. Somente com a entrada em serviço do site oficial: *www.fms.it*, um ano mais tarde, através da web, o boletim *FMS Últimas Notícias* pode ser recebido de forma personalizada mediante o correio eletrônico.

“*FMS Últimas Notícias* foi beneficiado mais recentemente pela generalização do correio eletrônico. Navega pela internet para chegar aos lugares mais remotos que palpitam em clave marista. A notícia vai mais além da curiosidade e se converte em vínculo de comunhão fraterna e de vida de família”<sup>16</sup>.

“O número 27 iniciou com o tema da canonização e a nomeação de uma equipe. Intensificou-se a partir do número 40 com a publicação do logo. O número 33 introduziu um novo cabeçalho e um novo desenho

<sup>14</sup> *FMS Últimas Notícias*, n. 100 (dezembro de 2001).

<sup>15</sup> *FMS Últimas Notícias*, n. 1 (fevereiro de 1995).

<sup>16</sup> *FMS Últimas Notícias*, n. 100 (dezembro de 2001).

que continua até nossos dias. A partir do número 36 publicou-se a lista Irmãos defuntos e do número 37 em diante a lista dos Irmãos que fizeram a profissão perpétua<sup>17</sup>. A vida de *FMS Últimas Notícias* se prolongou até transformar-se em *Notícias Maristas* em 2007<sup>18</sup>.

### ***FMS Ecos Maristas* UM NOVO IMPULSO (MARÇO DE 2000)**

O boletim *FMS Ecos*, editado em quatro idiomas, veio à luz com o Ir. Charles Howard. O número 30 (fevereiro de 1999) pôs fim a esta etapa de *FMS Ecos* com o anúncio da canonização de S. Marcelino.

A canonização de S. Marcelino foi “presente, mensagem e desafio”<sup>19</sup>, também para as comunicações. O boletim *FMS Ecos*, que vinha funcionando com formato peculiar até fevereiro de 1999 cedeu seu lugar a uma nova publicação com o mesmo nome “a qual se acrescenta a palavra *Maristas* para expressar melhor sua identidade”. Havia surgido em “janeiro de 1988 com o objetivo de fornecer notícias do mundo marista aos Irmãos” e com a pretensão de “ser uma publicação totalmente aberta em

relação a seus destinatários”<sup>20</sup>. Ampliou o horizonte dos destinatários.

O diretor explicou, no pequeno editorial colocado em sua primeira página, o “reposicionamento global das publicações” no Instituto nesse momento: “Três fatos significativos nos convidam a dar-lhes uma nova orientação e um novo impulso. A criação de novos canais de comunicação, como *FMS Últimas Notícias*, o espaço *Web Marista*, e o ajuste de *FMS Mensagem* em qualidade de boletim do Instituto exigiram um reposicionamento global das comunicações”.

Uma melhor compreensão da função dos leigos no seio da Igreja e da vida religiosa abriu horizontes de colaboração dentro do carisma e em relação à identidade de cada vocação pessoal. Nestas mesmas páginas, o Ir. Benito, então Superior Geral, convidou a *caminhar juntos*.

São Marcelino deixou de ser uma realidade quase exclusiva dos Irmãos. Sua canonização o elevou à condição de patrimônio universal da Igreja e da sociedade. Muitos homens e mulheres leigos querem participar também da sua espiritualidade e missão.”<sup>21</sup>

É a partir do número 31 (março de 2000) que a *FMS Ecos Maristas* ad-

<sup>17</sup> *FMS Últimas Notícias*, n. 100 (dezembro de 2001).

<sup>18</sup> *FMS Últimas Notícias*, n. 100 (dezembro de 2001).

<sup>19</sup> *FMS Ecos Maristas*, n. 30 (fevereiro de 1999), p. 2.

<sup>20</sup> *FMS Ecos Maristas*, n. 31 (março de 2000), p. 1.

<sup>21</sup> *FMS Ecos Maristas*, n. 31 (março 2000), p. 1.

quire toda a identidade de uma publicação legalizada.<sup>22</sup>

Todo esse movimento foi suscitado também com a renovação das equipes diretivas. O Ir. Germán Tosti (1988 - 1991)<sup>23</sup> deixou a responsabilidade da direção de *FMS* nas mãos do Ir. Máximo Aguirre Asurmendi (1992 - 1998)<sup>24</sup> o qual passou o bastão ao Ir. Lluís Serra (1999 - 2003) que começou a publicação de *FMS Ecos Maristas* em 2000, assessorado por “uma Comissão, formada por três conselheiros, Irmãos Séan Sammon, que a presidia, Claudino Falchetto e Pedro Marcos”<sup>25</sup>.

*FMS Ecos Maristas* prolongou seu serviço nas mãos dos Irmãos Lluís Serra e Onorino Rota até a edição do número 49 que apareceu em 2005. Sua contribuição se condensou em aproximadamente 400 páginas coloridas, com abundância de fotografias e um esquema editorial muito parecido em todos os números. As páginas 4 e 5 foram uma contínua proposta de reflexão em grupo sobre temas fundamentais que estavam postos naquele momento, tanto para os Irmãos como para os leigos. Sua continuidade viu-se condicionada pela variedade de publicações sus-

citadas nesse momento, especialmente *FMS Últimas Notícias* e o aparecimento da *web* do Instituto.

## 7. A WEB

Os Irmãos Maristas registraram o domínio *www.fms.it* em abril de 1996, fundamentalmente para troca de e-mails. Durante a preparação do XX Capítulo Geral foram feitas previsões para usar as novas tecnologias a serviço das informações e comunicações de suporte ao Capítulo Geral. “O Serviço de Publicações estava pensando na criação de uma página Web para o Instituto”<sup>26</sup> que “estaria em pleno funcionamento no final do mês de agosto”<sup>27</sup>. “Os Irmãos e comunidades, bem como os leigos e simpatizantes maristas que desejassem, puderam acompanhar o desenrolar do XX Capítulo Geral pela internet. *www.champagnat.org* - este espaço informativo ofereceria as notícias capitulares mais importantes com textos e fotos”. [...] “Uma inscrição gratuita lhes permitiria receber em seu e-mail os boletins que eram editados e os textos que a comissão central do Capítulo julgasse oportuno divulgar”<sup>28</sup>.

<sup>22</sup> N.º 31 – Março 2000 – Ano 13.

<sup>23</sup> *FMS Ecos*, n. 11 (março 1991).

<sup>24</sup> “O Ir. Máximo Aguirre foi o diretor das publicações nestes últimos seis anos”. *FMS Ecos*, n. 29 (Setembro de 1998).

<sup>25</sup> *FMS Ecos*, n. 29 (setembro de 1998).

<sup>26</sup> *FMS Últimas notícias*, n. 34, 1º de novembro de 1998, p. 2.

<sup>27</sup> *FMS Ecos Maristas*, n. 17 (setembro de 2001).

<sup>28</sup> *FMS Ecos Maristas*, n. 17 (setembro de 2001).

A edição dos boletins capitulares foi encerrada no dia 30 de novembro de 2001 com o número 50, tendo-se concluídas as sessões capitulares. Este boletim, editado em formato digital, faz referência unicamente ao acontecimento do Capítulo; foi criado para difundir as notícias do Capítulo e concluiu sua vida ao encerrar o evento.

A primeira versão da web do Instituto dos Irmãos Maristas foi aberta com o nome *www.fms.it* e a segunda com *www.champagnat.org* como é conhecida hoje. Na primeira versão não pôde aparecer com o nome *www.champagnat.org* porque alguém de fora do Instituto dos Irmãos Maristas, que estava atento às normas legais para inscrever e reconhecer a propriedade dos “sites” na Internet, inscreveu por sua conta, como propriedade sua, uma página web com o nome *www.champagnat.org* sem advertir o Instituto dos Irmãos Maristas. Posteriormente, foi necessário negociar com esse senhor por meio do Irmão administrador provincial da Província de Bética (Sevilla, Espanha) e comprar-lhe o direito de propriedade.

“Uma vez acabado o Capítulo Geral, a partir de 1º de dezembro de

2001 a web capitular iniciou uma fase de transição que acabou em 31 de agosto de 2002 para dar lugar a uma nova página web oficial do Instituto Marista”<sup>29</sup>.

Em 2003 o senhor Luiz da Rosa iniciou seu trabalho como *web master* e começou o projeto da segunda versão.<sup>30</sup> O início foi anunciado em *FMS Ecos Maristas*. A segunda versão da “web oficial do Instituto dos Irmãos Maristas abriu suas portas a partir de meados de janeiro de 2003. Foi feita uma consulta às pessoas interessadas em nossa espiritualidade e missão. Substituiu-se a página dedicada ao XX Capítulo Geral. Apresentou seus conteúdos básicos nos quatro idiomas oficiais: espanhol, inglês, francês e português. Seguiu fornecendo o *Boletim Marista*, que superou 100 números e que teve boa aceitação entre os leitores. Nossa web pretende proporcionar notícias sobre atualidades maristas e oferecer aos seus leitores informações diversas<sup>31</sup> sobre a presença marista no mundo.”<sup>32</sup>

Tão logo foram introduzidas as mudanças, “a nova web marista do Instituto iniciou seu caminho na internet no dia 18 de abril de 2004, no 5º aniversário da canonização de S.

<sup>29</sup> *Boletim Marista*, n. 1 (dezembro de 2001).

<sup>30</sup> Edições WEB: <http://www.champagnat.org/000.php?p=82>.

<sup>31</sup> O Serviço de Publicações juntamente com a web criou a *Biblioteca Marista Intratext* com o objetivo de colocar a disposição os documentos maristas mais significativos por meio da internet. Pode-se consultar atualmente, entre outros, as Constituições e as recentes Circulares do Ir. Superior Geral. Seu endereço é: [www.intratext.com/fms](http://www.intratext.com/fms). *FMS Ecos Maristas*, n. 34 (dezembro 2000).

<sup>32</sup> Edições WEB : <http://www.champagnat.org/000.php?p=82>.

Marcelino Champagnat.”<sup>33</sup> “Ela se apresenta nas quatro línguas oficiais e contém notícias da atualidade e numerosos documentos de interesse.”<sup>34</sup>

A quarta versão, tal como a conhecemos hoje, iniciou em 2011. Já se está trabalhando em uma quinta versão para se adaptar às novas exigências técnicas.

## 8. BOLETIM MARISTA

“A partir de dezembro de 2001, nasceu um novo meio de comunicação eletrônica: o *Boletim Marista*, que é editado na Casa Geral, nas quatro línguas oficiais do Instituto: inglês, espanhol, francês e português.”<sup>35</sup> “Nasceu num momento muito especial, depois de haver terminado o XX Capítulo Geral.<sup>36</sup> [...] O objetivo dessa publicação era partilhar a vida marista sem fronteiras. [...] Este boletim é distribuído gratuitamente pelo correio eletrônico a todas as pessoas que se inscreveram ou

podem se inscrever na web: [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org)”<sup>37</sup>.

## CONCLUSÃO

As revistas que distribuíram as informações durante este meio século de história do Instituto, apesar da modesta confecção de algumas, contêm um acervo de documento e datas, nomes e lugares situados com precisão na história marista do dia a dia que abarca grande parte da segunda metade do século XX. Hoje podemos buscar suas páginas para encontrar referências fiéis para a elaboração de uma cronologia dos acontecimentos mais importantes do Instituto durante esse período.

Não foi fácil compilar todos os números que foram publicados durante este meio século de história marista ao qual nos referimos. Merece um pouco de atenção apreciar, com justo valor, os esforços feitos pelo Instituto, que hoje estão quase silenciados.

<sup>33</sup> *FMS Ecos Maristas* n. 48 (junho de 2004), p. 6.

<sup>34</sup> *FMS Ecos Maristas* n. 48 (junho de 2004), p. 8.

<sup>35</sup> *FMS Ecos Maristas*, Número 38 - Ano 14 - Dezembro de 2001.

<sup>36</sup> “Uma magnífica acolhida das informações contidas na web capitular [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org) permitiu seguir os principais acontecimentos vividos no XX Capítulo Geral, realizado em Roma de 4 de setembro a 13 de outubro. Houve mais de mil visitas diárias. Um boletim diário recebido por mais de 1.700 inscritos, centenas de fotografias e muitos textos e documentos constituíram ajuda a muitas pessoas que acompanharam passo a passo o processo de discernimento. As visitas se intensificaram nos dias das eleições. Os lugares recônditos de cinco continentes não ficaram à margem desta história que viram como ao vivo. A opção pela vida entusiasmou e continua entusiasmando muitas pessoas próximas ao carisma de S. Marcelino. Os leigos vibraram e agradeceram se sentiram também membros da família marista”. *FMS Ecos Maristas*, n. 38 (dezembro de 2001).

<sup>37</sup> *Boletim Marista*, n. 1 (dezembro de 2001).

Com as comunicações, por meio dos recursos que nos oferece a tecnologia digital, tanto em sua produção

quanto em sua distribuição, abriu-se um novo capítulo na história das comunicações institucionais maristas.

# UMA CARTA INÉDITA DO P. CHAMPAGNAT (1837) No contexto da fundação da escola de La Voulte



André Lanfrey,  
fms

O Ir. Louis Richard encontrou, recentemente, um fascículo de 20 páginas, intitulado “*Les Petits Frères de Marie à La Voulte-sur-Rhône (Ardèche)*” - (“Os Pequenos Irmãos de Maria em La Voulte-sur-Rhône (Ardèche)”, impresso em Privas, em 1903. Seu autor é Augusto Roche, então pároco de La Voulte, pequena vila da Ardèche, à margem direita do Rio Rhône, ao sul de Valence e ao norte de St. Paul-Trois-Châteaux.

Ali, ele defende os Irmãos, na época da grande ofensiva anti-congregacionista, graças a um dossiê de documentos, certamente conservado no presbitério, permitindo-lhe de organizar um histórico da escola, detalhando especialmente o momento da fundação. E, entre as numerosas cartas que ele cita, encontra-se uma (p. 8), do P. Champagnat, desconhecida até então, dirigida ao pároco, o Pe. Pleynet:

“V. J. M. J. - Notre-Dame de l’Hermitage, 28 de novembro de 1837.

Senhor Pároco,

*Envio-lhe então três Irmãos; a viva perseverança do Sr. Genissieux<sup>1</sup> enfim triunfou sobre todos os obstáculos: de sua parte, o senhor nada negligenciou para que a obra tivesse êxito. Envio-lhe, pois, e recomendo-lhe de modo muito particular esses três Irmãos, acompanhados de um quarto que vai ajudá-los<sup>2</sup> a colocar tudo em funcionamento e voltar.*

*Será, pois, senhor Pároco, o conselheiro e o sustentáculo para eles, nas possíveis dificuldades. Eles vão considerá-lo como seu pai, e suplico-lhe de considerá-los seus filhos. Desejo muito que, assim, esteja contente; e que eles apoiem seu zelo em favor da formação das crianças à virtude.*

*Para mim, teria sido prazeroso acolher o amável convite que o ilustre senhor Genissieux me fez para participar da instalação de seus Irmãos, mas não me foi possível. Por favor, acolha a certeza do meu devotamento, etc...*

*Champagnat, Superior”.*

<sup>1</sup> O industrial fundador do estabelecimento.

<sup>2</sup> Registro de um erro “*leur aidera*” em vez de “*qui les aidera*”.

Esta carta que cita o nome dos principais atores da fundação, anuncia a chegada de uma comunidade e recomenda os Irmãos aos cuidados atentos do pároco, parece, *a priori*, ser bastante banal. Não temos o original, mas sua autenticidade não apresenta dúvidas, por que as origens maristas<sup>3</sup> conservaram várias correspondências sobre essa fundação à qual o Bispo de Viviers, Monsenhor Bonnel, e seu Vigário-Geral, o Pe. Vernet, se opuseram firmemente. Sem pretender ostentar bom conhecimento histórico da diocese de Viviers, penso poder indicar algumas causas fundamentais dessa oposição, inscritas na estratégia da reconstituição dos grupos religiosos das dioceses, depois da Revolução.

Com efeito, cada bispo procurou dispor não apenas de seu clero secular, formado nos seminários, mas também das congregações de Irmãs e Irmãos que tivessem por centro um noviciado diocesano. Há, no entanto, forte contraste entre congregações de Irmãs e de Irmãos: as primeiras são muito numerosas (Irmãs de São Carlos, Irmãs de São José...), enquanto constitui raridade uma diocese dispor de um próspero noviciado de Irmãos. Assim Monsenhor de Pins considera os Irmãos Maristas como sua congregação, gozan-

do de especial proteção, mas devendo dar prioridade à diocese de Lyon, em sua estratégia de fundação de escolas.

A diocese de Viviers dispõe das Irmãs da Apresentação, de Bourg-Saint Andéol, fundadas sob a Revolução, em Thueyts, por Ana Maria Rivier com a ajuda do administrador da diocese o qual será até sua morte, em 1843, um Vigário-Geral muito ativo e de muito prestígio: Pe. Vernet. Os Anais da casa de Aubenas nararam-nos a história do projeto de fundação dos Irmãos de Viviers que deverão, em 1844, unir-se com os Irmãos Maristas.

“Vendo que a obra da senhorita Rivier era exitosa, Pe. Vernet concebeu o projeto de uma congregação de homens para instruir os jovens e socorrer os órfãos; e levou o Padre Boisson a disponibilizar os prédios de seu colégio para essa obra. Isso em 1803. A nova congregação vegetou até que o Pe. Boisson foi nomeado capelão de Notre-Dame de Bon Secours, em La Blachère, para onde ele levava seus poucos noviços, em 1817. Prestava também seu auxílio ao respeitável Padre Richard, encarregado de administrar o santuário”. [...]

“O Pe. Boisson fazia consideráveis esforços para aumentar o número dos Irmãos. Recebia poucos candidatos e a maior parte desanimava rapidamente. Inicialmente, fora pouco apoiado pelo senhor Bispo de Mende, da qual dependia a

<sup>3</sup> *Cartas de Champagnat* p. 309-315, cartas 148-150; *Cartas recebidas*, Edição Brasileira, 2002, cartas 143, 145; *Annales de l'Institut*, Tomo I, 1837, § 286-291; *Annales des maisons: Aubenas...* Ver também Alain Delorme: “O Pe. Vernet (1760-1843), vigário geral de Viviers, e seu fracasso na fundação de um Instituto de Irmãos”, em *Cadernos Maristas*, n° 19, junho de 2003, p. 3-18.



diocese de Viviers, desde a Concordata. O Padre Molin, tendo sido nomeado para Viviers, dava mais apoio ao Pe. Boisson e obteve do governo a autorização legal da nova congregação, no dia 10 de março de 1825”.

**Na realidade, o Pe. Boisson emprega os Irmãos a serviço do santuário e coloca certo número como professores nas paróquias. O Analista (Ir. Avit) nos diz que, em torno de 1832, sobravam apenas quatro Irmãos:**

“até então não tinham tido regras suficientes, nem noviciado propriamente dito, nem princípios bem definidos. Um bom número de jovens tinha entrado [6] na casa, e desanimaram em seguida. O Pe. Boisson, demasiadamente absorvido pelos cuidados do santuário, não podia se importar suficientemente com os Irmãos cujo trabalho parece não ter compreendido e, para ele, não passava de um acessório”.

De fato, não há congregação: o título de “Irmão” conserva seu sentido tradicional de leigo que se ocupa de funções cultuais (escola, sacristia, catecismo...), sob a orientação dos sacerdotes. É uma piedosa realidade doméstica. E o clero da Ardèche não vê muito a necessidade de constituir um corpo autônomo de leigos militantes para a educação dos meninos<sup>4</sup>. Pode ser, no entanto, que a revolução de 1830 tenha sacudido a pastoral, até então, muito tradicional.

**Em todo caso...**

“Em 1832, o Pe. Boisson vendeu a propriedade dos Irmãos ao Padre Gervais, Vigário-Geral. O Pe. Vernet, ainda Vigário-Geral e Superior do Seminário maior, refletiu desde então quais seriam as medidas a tomar para organizar, enfim, a obra dos Irmãos. No mês de abril de 1834, o Pe. Vernet enviou 10 jovens, que ele havia selecionado na diocese, ao noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Avignon, para serem formados às virtudes religiosas. Para não se endividar demais, ele os chamou, depois de três meses, para Bourg-St-Andéol; deu-lhes algumas regras de conduta, nomes religiosos e um hábito, um pouco semelhante àquele dos Irmãos das Escolas Cristãs, menos o grande manto, e entregou-lhes o rabat que era azul. Enviou-os, em seguida, a N. D. (de La Blachère), propondo-se trazê-los, mais tarde, para fazer os votos. [...]

**As autoridades diocesanas de Aubenas pensam então em abandonar o modelo pastoral precedente, para tentar criar uma congregação de Irmãos que teria um pouco do professor da escola tradicional e um pouco do congregacionista do século XIX. Mas, já é bastante tarde e esse modelo híbrido dará poucos resultados duráveis. E a diocese tem outro problema: sua parte central conta com numerosas comunidades protestantes, cuja presença impõe uma pastoral prudente, ainda mais que a Revolução de 1830, mui-**

<sup>4</sup> Pierre Zind, na sua tese *Les nouvelles congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830*, fala longamente sobre essa fundação, mas não lida com o período que nos interessa. O F. Avit, nos *Annales de la maison d'Aubenas*, evoca amplamente essa história até a fusão com os Irmãos Maristas, em 1844, inspirada no manuscrito do F. François Boudet, então Irmãos de Viviers, antes de se tornar um Irmão Marista.

to liberal e anticlerical, parece favorecerê-los.

É num tal contexto que, desde 1831, o Pe. Pleyne, pároco-arcebispo de La Voultte, pensa em fundar “uma escola cristã”, depois de se informar sobre seus direitos de fundar uma escola particular, junto do sr. Nicot, reitor da Academia de Nîmes<sup>5</sup> que o tranquiliza sobre esse ponto. É, sem dúvida, para contrariar suas intenções que o conselho municipal, na sessão solene de 4 de fevereiro de 1833, apoia vivamente o professor sr. Baud e sua esposa: o primeiro ensinando a 40 meninos; a segunda, 45 a 50 meninas. Eles aplicam o método simultâneo, o mesmo dos Irmãos, e não o método mútuo, considerado suspeito pelo clero. Essa deliberação conduz a um pedido de medalha de prata para seus professores muito meritórios, junto ao Ministério da Instrução Pública.

Esse suporte oficial esconde, entretanto, um problema: o número de crianças escolarizadas numa cidade com mais ou menos 2.200 habitantes, parece singularmente fraco. A importante comunidade de 500 protestantes tem, certamente, sua própria escola particular, mas muitas crianças claramente não estão na escola. De outra parte, o sr. Baud, o professor, não é do Ardèche nem

mesmo é francês, mas “savoyard”<sup>6</sup>. Ele vai solicitar, em 1834, documentos de naturalização para conservar seu posto. Presente em La Voultte, há nove anos (1825), no início, ele foi, sem dúvida, um dos professores ambulantes, vindos dos Alpes<sup>7</sup>. Pelo fato de ser estrangeiro, ensina certamente sem registro (*brevet*). O prefeito sublinha que ele e sua esposa acrescentam à sua competência e disponibilidade “os princípios da moral, a mais pura”, mas não diz nada da instrução religiosa.

Todo esse debate acontece um pouco antes da lei Guizot, promulgada em 28 de junho de 1833, que vai exigir de cada cidade uma escola para meninos e um pagamento de, ao menos, 200 francos para o professor. Essa lei que responde à sede de instrução de uma parcela cada vez maior da opinião pública vai contribuir ao enfraquecimento da posição do Conselho municipal da La Voultte – que parece bastante conservador em matéria escolar –, e ao encorajamento do pároco Pleyne.

Em uma carta de 24 de maio de 1835, dois anos depois da lei Guizot, ao “Padre Superior” dos Irmãos de Viviers, isto é, ao Pe. Vernet, o pároco Pleyne explica sua posição: a seus olhos “a educação dos meninos deixa muito a desejar,” mas “a difícil-

<sup>5</sup> Fascículo, p. 1-2, carta de 20 de março de 1832.

<sup>6</sup> Nascido em 1802, ele tem, pois, um pouco mais de 30 anos, em 1833. A Savoia será integrada à França, apenas em 1860.

<sup>7</sup> Não se diz nada das origens de sua esposa.

dade dos tempos” (as consequências da Revolução de 1830) e “a falta de recursos” impuseram-lhe não falar e esperar. Entretanto, “uma pessoa mais do que estimável<sup>8</sup> faz-nos confiar em algum fundo para ajudar uma escola cristã, em La Voulte”, dentro de um ano. Ele solicita então ao Pe. Vernet dois de seus Irmãos para manter uma escola paga, “contanto que o município fique fora deste negócio”.

O Pe. Pleynet certamente não foi tão silencioso como diz em sua carta. Em todo caso, em 1835, a posição

do conselho municipal não mudou e o pároco tem em vista a criação de uma escola privada concorrente àquela da comuna, com a ambição de torná-la, ulteriormente, comunal. Não é uma estratégia excepcional: encontramos numerosos exemplos assim, nos *Annales des maisons*. Além disso, é preciso que o pároco encontre professores capazes de manter vitoriosamente essa concorrência. Mas a resposta do Pe. Vernet, no dia 26 de maio, nos revela que a congregação dos Irmãos de Viviers, apenas esboçada e de futuro incerto, não pode ajudar a seu projeto:

« Viviers, 26 de maio de 1835.

Senhor Pároco,

*Empenhar-me-ia com solicitude para responder a seus desejos, se a proposta fosse possível. Faz apenas um ano e meio que iniciamos: por ora, temos apenas noviços. Necessitam de tempo para bem se formarem nos diversos pontos, e para obterem seu diploma de capacitação. Em seguida, os melhoes deverão permanecer na casa-mãe para formar outros.*

*Não sei se poderemos expandir-nos muito: isso depende dos senhores Párocos que o Bispo convidou a enviar-nos aspirantes e a ajudar-nos nas despesas. Há pouco entusiasmo. Estamos bastante contentes com os candidatos que temos. Queira falar disso nas suas reuniões para conferências”.*

O padre Pleynet vai se entender, então, não apenas com o Sr. Genissieux, gerente da Companhia de fundições e forjas do Loire e do Isère, mas também com o superior dos Irmãos Maristas que administram a es-

cola de meninos da usina da Companhia, em Terrenoire, perto de St Etienne. Tendo estabelecido em La Voulte uma filial industrial, M. Genissieux está pronto para abrir ali uma escola como a de Terrenoir.

<sup>8</sup> Certamente o Sr. Genissieux.

Mas há uma dificuldade séria: La Voulte não se encontra na diocese de Lyon e o Padre Champagnat não pode aceitar a fundação de um estabelecimento sem a autorização das autoridades eclesiais das dioceses de Lyon e Viviers. Aliás, ele também está sobrecarregado com pedidos para fundação de escolas e por isso numa carta do sr. Genissieux ao Padre Pleyne, em 31 de outubro de 1836, ele declara: “Não teremos Irmãos neste ano”. Em 1837, o Padre Champagnat certamente não abandonou o projeto porque em 26 de julho, a caminho para St-Paul, ele escreve de La Voulte ao Padre Mazeurier (Cartas 122) informando-o de que uma indisposição o obriga a voltar a L’Hermitage. Mas, uma carta do P. Vernet, Vigário-Geral e fun-

dador dos Irmãos de Viviers, ao Padre Cattet, Vigário-Geral de Lyon, pede a este, em nome de Monsenhor Bonnel, em 20 de outubro de 1837, de proibir aos Irmãos Maristas a abertura de estabelecimentos na diocese de Viviers.

Essa carta não foi conservada, mas pode-se conhecer seus elementos principais pelas alusões do Padre Champagnat em diversas correspondências e, particularmente, em 1º de novembro (Cartas 150) quando ele anuncia ao Monsenhor Bonnel, bispo de Viviers, sua submissão à decisão tomada. Vale a pena reproduzi-la *in extenso*<sup>9</sup>, porque ela evoca a essência do problema e parece responder, ponto por ponto, à carta enviada ao Padre Cattet.

*“Monsenhor,*

*“Sinto-me feliz porque a Providência me proporciona a ocasião de prestar a V. Excia. minha respeitosa homenagem e de reafirmar-lhe meu total devotamento. Sem dúvida, seria mais prazeroso para mim, fazê-lo por um motivo mais agradável; mas, como agrada a Deus dispor das circunstâncias de outro modo, V. Excia. me permitirá, ao menos, a satisfação de lhe expor a retidão de nossas intenções, fazendo-lhe conhecer nossos sentimentos.*

*O Padre Cattet, Vigário-Geral de Lyon, acaba de nos enviar uma carta do Padre Vernet, com data de 20 de outubro de 1837, na qual este (Vernet) pede ao Pe. Cattet de, em nome de V. Excia., proibir aos Irmãos de L’Hermitage a abertura de escolas, na diocese de Viviers. Nós não duvidamos, Monsenhor, que o Pe. Vernet, nesta iniciativa, seja movido por exclusivamente razões louváveis; por isso, nos empenhamos solícitos em subscrever a ordem com a mais respeitosa submissão, bem felizes de poder contribuir assim para a boa ordem de sua diocese. Se, pela presença de nossos Irmãos na diocese de Viviers, “tivesse resultado um choque desagradável e vergonhoso para*

<sup>9</sup> O Ir. Avit deixou cópia desta carta nos *Annales de l’institut* (T. 1, 1837, § 289-291) e nos *Annales de la maison* provincial de Aubenas, com algumas variantes.

*a religião”, seria isso motivo para nós mesmos estarmos profundamente consternados. Seria muito desolador que, num momento em que o protestantismo sacrifica seus interesses mais caros, se reúne de todas as partes para apropriar-se, a todo custo, da educação da juventude, nós viéssemos impedir a obra de Deus, numa diocese cuja sábia administração nos é tão bem conhecida.*

*Segundo a carta do Pe. Vernet, Vossa Excia. não levará a mal que, num momento em que não podemos atender à multiplicidade de pedidos que nos vêm de todos os cantos da França, ordenemos aos nossos Irmãos [9] de Peaugres e de Boulieu de não reabrirem as aulas, antes que tenhamos recebido uma autorização formal de Vossa Exclência.*

*Permitirá, Monsenhor, que eu aproveite desta circunstância para informá-lo do espírito da Sociedade. Um princípio de nossas Constituições é de nunca nos lançarmos em qualquer projeto, em tudo e em toda parte, a não ser sob a benévola proteção de nossos senhores Bispos, dos quais sempre faremos questão de honra de ser os mais obedientes e os mais devotados servidores.*

*Quando, pois, Vossa Excelência quiser honrar-nos com sua confiança, nós nos apressaremos solícitos ao encontro de suas ordens cujo cumprimento sempre será para nós algo suave e honroso. Digne-se aceitar... »*

O argumento da carta ao P. Cattet é, pois, particularmente grave: os Irmãos Maristas, por seu desejo de expansão na diocese de Viviers, criariam uma divisão muito prejudicial aos interesses católicos numa diocese em que os Protestantes são numerosos e ativos. O Padre Vernet certamente recordou também que a diocese de Viviers, dispondo de sua própria congregação de Irmãos, deveria ter prioridade na fundação de escolas. É o motivo pelo qual o Padre Champagnat responde que, na diocese de Lyon, ele mesmo e seus superiores têm uma visão territorial menos estreita da ação educativa, especialmente após a lei Guizot. Mas o último parágrafo da carta, possivelmente, nos dá a principal razão da carta: Monsenhor Bonnel, mas certamente também o Pe. Vernet e uma

boa parte do clero da Ardèche estão muito descontentes com um projeto de La Voulte que rebaixa os direitos da autoridade episcopal e beneficia fundadores não pertencentes à diocese.

A história interna da congregação dos Irmãos de Viviers, que parece, enfim, tomar consistência, tem, certamente, um papel importante nessa manobra, como sugere o Ir. Avit (*Annales d’Aubenas*):

“No mês de setembro (1837), os Irmãos, noviços e postulantes fizeram seu retiro em Viviers; eram em torno de 60. Foi então que M. Vernet escreveu ao Padre Cattet, Vigário-Geral de Lyon. Ele pedia para convencer Monsenhor de Pins, administrador da diocese, a proibir o Rev. Padre Champagnat de colocar seus Irmãos na diocese de Viviers: sua carta é de 30 de outubro.

O arcebispo a repassou ao nosso piedoso Fundador, que ele muito estimava, mas sem formular a proibição solicitada, contentando-se em aconselhá-lo a arranjar a questão do melhor modo possível”.

O Padre Champagnat se mostra muito repetitivo com o Monsenhor Bonnel, mas sugere que o Pe. Vernet é o responsável pelas acusações levantadas contra os Irmãos Maristas. Declarando-se disposto a retirar os Irmãos de Peaugres e de Boulieu<sup>10</sup> ou “de não reabrir suas aulas, antes de termos recebido uma autorização bem formal de Vossa Excia.”, ele obriga o Monsenhor Bonnel a esclarecer sua posição<sup>11</sup>. Aliás, deixando intervir seu Vigário-Geral, Monsenhor Bonnel comprometeu-se menos e deixou a porta aberta para acertos ulteriores. É o que o Padre Champagnat manifestamente compreendeu: recusará qualquer fundação na diocese de Viviers, sem autorização escrita do Bispo, mas não vai retirar os Irmãos das escolas já fundadas.

A fundação de La Voulte é, pois, o motivo de conflitos em vários níveis: entre dioceses; entre congregações de Irmãos; entre o pároco e o conselho municipal; e, certamente, tam-

bém entre católicos e protestantes... Enfim, a indústria instalada pela Companhia do sr. Genissieux atrai novas populações que modificam o equilíbrio econômico e social do lugar: a querela escolar é também uma consequência da mudança econômica.

É fato que as observações do Padre Champagnat sobre o protestantismo que “sacrifica<sup>12</sup> seus mais caros interesses, (e) acorre de todas as partes para apropriar-se, a todo custo, da educação da juventude”, merecem nossa atenção. Pode-se ver aí uma alusão à situação local e diocesana: os católicos devem se agrupar em favor de sua escola como os Protestantes fazem para as suas. Porém, Champagnat, sem dúvida, tem horizontes mais gerais: para ele, a Reforma (livre exame...) é mãe do espírito revolucionário (pensamento livre...) e ele juntaria de boa mente a revolução de 1830, a ofensiva liberal e o protestantismo, ainda mais que o método mútuo, visto como de inspiração protestante, tinha recebido mais apoio, depois da Revolução de 1830. E ele considera a lei Guizot – que vai permitir forte desenvolvimento de sua obra – como uma medida de inspiração liberal e protestante, o que

<sup>10</sup> Ver em *Cartas*, p. 309-310, as explicações sobre esta decisão. Champagnat convida, pois, os padres de Boulieu e Peaugres a prevenir o prefeito de que será preciso conseguir outro professor e vai solicitar aos Irmãos de não começarem as aulas “a não ser que o Bispo de vocês dê uma autorização escrita”.

<sup>11</sup> É verdade que a fundação de uma nova escola foi retardada. No dia 30 de novembro novamente, o Padre Champagnat escreve ao Pe. Fustier, pároco de St. Félicien, para comunicar-lhe que a carta do Pe. Vernet o obriga a interromper o projeto. Este será retomado somente depois da morte do Fundador e a escola será fundada em 1841.

<sup>12</sup> “*sacrifiant*” (sacrificando) seria mais adequado.

não está errado, mesmo se os planos de Guizot vão bem mais longe<sup>13</sup>. E em 1837 há razões mais pessoais para desconfiar de um ministro que, re- ceoso em relação às sociedades particulares de educação, não lhe

quer conceder a autorização legal da qual tem grande necessidade<sup>14</sup>.

Mas voltemos ao projeto de fun- dação local que o sr. Génissieux pro- cura liberar:

*“Terre-Noire, perto de St-Etienne, 7 de novembro de 1837.*

*Senhor Pároco,*

*Agora mesmo, estou recebendo do Padre Champagnat a carta que ides encontrar aqui incluída<sup>15</sup>. Inicialmente, tinha pensado em escrever diretamente ao sr. Gervais<sup>16</sup>, mas o temor de que<sup>17</sup> a resposta ainda não fosse tal como o Padre Champagnat poderia desejá-la, faço recurso a vossa extrema gentileza para vos solicitar de retornar uma vez mais a Viviers para requerer, pessoalmente, do Bispo de Viviers ou de seus senhores Vigários-Gerais uma autorização hábil, que o Padre Champagnat possa apresentar ao arcebispado de Lyon, permitindo-lhe de enviar-nos, de imediato, os Irmãos que nos prometeu. Ser-vos-ei agradecido se puderdes me enviar esse documento, o mais cedo possível, para passá-lo, em seguida, às mãos do Padre Champagnat. Se puderdes enviar-mo até o dia 13 ou 14 deste mês, tende a bondade de remetê-lo a Lyon, endereçado aos escritórios da Companhia de Fundições e Forjas, rua St-Dominique, nº14. – O senhor Vautro<sup>18</sup> poderá dar-vos um cavalo, uma carruagem e um empregado para conduzir-vos a Viviers”.*

<sup>13</sup> O sr. Guizot é ao mesmo tempo liberal e protestante. Em sua *Histoire générale du protestantisme*, T. III, p. 244, Emile G. Léonard nos diz que “a situação escolar do protestantismo fez [...] notórios progressos, graças a Guizot” pela lei de 1833 e pelo novo apoio dado ao método mútuo.

<sup>14</sup> Em uma carta de dezembro de 1836 ao monsenhor Devie (Cartas 75), ele atribui a recusa da autorização legal aos estatutos dos Irmãos Maristas a causas confessionais: “A causa principal da demora que sofremos vem, penso eu, do fato de o sr. Guizot, sendo protestante, não vê com bons olhos uma associação inteiramente consagrada a Maria”.

<sup>15</sup> Ela não foi conservada, mas seu conteúdo é fácil de adivinhar: nada de Irmãos Maristas em La Voulte, sem autorização episcopal escrita.

<sup>16</sup> O Pe. Gervais era Vigário-Geral em Viviers.

<sup>17</sup> “par crainte que” (por temor) seria expressão mais correta.

<sup>18</sup> O sr. Vautro era diretor das Usinas de *La Voulte*.

Uma carta, de 17 de novembro de 1837, ao Padre Champagnat dá-nos o resultado dessa providência, pois o sr. Génissieux anexa “a au-

torização que o senhor deseja obter do bispado de Viviers”, expedida pelo Bispo, no dia 13 de novembro<sup>19</sup>.

*“Pierre François Bonnel, pela misericórdia de Deus e a graça da Santa Sé apostólica, Bispo de Viviers.*

*Como o estabelecimento dos Irmãos Maristas em La Voulte foi interrompido, diante a carta do Pe. Vernet ao Pe. Cattet, Vigário-Geral de Lyon, eu verei com grande satisfação esse estabelecimento prosperar e renascer de verdade<sup>20</sup>; peço igualmente que o Padre Champagnat envie para La Voulte os Irmãos que tinha prometido ao sr. Génissieux. A piedade deste excelente cristão merece demais ser encorajada para eu me mostrar contrário a seus planos”.*

*Viviers, 13 de novembro de 1837.*

*† Pierre François, Bispo de Viviers.”*

A carta usa habilmente as datas para justificar uma exceção e preservar o futuro: nada de instalação dos Irmãos Maristas sem autorização prévia. De fato, como os Irmãos de Viviers não chegarão a se desenvolver, essa autorização prepara a fusão deles com os Irmãos Maristas, que acontecerá sob o governo do novo bispo, Monsenhor Guibert, tendo falecido o Pe. Vernet, em 1843, e o Monsenhor Bonnel, em 1844, depois de demitir-se em 1841 (*Lettres*, II, p. 100).

Sempre com pressa, porque o início das aulas está próximo, o sr. Génissieux pede na mesma carta (*Cartas recebidas*, nº 145, p. 286-288) que

os Irmãos cheguem a La Voulte, antes do fim do mês. Tudo está pronto para recebê-los e as bagagens podem ser rapidamente encaminhadas pelo rio Rhône, à custa da Companhia. Os Irmãos terão, pois, alguns dias para se organizarem, antes de começar as aulas. O Sr. Génissieux tem a intenção de ir pessoalmente a La Voulte, no começo de dezembro, “para participar da instalação da escola e da cerimônia religiosa que, provavelmente, será levada a efeito para abençoá-la”.

É aqui que se deve situar a carta, até há pouco desconhecida, do Padre Champagnat ao pároco de La

<sup>19</sup> *Cartas recebidas*, nº 145, Carta do Sr. Génissieux (AFM 129.44).

<sup>20</sup> *Ressorte à* – Fórmula um pouco arcaica, significando, em linguagem corrente: « que se distinga por sua qualidade ».



Voulte, em 28 de novembro de 1827, que encerra, praticamente, a questão ao anunciar a chegada dos Irmãos<sup>21</sup>.

O fascículo nos oferece o conteúdo da Ata da instalação dos Irmãos Maristas, datado de 5 de dezembro de 1837. Numa comunidade de 2.189 habitantes, compreendendo em torno de 1.700 católicos e 500 protestantes, o número das inscrições se eleva a “cento e setenta crianças, tanto católicas quanto do culto reformado<sup>22</sup>. Depois da missa do Espírito Santo, “o clero, os Irmãos, as crianças e um grande número de fiéis, entre os quais havia vários lioneses membros da administração das Fundições e Forjas com suas famílias, se dirigiram em procissão para as salas de aula que foram bentas”. Seguem as assinaturas dos notáveis que parecem ser todos da Companhia, exceto o sacerdote. Nem o prefeito e nenhum dos conselheiros municipais de 1833 assinaram a Ata. Aparentemente, não há nenhum delegado do bispado e o Padre Champagnat declinou do convite do sr. Génissieux.

É, pois, a inauguração relativamente discreta de uma escola parti-

cular. Em dois pontos essa fundação sai dos quadros habituais: a autoridade diocesana não está envolvida; e, misturando alunos católicos e protestantes na mesma escola, tem-se a impressão de perturbar o equilíbrio tradicional entre os dois cultos, ao passo que o município é colocado de lado. Daí resultarão numerosas peripécias ulteriores das quais nos falam o fascículo e os *Annales de l'école* de La Voulte. No entanto, isso seria outra história.

No entanto, essa fundação é uma das formas assumidas pela modernidade pedagógica, associando clero zeloso, congregação especializada e um catolicismo ao mesmo tempo social e, provavelmente, legitimista, ainda que economicamente liberal”. Basicamente, a função docente se laiciza segundo duas modalidades: a das congregações de Irmãos que impõem uma militância católica independente do clero secular; enquanto a lei Guizot, criando escolas normais, começou a preparar um corpo docente que depende do Estado. O sistema semi-tradicional, encarnado pelos Irmãos de Viviers, revelou-se inviável.

<sup>21</sup> “*Cartas recebidas*” (n° 147, A.F.M. 129.46) traz a carta do sr. Génissieux de 29 de novembro de 1837, na qual anuncia sua partida para La Voulte, na manhã seguinte. Ele, certamente, não recebeu uma carta do Pe. Champagnat, pois ele não sabe se este já enviou Irmãos. No entanto, acredita encontrá-los ali.

<sup>22</sup> Segundo o fascículo, em 1836, La Voulte tem 1.700 habitantes católicos e 500 Protestantes.

## ANEXOS TIRADOS DO FASCÍCULO

### 1. EXTRATO DA CARTA DO SR. NICOT, REITOR DA ACADEMIA DE NÎMES, AO PE. PLEynet, EM 20 DE MARÇO DE 1832

*“No passado, o número dos professores era proporcional ao da população. Nomeava-se um professor ou professora para 1.000 almas, e não era permitido ultrapassar esse limite. Esse sistema – é verdade – tornava a posição dos docentes mais estável; eles viviam em segurança. Por outra, quantos municípios, aos quais tinham sido impostos mediocridades, sofriam por não poderem escolher um homem mais capaz! Quantas queixas esse monopólio provocava, sobretudo quando o professor ou a professora praticava preços muito altos para suas aulas ou abreviava a sua duração etc...<sup>23</sup>.*

*“Em 1830 foi proclamado um princípio: o da livre concorrência. Este princípio salutar somente pôde trazer rápidos melhoramentos no ensino elementar; o professor é obrigado a redobrar o zelo e a dedicação, se deseja ver sua escola frequentada e preferida a uma outra; por outro lado, o direito de abrir uma escola não é dado a quem o solicita ou a quem o aceita, como sob a influência da liberdade ilimitada, como na Bélgica; mas, é de quem dava garantias de moralidade e de capacidade”.*

<sup>23</sup> Esta visão das coisas parece fazer alusão, de maneira fantasiosa, ao monopólio universitário e faz o elogio do liberalismo da Monarquia de Julho, em matéria escolar. De fato, para o primário, o monopólio universitário era muito teórico.

## ANEXOS

### 2. DELIBERAÇÕES DO CONSELHO MUNICIPAL DE LA VOULTE EM FAVOR DE SEUS PROFESSORES

*“Dia 4 de fevereiro de 1833. O conselho municipal de La Voulte reuniu-se em sessão ordinária na sala própria da Prefeitura. Estavam presentes os senhores Valantin (prefeito), Frédéric Fuzier, Biré, Curinier, Vignal, Boissier, Marquet Cadet, Métras e Mitiflot.*

*Um conselheiro municipal chama a atenção do conselho sobre as duas escolas primárias mantidas nesta comuna, a saber: aquela dos rapazes, pelo sr. Joseph Baux, e aquela das meninas pela senhora Marie Célestine Ladoux, esposa do citado sr. Baux, professora do 1º grau [...].*

*O sr. Prefeito dá então ao conselho todas as informações que recolheu sobre o assunto. Ele visitou várias vezes essas duas escolas. A dos rapazes conta com uns quarenta alunos; o número das moças que frequentam a escola da senhora Baux é de quarenta e cinco a cinquenta. O método simultâneo é usado nas duas escolas com igual sucesso: os progressos dos alunos, ali, são notórios e o sr. Prefeito os encontrou sensíveis, em cada visita feita a essas duas escolas, visitas, aliás, renovadas com certa frequência. [...] Ele acrescenta que o cuidado pelo bem público é o único motivo a guiar o senhor e a senhora Baux; o salário não está presente em seus esforços quotidianos... [...]*

*O conselho partilha inteiramente o modo de pensar do senhor prefeito a respeito do sr. e da senhora Baux [...] e conclui unânime:*

*Uma medalha de prata será vivamente solicitada a quem de direito, para o citado casal Baux, em nome do conselho municipal da comuna de La Voulte unânime. [...] Enfim, expediente semelhante será transmitido ao sr. e à senhora Baux como prova da alta estima do conselho”.*

**ANEXOS****3. CARTA DO PE. PLEYNET AO PE. VERNET, EM 24 DE MAIO DE 1835**

*Senhor Superior,*

*“Desde que estou em La Voulte, percebo que nossas escolas para meninos deixam muito a desejar. A dificuldade dos tempos e a falta de recursos, impuseram-me a necessidade de sofrer em segredo, sobre a gravidade da situação, e de me abster de toda providência que não teria tido outro resultado senão o de me comprometer. Hoje começo a entrever que este estado de coisas poderia melhorar. Uma pessoa, mais do que estimável, nos dá a esperança de algum fundo para possibilitar uma escola cristã em La Voulte. Embora esse socorro não nos venha senão dentro de um ano (e o mesmo depende de e mais de uma eventualidade), peço-lhe de colocar, desde agora, a paróquia de La Voulte à frente de todas aquelas onde Irmãos seriam extremamente necessários; e numa resposta, com que sua grande bondade vai me honrar, queira dar-me algumas informações sobre os Irmãos que o senhor pensa procurar para a diocese, e sobre as condições com que poderia concedê-los às paróquias. Aqui, precisaríamos dois de absoluta necessidade; seria preciso que eles ou uma terceira pessoa pudesse receber as mensalidades da escola. Não temos poder econômico para pensar numa escola gratuita, visto que o município ficará fora desta questão”.*

## ANEXOS

### 4. ATA DA INSTALAÇÃO DA ESCOLA DOS IRMÃOS DE LA VOULTE

*“Hoje, cinco de dezembro de mil oitocentos e trinta e sete, ocorreu a instalação dos Irmãos Maristas, para dirigir as escolas da paróquia de La Voulte. Esses bons religiosos foram recebidos nesta cidade com a mais viva solicitude. Para o dia da instalação, que foi também o do início das aulas, houve cento e setenta crianças inscritas, tanto católicas quanto do culto reformado. Assim a população se mostrou, tanto quanto possível, reconhecida aos fundadores desse precioso estabelecimento e disposta a aproveitar de um dom sobremaneira excelente. Depois da missa do Espírito Santo, o clero, os Irmãos, as crianças e um grande número de fiéis, entre os quais havia vários lioneses, membros da administração das Fundições e Forjas com suas famílias, dirigiram-se preceSSIONalmente para as salas que foram abençoadas”.*

*Assinaturas:*

*Garnier; Pauline Terret; Garnier nascida Aynard;  
Terret; Genissieu Filho; Pleynet, pároco”.*



# ALGUMAS PISTAS PARA DESCOBRIR OS “LUGARES MARISTAS” DE ROMA significativos para o Irmão Françaõs



Antonio Martínez  
Estaún, fms

“No dia 26 de setembro de 2018 inaugurou-se a romaria aos ‘lugares Maristas’ da cidade de Roma, significativos pela presença do Irmão Françaõs Rivat. O grupo de Irmãos da Terceira Idade de língua espanhola e portuguesa que participam do curso ‘Amanhecer, acompanhados pelo Irmão Antonio Martínez Estaún, Postulador geral, fizeram uma romaria da Casa Geral até a Igreja do *Santo Nome de Maria*, situada nos Foros, junto à coluna de Trajano. Com essa visita abriu-se a rota dos lugares Maristas de Roma”.<sup>1</sup>

Esta iniciativa surge a partir do estudo do relato escrito feito pelo Irmão Françaõs de sua *Viagem a Roma em 1858*, recolhido na caderneta n.º 2, intitulado *Notas religiosas* (AFM 5101.305). Essa Caderneta contém 173 páginas de tamanho 13,5 por 8 cm, mais 14 páginas com *notas di-*

*versas* sobre suas observações pessoais a respeito do que estava acontecendo em Roma até completar 197 páginas. O resto da caderneta conclui com a página 232, porém muitas destas páginas estão em branco.

O Irmão Françaõs viajou para Roma em 1858, juntamente com o Irmão Louis-Marie, com a missão de apresentar à Santa Sé as primeiras Constituições do Instituto elaboradas no segundo Capítulo Geral, para submetê-las à sua aprovação<sup>2</sup>. O Ir. Louis-Marie teve que regressar logo para L’Hermitage. O Irmão Françaõs permaneceu em Roma 194 dias. Como registrou em seu diário, durante a longa estadia na cidade, como bom habitante de região montanhosa, acostumado a longas caminhadas, percorreu a cidade, visitando mais de 200 igrejas.

<sup>1</sup> A notícia foi publicada em [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org) em 05/10/2018, acompanhada de fotografia.

<sup>2</sup> Dessas gestões já tratei em um trabalho anterior, por isso não me entretenho com esses detalhes. Ver: Antonio Martínez Estaún, *História das Constituições dos Irmãozinhos de Maria*, Curitiba 2015, p. 61-90. Publicado em <http://www.champagnat.org/510.php?a=6a&id=4313>.

A igreja mais visitada foi a do *Santo Nome de Maria* (35 vezes). Em cada uma dessas igrejas, fazia suas práticas piedosas, homenageando os santos e mártires e estudava a história. Em algumas dessas igrejas fez vivências muito particulares. Selecionando alguns momentos particulares que o Irmão François relata em seu diário, podemos reconstruir alguns itinerários romanos através do quais se pode lembrar e descobrir a personalidade do Irmão François.

Para realizar esse estudo, o primeiro trabalho foi traduzir para o espanhol o texto francês *Voyage de Rome*, que o irmão Louis-Richard havia convertido anteriormente do manuscrito original para o formato digital (Word). Com esse material foi preparado o livro intitulado *Diario del viaje a Roma del H. François en 1858*<sup>3</sup> em que se pode ler no lado esquerdo as páginas originais do texto escrito pelo Irmão François e nas páginas do lado direito a tradução para o espanhol do texto original, numerando-o linha-por-linha.

## 1. AS ESTATÍSTICAS

O Irmão François permaneceu em Roma 192 dias, dos quais 74 foi acompanhado pelo Irmão Louis-Marie e 118 passou sozinho<sup>4</sup>. Durante esse tempo fez 641 visitas a lugares diferentes da cidade, como pode ser visto a partir da análise de seu diário pessoal. Desse total de visitas, 577 foram a basílicas, igrejas, santuários ou capelas da cidade de Roma; as outras 64 restantes foram dedicadas a conhecer ou desfrutar de vários espaços cívicos com seus atraentes monumentos, suas memórias históricas de Roma imperial ou espaços naturais que oferecia a cidade, como montanhas, parques, praças e jardins. A média de visitas às igrejas durante sua permanência em Roma é 3,3 por dia. No gráfico anexo, os pontos sob os dias indicam o dia e o número de visitas de gestão feitas pelo Irmão François. Pode-se ver que indicam ritmos muito diferentes. No princípio realiza algumas gestões, em seguida, acontece um período de espera e finalmente produz-se uma aceleração.

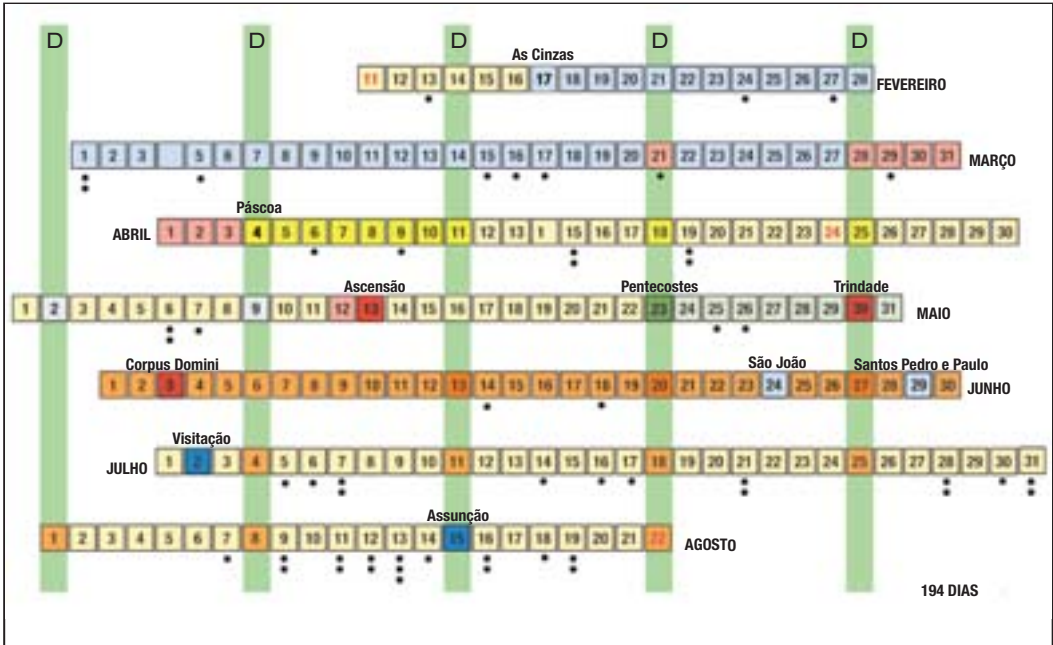
<sup>3</sup> Ver: [www.champagnat.org/510.php?a=6a&id=4711](http://www.champagnat.org/510.php?a=6a&id=4711).

<sup>4</sup> O Irmão Louis-Marie esteve junto ao Irmão François durante 73 dias dos 194 que permaneceu em Roma. Durante esse tempo acompanhou-o para fazer juntos os trâmites diante das autoridades. Porém, o Irmão François, em nenhum lugar do diário, faz referência alguma à presença do Irmão Louis-Marie nas visitas às igrejas, nas procissões, nas peregrinações, excursões ou práticas de piedade. Organizarão sua vida de piedade de forma separada? Não parece muito coerente com sua profissão de vida religiosa vivida em comunidade e com a aceitação da mesma Regra de vida que lhes era comum. Porém, no diário não há nenhuma referência explícita a atos de piedade realizados em comum. Parece que a primeira visita à Praça São Pedro, no dia seguinte da chegada a Roma, estavam juntos.



## Calendário Litúrgico vivido pelo Ir. François em Roma

Os pontos indicam o dia e o número de visitas de gestão que realizou o Irmão François.



## 2. COMO E PORQUE ESCREVE O DIÁRIO

Sobre como o Irmão François fez seu diário temos apenas uma alusão escrita, muito breve, que consta no dia 31 de maio. Lá, indica que há um momento desse dia destinado para fazer suas anotações no diário: “Caderneta de anotações”. 31/5<sup>5</sup> É provável que o fizesse sempre, mais ou

menos na mesma hora do dia, uma vez que François é uma pessoa organizada e sistemática na forma de organizar o tempo. Embora, num certo dia, faça referência a alguma coisa que aconteceu no dia seguinte<sup>6</sup>. 5/7

Em nenhum lugar o Irmão François explica as razões que o levaram a escrever os detalhes da sua viagem a

<sup>5</sup> Essa abreviatura faz referência ao dia e mês do diário do Irmão François.

<sup>6</sup> Nesse dia relata a visita feita ao Monsenhor Talboth e ao mesmo tempo registra a resposta que ele dá no dia seguinte. Este detalhe nos diz que esse parágrafo não foi escrito na data indicada como referência cronológica, e sim mais tarde.

Roma em 1858. Mas podemos imaginar facilmente, sabendo do seu hábito de escrever notas pessoais sobre os acontecimentos diários, como em outros documentos que chegaram até nós. No entanto, a maneira como estrutura as anotações diárias parece ser uma imitação da história de viagem que faz Monsenhor Gaume em *Les Trois Rome*, livro que o acompanhou em sua viagem a Roma, emprestado em Lyon pelo Padre Pagnon, Vigário geral, porém sem se estender na descrição das visitas que realiza ou dos lugares que visita, mas reduzindo suas informações a um breve resumo na maioria dos casos.

Da análise da estrutura dos escritos e seu conteúdo pode-se concluir que o primordial das suas intenções em escrever é narrar o processo seguido na realização de sua gestão para conseguir a aprovação Vaticana do Instituto. Esta conclusão é facilmente deduzida, considerando o número de horas dedicadas às entrevistas e audiências com as autoridades romanas, explicadas com uma profusão de detalhes.

Por outro lado, o resto da atividade, que tem um tempo muito mais longo, apenas deixa indicado como quem elabora o índice de uma agenda de atividades para produzir um relatório mais tarde. Cada dia é fiel em enumerar as visitas a igrejas, basílicas e outros lugares de culto, mas na maioria das vezes a escrita é breve, sem estender-se para dar explicações. Tem sido muito comedido ao

deixar por escrito nesta caderneta suas experiências ou vivências espirituais. Apenas algumas frases, na maioria das vezes tomadas de livros espirituais, aludem à motivação que o move naquele momento, mas tem pouco de sua autoria.

O conteúdo do diário, dedicado quase inteiramente a narrar com abundância de detalhes suas gestões na Cúria do Vaticano e sua atividade espiritual, visitando lugares religiosos, tem suas exceções. Em 20 de abril, por exemplo, faz-nos um relato dedicado a conteúdos culturais quase exclusivamente.

Apenas insinua duas expressões que remetem à sua vida espiritual e à sua vivência religiosa durante esse dia, mas são duas palavras de uma densidade particular: “Compromisso do batismo e contrição” 20/4; o resto dedica-o a descrever o claustro de *Santa Maria delli Angeli*, o cemitério dos Capuchinhos de *Santa Maria della Concezione*, onde estão as relíquias de São Crispin de Viterbo e São Félix de Cantalício, os palácios do Vaticano com a sua biblioteca e, finalmente, concluiu o dia na Villa Pampili. 20/4. Todo o relato é de conteúdo cultural.

O mesmo pode ser visto na narração do dia 22/4, em que não cita nenhuma visita a qualquer igreja, capela ou basílica. Mas esses dois exemplos rompem com o ritmo habitual da narração que se dedica principalmente à sua atividade burocrática e sua vivência espiritual. Estes

dois relatos de 20/4 (terça-feira) e de 22/4 (quinta-feira) contrastam com os de 2/5 (domingo), em que visita sete igrejas, ou a do 5/6 (quinta-feira), onde faz referência a seis lugares em que reza e duas que são visitas culturais, a de 12/5 (quarta-feira de rogações) em que visita nove igrejas ou a de 2/8 (segunda-feira) com sete visitas a igrejas.

### 3. ROMEIRO DE IGREJA EM IGREJA

François é um peregrino romano (um romeiro) que vai de igreja em igreja, de sepulcro em sepulcro, de Basílica em Basílica, percorrendo um trajeto espiritual guiado pela *devotio* e a *pietas*. Esta é a lista das igrejas visitadas pelo Irmão François, em Roma<sup>7</sup>,

|                                      |                                  |  |
|--------------------------------------|----------------------------------|--|
| Angelo Custode                       | Confraternita degli Agonizzanti  | San Biagio (Armeni cattolici)            |
| Araceli                              | a Piazza Pasquino                | San Bonaventura                          |
| Basilica presso                      | Convento dei Domenicani          | San Bonaventura (Palatino)               |
| Piazza Barberini (Basiliani)         | (Minerva)                        | San Bonaventura dei Lucchesi             |
| Basilica Vaticana                    | Convento dei Francescani         | San Caio                                 |
| Battistero di Costantino             | Convento delle Oblate            | San Carlos ai Catinari                   |
| Cappella dei Padri                   | di Tor di Specchi                | San Carlo al Corso                       |
| del Preziosissimo Sangue             | Gesú                             | San Carlino alle Quattro Fontane         |
| (Fontana di Trevi)                   | Gesú (Casa professa dei Gesuiti- | San Calixto                              |
| Cappella della casa                  | Camera di Sant'Ignazio)          | San Cesareo                              |
| Cappella della Pietà                 | Gesú e Maria (Corso)             | San Claudio dei Borgognoni               |
| Cappella della separazione           | Monastero di Campo Marzo         | San Clemente                             |
| dei Santi Pietro e Paolo             | Oratorio del Caravita            | San Crisogono (Trinitari)                |
| Cappella Sistina                     | Ospedale militare del Quirinale  | San Eloi dei Forgeroni                   |
| Cappuccine del Quirinale             | Ospizio di Santo Spirito         | San Francesco a Ripa                     |
| Carcere Mamertino                    | Quattro Santi Coronati           | San Francesco d'Assisi                   |
| Catacombe de San Callisto            | Quo Vadis                        | (Minori Osservanti)                      |
| o di San Sebastiano                  | San Barnaba                      | San Francesco de Paola ai Monti          |
| Certosa di Santa Maria degli Angeli  | San Bartolomeo                   | San Gal                                  |
| Chiesa della Missione                | (Isola Tiberina - Francescani)   | San Giovanni a Porta Latina              |
| (Lazzaristi a Montecitorio)          | San Bartolomeo dei Bergamaschi   | San Giovanni Calibita (Eremitano)        |
| Chiesa delle Cappuccine al Quirinale | (Piazza Colonna)                 | San Giovanni Calibita all'Isola Tiberina |
| Chiesa e collegio germanico          | San Bernardino da Siena          | San Giovanni dei Fiorentini              |
| Collegio romano                      | (Monte Magnanapoli)              | San Giovanni Gualverto                   |
| Colonna dell'Immacolata Concezione   | San Bernardo (Chiesa rotonda)    | San Giovanni in Laterano                 |
| a Piazza di Spagna                   | San Bernardo (Cistercensi)       | San Giovanni-Battista Decollato          |

<sup>7</sup>Optou-se por escrever o nome dos lugares e igrejas de Roma em italiano para dar uma unidade gráfica.

|  |   |   |
|--|---|---|
| San Girolamo della Carità                        | San Salvatore   | Sant'Ignazio,<br>Cappella di San Luigi Gonzaga  |
| San Giuseppe a Capo le Case                      | San Salvatore in Campo                                      | Sant'Urbano (via Alessandrina)                  |
| San Gregorio a Ponte Quattro Capi                | San Salvatore in Lauro<br>(Fratelli delle Scuole Cristiane) | Santa Brigida a piazza Farnese                  |
| San Gregorio in Velabro                          | San Sebastiano fuori le mura                                | Santa Caterina da Siena<br>a Monte Magnanapoli  |
| San Gregorio Magno<br>(Celio - Camaldolesi)      | San Silvestro al Quirinale                                  | Santa Caterina da Siena dei Senesi              |
| San Isidoro a Capo le Case<br>o Isidoro Agricola | San Silvestro in Capite<br>(Clarisse)                       | Santa Caterina da Siena in Via Giulia           |
| San Isidoro degli Irlandesi                      | San Sisto Vecchio   | Santa Caterina dei Funari                       |
| San Lorenzo fuori le mura                        | San Teodosio  | Santa Caterina della Ruota                      |
| San Lorenzo in Damaso                            | San Tommaso in Parione                                      | Santa Cecilia                                   |
| San Lorenzo in Fonte                             | San Urbano  | Santa Ciriaca                                   |
| San Lorenzo in Lucina                            | San Venanzio <sup>9</sup> , Martire                         | Santa Croce in Gerusalemme                      |
| San Lorenzo in Miranda (Foro)                    | San Vincenzo  | Santa Dorotea                                   |
| San Lorenzo in Panisperna (Clarisse)             | San Vitale  | Santa Francesca Romana                          |
| San Luigi dei Francesi                           | Sant'Adriano al Foro  | Santa Galla                                     |
| San Malo in Collegio Germanico                   | Sant'Agnese a Piazza Navona                                 | Santa Maddalena                                 |
| San Marcello                                     | Sant'Agnese fuori le mura                                   | Santa Maddalena al Quirinale                    |
| San Marcello (Serviti)                           | Sant'Agostino   | Santa Maria ai Monti                            |
| San Marcello dei Martiri <sup>8</sup>            | Sant'Alessio  | Santa Maria degli Angeli all'Esquilino          |
| San Marco  | Sant'Adriano al Foro  | Santa Maria dei Martiri                         |
| San Martino ai Monti                             | Sant'Anastasia, ai piedi del Palatino                       | Santa Maria dei Miracoli<br>(Piazza del Popolo) |
| San Nicola (Via Cesarini)                        | Sant'Anastasio dei Greci                                    | Santa Maria del Carmelo                         |
| San Pancrazio                                    | Sant'Andrea (Noviziato dei Gesuiti)                         | Santa Maria del Carmelo<br>alle Tre Canelle     |
| San Pancrazio fuori le mura                      | Sant'Andrea al Quirinale                                    | Santa Maria del Popolo                          |
| San Pantaleo                                     | Sant'Andrea della Valle                                     | Santa Maria del'Anima<br>(degli Austriaci)      |
| San Paolo alla Regola                            | Sant'Andrea delle Fratte (Minimi)                           | Santa Maria della Concezione<br>(Cappuccini)    |
| San Paolo alle Tre Fontane                       | Sant'Angelo in Pescheria                                    | Santa Maria dell'Orazione e Morte               |
| San Paolo Fuori le Mura                          | Sant'Anna   | Santa Maria dell'Orto                           |
| San Pasquale Baylon (Francescani)                | Sant'Antonio dei Portoghesi                                 | Santa Maria della Pace                          |
| San Pietro in Montorio                           | Sant'Apollinare   | Santa Maria della Pietà                         |
| San Pietro in Vaticano                           | Sant'Atanasio dei Greci                                     | Santa Maria della Quercia                       |
| San Pietro in Vincoli                            | Sant'Eligio degli Orefici                                   | Santa Maria della Scala                         |
| San Pietro uscendo de Roma<br>(Fasciola)         | Sant'Ignazio  |   |
| San Rocco a Ripetta                              | Sant'Ignazio (Collegio romano)                              |   |
| San Romualdo (Camaldolesi)                       | Sant'Ignazio Casa professa<br>dei Gesuiti                   |   |

<sup>8</sup> Em Roma não existe uma igreja com este nome. Existe São Marcelo mártir, porém, não *dos mártires*.

<sup>9</sup> Mosaicos - Roma - Chiesa di S. Giovanni in Fonte o Battistero - Cappella di S. Venanzio.

|   |   |   |
|---|---|---|
| Santa Maria delle Grazie                                | Santa Maria in Trastevere   | Santi Abdon e Senen                           |
| Santa Maria della Vittoria                              | Santa Maria in Vallicella   | Santi Apostoli                                |
| Santa Maria di Loreto (Foro di Traiano)                 | Santa Maria in Via Lata   | Santi Cosma e Damiano                         |
| Santa Maria di Montesanto                               | Santa Maria Maggiore  | Santi Domenico e Sisto (Domenicani)           |
| Santa Maria in Aquiro (Orfanotrofio)                    | Santa Maria Scala Cœli  | Santi Giovanni e Paolo, martiri               |
| Santa Maria in Aracoeli                                 | Santa Maria sopra Minerva (Domenicani)  | Santi Nereo e Achilleo                        |
| Santa Maria in Campitelli (Chierici della Madre di Dio) | Santa Marta   | Santi Pietro e Marcellino                     |
| Santa Maria in Campo Carleo                             | Santa Martino ai piedi del Campidoglio  | Santi Pietro e Paolo                          |
| Santa Maria in Chiesa Nuova (Oratoriani)                | Santa Prassede  | Santi Quirico e Giulitta ai Monti             |
| Santa Maria in Cosmedin                                 | Santa Prisca  | Santi Vincenzo e Anastasio a Fontana di Trevi |
| Santa Maria in Domnica alla Navicella                   | Santa Pudenziana  | Santo Nome di Maria                           |
| Santa Maria in Monterone                                | Santa Rufina in Trastevere  | Santo Spirito (presso l'Ospedale)             |
| Santa Maria in Monticelli (en reparación)               | Santa Sabina  | Santo Stefano Rotondo                         |
| Santa Maria in Traspontina                              | Santa Susana  | Scala Santa                                   |
|   | Santa Trinità dei Monti, al Pincio (Convento delle religiose del Sacro Cuore) | Sepolte vive (Quirinale)                      |
|   |   | Stimmate di San Francesco d'Assisi            |
|   |   | Trinità dei Pellegrini                        |

## Outros lugares visitados

Além dos lugares religiosos, o Irmão François visita outros locais de importância histórica ou de grande significado para a cidade.

|                               |                                     |                       |
|-------------------------------|-------------------------------------|-----------------------|
| Ambasciata di Francia         | Fonte di Ponte Sisto                | Porta di Via Flaminia |
| Arco di Costantino            | Fori                                | Quattro Fontane       |
| Arco di Tito                  | Foro de Traiano                     | Quirinale             |
| Campidoglio                   | Monte Palatino                      | Salita al Campidoglio |
| Cancelleria                   | Monte Romano                        | Sant'Angelo           |
| Celio                         | Musei Vaticani                      | Teatro Marcello       |
| Cimitero Colonna Traiana      | Palazzo de San Giovanni de Laterano | Terme di Caracalla    |
| Circo Massimo                 | Palazzo dei Cesari                  | Terme di Diocleziano  |
| Colosseo                      | Palazzo Massimi                     | Terme di Tito         |
| Corridoio Vaticano            | Palazzo Torlonia                    | Trastevere            |
| Corso                         | (Piazza San Marco)                  | Via Appia             |
| Esquilino                     | Pantheon                            | Villa Borghese        |
| Ferrovia Roma a Civitavecchia | Pincio                              | Villa Doria Pamphili  |

A partir dessas informações e a análise das vivências que o Irmão François anotou em seu diário, podemos definir alguns lugares “Maristas romanos” em que o Irmão François deixou a marca da sua jornada espiritual em sua peregrinação romana. Nós já fizemos alusão à Igreja do *Santo Nome di Maria*.

O Irmão François espera muitos peregrinos maristas que descubram suas experiências nos vários lugares da cidade que ele visitou, ao mesmo tempo em que os convida a preencher com conteúdo espiritual os dias de permanência nesta cidade.

# O CEMITÉRIO RENOVADO DE L'HERMITAGE

Michel Morel, fms

A renovação do cemitério de L'Hermitage, cuja inauguração oficial aconteceu no sábado, 24 de novembro de 2018, oferece a ocasião de recordar a história do cemitério, cara a todos os Maristas, e de evocar a celebração da inauguração que aconteceu no nesse dia.

## 1. HISTÓRIA DO CEMITÉRIO

### 1.1 Introdução

Para esta primeira parte, inspiro-me basicamente na Monografia de N.D. de l'Hermitage, escrita na ocasião do Centenário de sua fundação – 1825-1925<sup>1</sup>.

E retomo textualmente, para introduzir o assunto, o que me enviou o Ir. André Lanfrey:

“A criação de um cemitério é sempre um ato institucional forte, que significa a vontade, para uma comunidade, de instalar-se definitivamente em um lugar. Na comunidade monástica é um equipamento normal

que acompanha a capela e a enfermaria.

A construção do NDH termina em 13 de agosto de 1825, com a bênção da capela pelo Monsenhor Dervieux. Para ter um cemitério, a casa de L'Hermitage deve obter a aprovação da autoridade civil porque um cemitério também é uma grande realidade político-religiosa. Como a Igreja e a Câmara Municipal, ele simboliza a comunidade dos habitantes em seu passado e seu presente, na sua realidade profana e religiosa. Portanto, precisa de fortes motivos para se emancipar da pertença ao grupo paróquia-município, e o Estado não consente facilmente fazer concessões nessa área altamente simbólica.

No entanto, não é como convento que NDH obtém, em 1826, do Barão de Chaulieu, prefeito do Loire, a permissão de ter um cemitério. Na verdade, esta autorização resulta do interesse demonstrado pelo Conselho Geral do Loire aos Irmãos Maristas que planejam fazer de L'Hermitage a escola normal do departamento, e é quem vota, em 17 de

<sup>1</sup> Editado em 1925 por C. Bordron, St Chamond.

agosto de 1826, uma subvenção de 1500 francos a L'Hermitage. O Ir. Gabriel Michel<sup>2</sup> citou as deliberações do Conselho municipal de St-Etienne e do conselho geral do Loire que julgam que “os Irmãos de Maria”, como obra educativa complementar dos Irmãos das Escolas Cristãs, merecem ser apoiados. A autorização para criar um cemitério faz parte deste apoio, especialmente por ser gratuito para a autoridade civil.

De acordo com o Ir. Avit (*Annales*, 1829, § 92) a visita do prefeito a L'Hermitage teria ocorrido antes da decisão de conceder uma subvenção. A revolução de 1830 pôs fim a esta situação privilegiada: não mais subvenção e nem projeto da escola normal. Mas a autorização oficial para a criação do cemitério, cujo texto não foi preservado, não será revogada pelo próximo prefeito, mesmo sendo anticlerical. Mas é verdade que em 1830, NDH já é considerado um convento em vez de uma escola normal.”

Sobre a visita do prefeito do Loire, Sr. de Chaulieu, a N. D. de L'Hermitage, a monografia oferece os seguintes detalhes.

“O Padre Champagnat esteve ausente naquele dia. O padre Courveille recebeu da melhor forma possível o honrado Servidor e mostrou-lhe a casa e suas dependências. Encantado pela benevolência e bondade do Sr. prefeito, pediu-lhe a permissão para ter na propriedade um cemitério para

os Irmãos; a resposta foi favorável. “Mas, senhor Prefeito, acrescentou Courveille, prevendo uma dificuldade: o senhor não tem competência para assinar a permissão; seremos obrigados a fazer o nosso pedido a Montbrison”. “Faça o seu cemitério, respondeu resolutamente o Prefeito, ele não vai desmanchá-lo”.

Isso levanta a questão de saber se ele teve ou não autorização escrita por parte da Prefeitura. Em qualquer caso, não encontramos nenhum vestígio em nossos arquivos.

Até janeiro de 2014, para enterrar um Irmão, era suficiente informar à Municipalidade; eram os Serviços Funerários que se encarregavam. Sem dúvida, em razão dos novos regulamentos para o enterro do Irmão Henri Reocreux, em janeiro de 2014, foi necessário solicitar uma autorização de sepultamento à Municipalidade; e a Municipalidade solicitou um estudo hidrogeológico do cemitério, o que foi feito por uma empresa especializada.

A Prefeitura do Loire, no seu decreto de 20 de janeiro de 2014,

“autorizou o enterro no cemitério de l'Hermitage, do corpo do Ir. Henri Reocreux”,

seguinte

“o parecer favorável à manutenção do cemitério existente”, emitido pela empresa especializada. A comunicação impressa da Prefeitura

<sup>2</sup> *Marcellin Champagnat et la reconnaissance légale des Frères Maristes*, tomo 1, p. 52-54. Ver também *Vida de Champagnat*, 1ª parte, Cap. 17, p. 164.



acrescentava: “esta autorização será válida para os próximos enterros dentro da Congregação”.

Portanto, pode-se concluir que o cemitério de L’Hermitage é reconhecido pela Prefeitura e não será necessário pedir cada vez uma nova autorização de sepultamento.

## 1.2 Os diversos cemitérios

### 1827: O primeiro cemitério (N° I, na maquete).

Ele foi colocado abaixo do atual, perto do canal que conduz a água do rio para o pasto e a horta (o canal ainda não tinha sido escavado). Era muito apertado, tendo apenas 5 metros quadrados.

“A Comunidade foi ao cemitério novo para assistir à bênção que foi feita pelo Padre Champagnat.

O Padre Bourdin fez um discurso para a circunstância. A solidão que inspira pensamentos sérios, o rio que marca o tempo que corre, o rochedo que representa a eternidade por sua imobilidade, proporcionaram tocantes e piedosas reflexões”.

O primeiro Irmão enterrado neste cemitério foi o jovem Irmão Côme, natural de St-Sauveur-en-Rue. Em seguida, treze outros Irmãos foram enterrados lá num espaço de seis anos. Como a Comunidade se multiplicava cada vez mais (e também os falecidos, porque os Irmãos morriam jovens), este pequeno cemitério tornou-se insuficiente em poucos anos. O Padre Champagnat decidiu fazer outro, dado que o lugar onde se localizava o primeiro estava apertado e muito perto da água. É, portanto, um pouco acima, perto do rochedo, que foi construído um segundo cemitério.



Planimetria do cemitério

### **1834: O segundo cemitério (N° II na maquete)**

Este cemitério novo, que ao terminar teria cerca de 8 m de comprimento e 6 de largura, exigiu árduo trabalho de terraplenagem. O Padre Champagnat e seus Irmãos construíram um alto muro de contenção no lado do rio e fecharam os outros três lados. O pequeno Jean Champagnat, 5 anos, sobrinho do Padre Champagnat, filho de Jean-Pierre, foi o primeiro a ser enterrado aí, em 29 de março de 1834. Diversos parentes do Padre Champagnat foram enterrados depois de Jean, antes que ele mesmo o fosse, seis anos mais tarde, em 8 de junho de 1840.

### **1841: O terceiro cemitério (N° III na maquete)**

Em 1841, um ano após a morte do Padre Champagnat, o segundo cemitério foi ampliado; sua superfície foi mais que triplicada. Os Irmãos prolongaram o muro de contenção ao lado do rio em 19 m e construíram o muro acima a 17 m dele. Este cemitério III teve 27 m de comprimento e 17 m de largura. Os Irmãos que fizeram estas obras tinham que talhar o rochedo; e isso certamente foi um trabalho muito grande.

O Irmão Caste construiu a grande Cruz de ferro (é a que vemos ainda hoje e que foi restaurada). Ela foi colocada no meio do cemitério (como você pode vê-la na foto cor sépia, datada por volta de 1890).

### **No mesmo ano de 1841**

“A Comunidade reunida no cemitério, no final do retiro, na presença do Padre Colin, dos padres capelães e de outros padres, retirou o caixão do Padre Champagnat, do túmulo onde havia sido colocado primeiro, para transportá-lo à sepultura que lhe haviam preparado”.

### **Em 1842**

Um monumento foi construído sobre o túmulo do P. Champagnat. Eis a descrição que fez dele o Ir. Avit nos *Annales*.

“Este monumento, de forma quadrada, repousa no meio de uma lápide que cobre a sepultura. Consiste

- em um bloco de granito de 1 m de lado e 0,50 m de altura, adornada com três pequenas molduras;
- em uma base também com três molduras;
- em um lado ornado com uma coroa de mármore esculpida, duas tochas funerárias em relevo e tendo 1,05 m de altura e 0,50 m de largura;
- uma cornija encimada por um frontão quádruplo, embelezada com quatro relevos em flor de lis e completada por uma urna funerária encimada por uma pequena cruz.
- [82] Acima da coroa e entre as duas tochas está gravado no mármore a seguinte inscrição: Aqui jaz José Bento Marcelino Champagnat - Padre Fundador e Superior dos Pequenos Irmãos de Maria - nascido em Marlhés, em 20 de maio de 1789 – falecido em L'Hermitage, sábado, 6 de junho de 1840.

Estão gravadas, um pouco mais abaixo, estas palavras: *Sit memoria eius in benedictione*; e abaixo, no meio, está gravado um pensamento.

[83] Notemos, a propósito, que os primeiros nomes do piedoso Fundador são escritos ao contrário no registro acima. Foi preciso escrever: Marcelino José Bento de acordo com seu registro de batismo”.

Achei útil transcrever esta descrição porque os restos mortais do Padre Champagnat, tendo sido exumados e trocados de lugar, parece que este monumento desapareceu. A base atual que sustenta a Cruz parece bem diferente.

Em **julho de 1867**, os ossos dos mortos enterrados no cemitério pequeno foram transportados para o grande e enterrados entre a Cruz de ferro no meio do cemitério e o monumento mortuário do Padre Champagnat.

**1877: Criação de um cemitério provisório e expansão do 3º (Nº IV na maquete)**

Em 1877, o 3º cemitério estava de novo muito pequeno. Para ampliar, levaram o portal 5 m para frente e dinamitaram a parte do lado da montanha. Durante o trabalho, feito pelos Irmãos, vários Irmãos foram enterrados no cemitério temporário, localizado abaixo da grande Cruz da passagem, no início do pátio dos plátanos.

**1892: Trabalhos realizados no quarto cemitério**

Em 1882, o cemitério sofreu uma nova transformação (mas sem ampliação):

- As paredes foram consolidadas por um **forte reboco** com cal hidráulica.

- Na cruz no meio, foi anexado um belo **Cristo** em ferro fundido.
- Uma gruta para receber a estátua de **N.D. de Montligeon** invocada como “libertadora das almas do Purgatório”, eleva-se perto da porta dos fundos. No final do século XIX, muitas grutas, lembrando aquela de Lourdes, foram construídas na França; a estátua de N.D. de Montligeon era bem apropriada para um cemitério<sup>3</sup>.



Imagem de Nossa Senhora de Montligeon

<sup>3</sup> O santuário de Notre Dame de Montligeon situa-se no município de La Chapelle-Montligeon, no departamento de Orne. Ele foi construído de 1896 a 1911. É o padre Paul-Joseph Buguet, pároco desta paróquia, que está na origem dessa devoção à Maria, sob a denominação de Notre Dame libertadora das almas do purgatório, a partir dos anos de 1880.

- Finalmente, o piso foi dividido em sepulturas separadas, encimadas por uma pequena cruz de madeira com uma placa funerária de ferro fundido em forma de coração.

Em **1882**, um pequeno monumento foi colocado no túmulo do Irmão Francisco, à esquerda daquele do Padre Champagnat. À direita, outro monumento tem uma placa de ferro fundido onde estão os nomes de todos os Irmãos da Província que faleceram até 1883.

Em **1893**, os ossos de 10 mortos, enterrados no cemitério temporário, foram colocados em uma única urna e transportada junto à gruta de N.D. de Montligeon. Uma cruz e um coração, onde estão os 10 nomes, foram colocados sobre a tumba comum.

## 2. A RENOVÇÃO DE 2018

### 2.1 Início do projeto (outubro de 2014)

Um dos principais objetivos era facilitar a manutenção do cemitério uma vez que nenhum Irmão era encarregado desse trabalho. Desde a reestruturação do Centro de Acolhida e a implementação da Comunidade Internacional, graças a uma dúzia de senhores aposentados, que dão um dia por mês de seu tempo



Cruz e coração nos quais estão inscritos os 10 nomes do túmulo comum

para a conservação da propriedade, é que uma manutenção mínima e regular do cemitério pôde ser feita. Mas era preciso encontrar uma solução a longo prazo.

É claro que, no contexto da conservação do patrimônio, a pequena equipe responsável pela execução deste projeto, composta pelos Irmãos Xavier Giné, Ecônomo provincial, Heribert Pujolas e Michel Morel, aproveitou a oportunidade para valorizar o cemitério dando-lhe um visual mais moderno e mantendo o que tinha de original. Para esse projeto, financiado pela Administração Geral e pela Província de l'Hermitage, tendo como representante do Conselho Geral o Irmão Xavier Espinosa presente desde o início da reflexão, foi redigido um programa de execução.

### **Alguns critérios selecionados e implementados**

- Nenhuma exumação dos corpos e a possibilidade de continuar a enterrar os Irmãos aí.
- Conservação de alguns elementos típicos da tradição Marista por se tratar do cemitério das origens da Congregação. Entre esses elementos, as placas funerárias, em forma de coração e encontradas, além disso, em vários cemitérios de Irmãos, pelo menos na França.
- Para dar destaque, construção de um toldo e um canteiro de flores, nos túmulos de três Irmãos, entre os companheiros de Champagnat em La Valla; são os Irmãos Louis (que morreu em

1847) Laurent (em 1851) e Stanislas (em 1853). Um quarto Irmão, Yves Thénoz, ex-secretário-geral do Instituto, foi enterrado ao lado deles em 1994.

- Destacados também, por meio de uma cobertura na parede esquerda, os corações com os nomes de todos aqueles que foram enterrados neste cemitério, geração após geração.



**Valorização, graças à construção de uma floreira, dos túmulos de três Irmãos.**



**Valorização através da colocação na parede à esquerda de corações com os nomes de todos os Irmãos sepultados nesse cemitério**



- Melhor integração do cemitério no conjunto da propriedade de L'Hermitage pela redução da altura do muro de sustentação e a remoção de um pilar. Assim, uma visão melhor sobre os edifícios originais põe em evidência a continuidade entre o passado e o presente desta casa das origens aonde tantos Maristas de todos os países vêm se realimentar.



**Vista do terreno original, mostrando a continuidade entre o passado e o presente**



**Criação de superfícies gramadas que são fáceis de cortar; e caminhos de acesso em betão colorido**

- Manutenção mais fácil, criando superfícies gramadas fáceis de cortar; e corredores em concreto colorido. Para a mesma finalidade, as cruzes foram suspensas sobre barras metálicas horizontais fixadas nas extremidades dos postes ancorados em blocos de concreto, a fim de proporcionar estabilidade às fileiras de cruzes e oferecer ao olhar alinhamentos muito retilíneos.



**Maior coerência e aspectos modernos do conjunto**

- Mais coerência e com aspecto mais moderno no todo: em particular, pela remoção da gruta de N.D. de Montligeon, no fundo, à esquerda. Ela será substituída por um tipo de capela-quiosque, hexagonal.
- A escolha das cores das paredes e outros elementos dão ao todo uma grande harmonia: cor amarelo-palha do reboco das paredes lembra a do edifício *Rocher*; o marrom dos suportes da Cruz, o dos portões da propriedade; o branco-creme da Cruz e da grande Cruz remete à luz da ressurreição; o marrom-vermelho do Cristo da

grande Cruz, em contraste com o branco da Cruz, pode evocar o sacrifício de Jesus. Finalmente, o contraste entre as partes em concreto (o toldo dos túmulos dos primeiros Irmãos, a cobertura sobre os muros que o cercam) e a parede em amarelo, enfatizando as linhas horizontais, dão ao todo do recinto uma aparência muito limpa.

## 2. 2 O início dos trabalhos

### O Arquiteto

O Irmão Jesus Recalde San Martín<sup>4</sup>, da Província Ibérica, foi solicitado pela equipe para acompanhar o trabalho e fazer um plano para a



renovação de acordo com as indicações fornecidas pelo programa de execução do projeto. Aos 80 anos, com seu escritório de arquitetura em Pamplona, desenhou os planos em junho de 2015. Durante a renovação da capela de l'Hermitage, em 1989, seu projeto foi selecionado entre outros apresentados no concurso de arquitetos.

Infelizmente, o Ir. Jesús faleceu a 19 de julho de 2017.

<sup>4</sup> O Irmão Jesus Recalde San Martín (5 de outubro de 1935 - 19 de julho de 2018) formou-se arquiteto, especializado em planejamento urbano em 1976. Desde então e até sua morte, exerceu sua profissão no escritório de arquitetura Felix Zozaya, em Pamplona. (Felix Zozay é o irmão de um cunhado de F. Jesus).

**Mestre de obra e empresas**

Isso foi confiado ao Sr. William Villareale, de Saint-Etienne. Os trabalhos foram iniciados em 16 de abril de 2018 e terminaram na sexta-feira, 26 de outubro de 2018, com a reunião de entrega do trabalho, com a presença do proprietário, do mestre de obra e das empresas. O trabalho de demolição, terraplanagem e paisagismo foram feitos pela empresa DPW, de Saint-Jean Bonnefonds, sob a responsabilidade do Sr. Adrien Morel.

A alvenaria (cobertura e lápide sobre os túmulos dos primeiros Irmãos), pela empresa Fontimpe d'Andrézieux-Bouthéon, sob a responsabilidade do Sr. Thierry Vallot.

Tudo que se refere à serralheria (cruzes, corações, a Cruz grande, o portão de entrada, etc.) pela empresa SVS da La Talaudière, sob a responsabilidade do Sr. André Florentin.

O plano proposto pelo Ir. Jésus mudou um pouco, a fim de reduzir o custo; mas o essencial foi respeitado. Resta fazer uma pequena construção para o recolhimento, em forma hexagonal, no lugar da gruta, no canto do fundo à esquerda; bem como o registo de um pensamento de Champagnat sobre a estela em concreto na entrada do cemitério, que dará significado a este lugar:

"Amar a Deus e fazê-lo amado;  
eis a vocação do Irmão".



Da esquerda para a direita: Ir. Michel Morel, Sr. Adrien Morel, Sr. William Villaréal, Ir. Héribert Pujolas, Sr. André Florentin





### 3. CERIMÔNIA OFICIAL DA ABERTURA

#### 3.1. Os Participantes

O Irmão Provincial, Père Ferré e seu conselho julgaram oportuno marcar esta importante renovação do cemitério de l'Hermitage com uma cerimônia oficial. Transcorreu no sábado, 24 de novembro de 2018, das 10 às 12 h, em duas etapas; primeiro no cemitério e, depois, no Pátio São José. Cerca de 70 pessoas responderam ao convite que lhes tinha sido feito; o Ir. Père Ferré, provincial; Irmãos representando as comunidades de Lyon, casa provincial; Marlies, Lagny sur Marne, La Valla, Saint-Genis-Laval, Chazelles sur Lyon, Sr. William Villaréal e Sr. Adrien Morel, da empresa MTP; muitos voluntários que geralmente ajudam no serviço de

recepção e na manutenção da propriedade; membros de uma Fraternidade do Movimento Champagnat; membros das famílias de alguns Irmãos enterrados em L'Hermitage (Irmãos Paul Weaver, Joseph Mounier, Antoine Vallet, Henry Reocreux).

#### 3.2 Vários discursos

**Primeiro momento:  
às 10 horas, no cemitério  
Intervenção do Irmão Michel Morel**

Ele desejou as boas-vindas aos presentes, ressaltando a importância deste evento para este lugar de fundação dos Irmãos Maristas. Ele fez uma recordação bem longa da história dos cemitérios de l'Hermitage. Finalmente, agradeceu a todos aqueles que contribuíram para este projeto.

Eis uma passagem de sua intervenção:

“Agradeço sinceramente os responsáveis das Empresas e ao responsável do canteiro de obras. Quando tudo terminou, a gente teve a impressão de que as coisas não foram muito difíceis de fazer; mas sou testemunha que precisava encontrar soluções para vários problemas não previstos inicialmente. Eles tiveram o cuidado de fazer a coisa certa. Tomaram o tempo necessário para entender o espírito deste projeto de renovação de uma coisa

específica, pois se tratava de um cemitério e trouxeram todas as suas habilidades para realizar o melhor; e que, muitas vezes trouxe detalhes: escolha das cores (gesso, Cruz, corações...). Um especial obrigado, também, ao Ir. Heribert Pujolas, cujo trabalho foi muito valioso para a localização das sepulturas dos Irmãos, remover e reinstalar os corações nas cruzes no lugar certo e também por limpar as áreas ao redor do cemitério. Um obrigado também aos voluntários que ajudaram nos trabalhos preparatórios sobre os corações e, depois, para sua recolocação no lugar certo na cruz”.



#### **Intervenção do Sr. William Villaréale**

Ele salientou a importância que teve para realizar esta obra incomum, pois se tratava de um cemitério. Ele apreciou o espírito com que se realizou o trabalho com as empresas e os Irmãos, em especial, durante as reuniões no canteiro de obra.

#### **Intervenção do Ir. Père Ferré, provincial**

Seguem algumas passagens de sua fala:

“Em primeiro lugar, quero expressar os meus agradecimentos a todos aqueles que trabalharam para que o cemitério de Notre-Dame de l’Hermitage tivesse esta nova cara.

Obrigado também à Comunidade e aos voluntários que cuidaram da propriedade e do cemitério até o presente e continuarão a fazê-lo no futuro, provavelmente de forma mais simples e apropriada. É graças a vocês que a casa (incluindo este lugar) torna-se viva.

Há alguns dias, tive a oportunidade de assistir ao filme “L'école buissonnière”, cujo protagonista é uma criança órfã. Transcrevo-lhes um trecho de um diálogo entre ela e sua “mãe” de adoção:

- Quando a gente morre, a gente vai para onde?
- Ao céu, com certeza!
- Então, por que a gente coloca os mortos debaixo da terra?
- É como os vivos; eles têm necessidade de uma casa. Então, o túmulo, é a casa dos mortos, com seu nome gravado sobre ele. E nós, a gente se reúne aí pensando neles”.

Na verdade, nós precisamos de um lugar para lembrar aqueles que já morreram e lhes prestar homenagem lembrando-nos deles.

Hoje, podemos nos fazer a pergunta: por que nos ocupar ou nos preocupar com os falecidos, se nós fomos fundados para ter uma missão junto aos jovens? Em primeiro lugar, porque aqueles que estão enterrados aqui foram jovens, mas também porque eles investiram o melhor de si no serviço à juventude. Não vejo contradição. Na verdade, a gente diz que “quem perde suas origens, perde sua identidade”. E o cemitério é o grande relicário de nossa família: o lugar que nos liga às nossas origens. Nós, os Irmãos, durante os retiros gostamos de passar um tempo neste lugar: caminhar, olhar os nomes, soltar a nossa imaginação, nossa memória, recordar-nos das imagens e dos momentos com essas pessoas com as quais vivemos uma parte do caminho juntos.

Temos uma longa história de Irmãos falecidos. O primeiro Irmão que morreu é o jovem Jean-Pierre



Martinol, em 29 de março de 1825, que foi enterrado em Boulieu, onde era o diretor. A evocação dos nossos Irmãos defuntos é, muitas vezes, assunto de nossas conversas e que continua assim a torná-los presentes.

Muitas vezes, quicá por causa da influência do cinema em nossa sociedade, pensar em cemitério é pensar num lugar escuro, triste, lugar marcado pelo medo, solidão, pavor. Na verdade, não é assim. É significativo estar neste cemitério bonito, espaço aberto, verde, bem cuidado. Ele convida-nos à esperança e à memória agradecida. Que ele continue a ser para nós um sinal de fraternidade, esperança... e de amor.

Não sei quem teve, em nossa tradição Marista, a boa ideia de fazer placas de nossos Irmãos falecidos em forma de coração, mas é significativa: lembram-nos de nosso espírito de família, porque por trás de cada coração, cada nome, podemos colocar um rosto, uma experiência de vida compartilhada, uma aprendizagem para todos nós.

Geralmente, falamos aspectos bons das pessoas no momento do seu funeral. E isso é bom. Mas estar aqui hoje é também um chamado para cada um de nós. Um convite para expressar nosso espírito de família, falando bem dos outros. Somos todos humanos, com nossas qualidades e nossos defeitos, nossas tristezas e alegrias. Que possamos, em nossa vida, estimular e ajudar uns aos outros.

Marcelino Champagnat, nosso fundador, quis-nos pessoas confiantes, com um coração filial para com Maria. Ele disse “Como é bom morrer na família de Maria!” Que nossa Boa Mãe continue a fortalecer nossa vida e nossa caminhada fraterna.”

### 3.2 A cerimônia de bênção

Depois dos discursos, seguiu-se a cerimônia de bênção. Foi o padre Gabriel Perret, sacerdote diocesano e

atual capelão de N.D. de l’Hermitage, que presidiu esta bênção; um dos seus irmãos, Joseph, Irmão Marista, está enterrado neste cemitério.

Após o canto de abertura: “*Tenons en éveil la mémoire du Seigneur, gardons au cœur le souvenir de ses merveilles*”, o padre Gabriel Perret fez a seguinte oração de bênção:

“Deus, de quem vem todo o conforto, tu estabeceste em tua justiça que nossos corpos mortais, formados a partir da terra, retornariam à terra, mas em tua misericórdia, mudaste esta lei no testemunho do amor:

Deste a Abraão, o pai dos crentes, uma sepultura na terra prometida; exaltaste a dedicação de Tobias por enterrar seus irmãos; quiseste que teu Filho único fosse colocado em um túmulo novo de onde ele se revelaria vencedor da morte e garantia da nossa ressurreição futura.



Eis porque, Senhor, nós te pedimos:  
 Pelo poder de tua bênção, que este cemitério renovado para receber os corpos mortais seja um lugar de descanso e esperança;  
 Que neste lugar, os corpos dos falecidos descansem em paz até o dia em que eles se revelarão imortais na gloriosa vinda do teu Filho;  
 Que neste lugar, o pensamento dos vivos se eleve para a esperança da eternidade;  
 Que, deste lugar, chegue a Ti a oração por aqueles que descansam em Cristo e para celebrar sem cessar Tua misericórdia. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém”.

Os participantes foram convidados a caminhar pelo cemitério, perto dos túmulos de Irmãos de sua escolha enquanto o padre Gabriel aspergia as sepulturas e a assembleia.

Em seguida, todos se reuniram em torno da grande Cruz, para o canto “*Tu nous guideras au sentier de vie, tu nous ouvriras ta maison, Seigneur*” e para a oração final:

“Senhor, Pai Santíssimo, tu quiseste que a Cruz de teu Filho fosse fonte de todas as bênçãos e a causa de toda a graça.  
 Seja favorável a nós que olhamos para esta

Cruz renovada como sinal da nossa fé e concede-nos permanecer unidos aqui na terra, ao mistério da paixão de Cristo e, portanto, ter a alegria de participar para sempre de sua ressurreição. Ele que reina contigo por todos os séculos. Amém”.

E de acordo com a tradição Marista, durante o último adeus a um Irmão perto de seu túmulo, o Ir. Michel Morel convidou a assembleia a cantar a *Salve Rainha*.

Assim terminou essa cerimônia impregnada ao mesmo tempo de simplicidade, fervor e esperança.

#### 4. O DRINQUE DA AMIZADE

O Irmão Maurice Berquet, superior da comunidade de acolhida de L’Hermitage convidou todos os participantes para compartilhar um aperitivo no Pátio São José. Foi um tempo muito acolhedor, para aquecer o corpo e o coração, dando a oportunidade de continuar as conversas, evocar lembranças e reforçar os laços de amizade e fraternidade.

---

#### **Três citações como conclusão:**

“Aquele que perde suas origens, perde sua identidade.  
 E o cemitério é o grande relicário de nossa família:  
 o lugar que nos liga às nossas origens”.

**Ir. Père Ferré**

“Há algo mais forte que a morte; é a presença do ausente na memória dos vivos”.

**Jean d’Ormesson**

“Deus deu uma irmã para a memória e Ele a chamou esperança”.

**Michel Ange**



## **IRMÃO LOUIS RICHARD (1931-2018)**

Ir. André Lanfrey

No dia 12 de novembro de 2018, foi celebrado, em Saint Paul-Trois-Châteaux, o funeral do Ir. Louis Richard. E é justo que os Cadernos Maristas honrem sua memória, não somente porque ele mesmo escreveu muito sobre a história ou a espiritualidade marista, mas porque, modernizando a velha tradição beneditina, ele consagrou longos anos ao digitalizar uma quantidade enorme de documentos dos Arquivos Maristas até então dificilmente acessíveis. Graças a ele – e a outros dedicados coirmãos – um pesquisador marista pôde agora dispor no seu computador das principais fontes antigas, e às vezes menos antigas, do Instituto. Mas, antes de se consagrar a este trabalho, o Ir. Louis teve uma vida bem cheia.

Ele nasceu no dia 20 de maio de 1931, em Valliguières, (Gartd). Seu pai era viticultor (vinhateiro). Sua mãe cuidava da casa - 2 meninos e 2 meninas - enquanto se envolvia na vida paroquial (movimentos juvenis, catequista, organista). Em 1943, Louis e seu irmão mais velho, Jean-Pierre, foram levados ao Pensionato da Imaculada Conceição de Aubenas (Ardèche), longe de sua aldeia natal. E é aqui que começa a vocação marista de Louis.

Ele entrou no juvenato de La Valla, em setembro de 1945, e continuou sua formação primeiramente em Ferrières-sous-Aubenas, depois em Saint-Paul-Trois-Châteaux. Em 1948-1950 é a etapa do postulado e noviciado em Notre-Dame de Lacabane, em Corrèze, seguida de um ano de escolasticado em Saint-Genis-Laval. Ir. Louis começa a ensinar em Séverac-le-Château, em Aveyron, e em seguida vai ao Líbano (Jbeil, Saïda), por dois anos atuar no serviço de “Cooperação” em substituição ao serviço militar. No retorno, ele foi professor em Marseille e depois em Aubenas. Sua carreira de diretor ocorrerá em dois períodos de seis anos: no início em Marseille, em seguida, em Bourg-de-Péage. Entre esses dois períodos, ele teve alguns meses de atualização marista na Itália, em Velletri, perto de Roma. Ir. Louis retorna a Marseille em 1980 como professor de filosofia e catequista nas séries finais. Seriadamente debilitado por uma doença crônica grave, ele vai para a casa de idosos em Saint-Paul, em 2001. Aí ele anima cursos bíblicos para adultos e exerce a função de organista. Sobre tudo, ele consagra inumeráveis horas em verdadeiro trabalho beneditino que já mencionei acima.

Em 2009, em atenção ao meu pedido, o Ir. Louis fez um relato de sua atividade, esclarecendo as origens de sua vocação como copista:

“No final de minha carreira, em 1996, eu era professor de filosofia em Marseille e, aos 65 anos, teria que me retirar das atividades pagas pelo Estado. Isso não significa que não havia nada a ser feito. Então me dediquei, até o início de janeiro de 1997, a escolher atividades gratificantes para mim e úteis para os outros. Eu participava dos dois meses em Roma, e foi então que o arquivista da época, o Ir. Paul Sester, veio a uma conferência, falar sobre seu trabalho<sup>1</sup>. E ele acrescentou que seria bom ter algumas pessoas que pudessem ajudá-lo.

[...].Ele me disse para trazer um computador para informatizar documentos. Eu só conhecia computadores por fotos... mas, com a ajuda de antigos colegas especialistas em computação, em Marseille, comecei a usar essa forma de comunicação. Eu havia aprendido a escrever corretamente em uma colônia de férias do escolasticado, em Pélussin, encontrando, debaixo de uma escada, uma velha Remington (máquina datilográfica) e um método: isso me serviu durante toda a minha vida profissional, mas especialmente após”. ...

“Os primeiros documentos que o arquivista me confiou para fotocopiar foram as cartas pessoais do Irmão João Batista. Depois, vieram os cadernos de retiro do Irmão Francisco: era preciso se habituar à minúscula escrita do nosso primeiro Superior Geral, ao seu hábito de escrever até a borda extrema das folhas. O final de algumas frases se perdia na obscuridade da encadernação e, às vezes, era necessário estarem três nos arquivos, com a lupa, e consultar o original para tentar decifrar algumas passagens. Enfim, foram trabalhos próprios de arquivos que me foram confiados”.

Nesse mesmo relato, o Ir. Louis cita uma lista dos trabalhos realizados, dos quais vou mencionar só os principais. Entre as fontes manuscritas: as Cartas do Padre Champagnat colocadas em francês moderno, as circulares do Irmão Francisco e seus vinte e dois cadernos de notas espirituais e profanas; as dezessete coleções de cartas administrativas dos Superiores Maiores, desde as origens até o Ir. Leônidas; os registros dos relatórios do Conselho Geral, das origens até os anos 1950. Para as fontes impressas, os quatro grandes volumes de *Origines Maristes* dos Padres Coste et Lessard; toda a coleção de *Bulletins de l'institut* de 1909 a 1982; várias obras antigas do Instituto, como o *Manuel de piété* (1855), os *Principes de perfection* (1866), o

<sup>1</sup> É em um artigo muito recente em Cadernos Maristas (n. 35, maio de 2017, p. 139-142) que o irmão Paul Sester, elaborando a história da informatização dos arquivos de Roma, também evoca esse encontro.



*Directoire de la solide piété* (edição de 1875); os dez volumes de obituários, começando com a *Biographies de quelques Frères* (1868).

A atividade do Irmão Louis começou a diminuir em decorrência de um acidente vascular cerebral que o deixou com deficiência na mão esquerda. Recentemente ele se encontrava muito mal para permanecer em Saint-Paul e foi transferido para Saint Genis-Laval, onde ele se sentia bem, apesar de sua força declinante, em continuar seu trabalho de copista.

Louis foi, portanto, um trabalhador incansável em um campo ingrato, ignorado e difícil de ser reconhecido. Mas, aqueles que se interessam pelo patrimônio espiritual e intelectual marista sabem que lhe devem um enriquecimento prodigioso do conhecimento de nossa tradição e a possibilidade de realizar uma série de pesquisas. Adaptando um pouco as palavras do Salmo 85, eu diria que Louis soube, por meio de seu trabalho, fazer se encontrarem o amor e a verdade na sua família espiritual.

Finito di stampare nel mese di maggio 2019  
presso la CSC Grafica (Roma)  
[www.cscgrafica.it](http://www.cscgrafica.it)



